

JUNHO 1906

SUMMARIO

Cronica.....	Olavo Bilac.
Regias.....	Thomaz Lopes.
As mulheres de Puvis.....	Gonzaga Duque.
Antonetta Rudge Miller.....	
Theorias.....	Coelho Netto.
A lenda de Anchieta.....	Dr. Alcibiades Furtado.
Ouro Red.....	Mario Behring.
Aspectos de Petropolis.....	(Gravuras).
A lenda de Guadalupe.....	Virgilio Varzea.
A Exatidão do Presidente Eleito	
A lenda de Sobrinha.....	Fantasio.
A lenda de Arvo.....	Costa Macedo.

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Terrestres e Maritimos

Negocios Realizados:

Rs. 200.000.000\$000

Sinistros pagos:

Rs. 3.000.000\$000

Fundos de Garantias e

Reservas:

Rs. 4.000.000\$000

PEDIR PROSPECTOS

SEGUROS MARITIMOS

EM DINHEIRO

Única palavra em Seguros
de Vida

Prêmio exclusivo

DA EQUITATIVA

Depositos em nome

em nome de todos os Segurados
e seus herdeiros

125, AVENIDA CENTRAL, 125

ENFRENTO DO BANCO DE PORTUGAL

* * * * *

Agencia em Lisboa e Braga e outras em Portugal

KÓSMOS



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. 20\$000

EXTERIOR. 25\$000

NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ALFANDEGA, 24
RIO DE JANEIRO

ANNO III

JUNHO 1906



ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

CRONICA



JUNHO é um doce mez de alegria. Ainda sem fogueiras, sem balões, sem bombas, sem rodinhas de fogo, — a festa de S. João é um encanto!

Estes dias, frescos e bellos, convidam a passeio; estas noites, frias e longas, favorecem os saráus alegres, onde não raro se trocam, entre rapazes e raparigas, os primeiros olhares apaixonados e os primeiros furtivos apertos de mão, que levam á igreja e á pretoria. Não é Santo Antonio o unico santo casamenteiro deste mez: todos os santos de junho são protectores do namoro, — e até o severo S. Pedro, com as suas longas e veneraveis barbas brancas, é um condescendente intermediario entre os corações anciosos.

Ha quem diga que as festas de junho não tem actualmente o mesmo encanto de outr'ora... Geralmente, quem isso diz é a gente velha, que vê tudo com os olhos da

saudade. Como se alguma cousa fosse susceptivel de mudança n'este velho mundo, que não faz outra cousa senão se repetir até a consummação dos seculos dos seculos!

Nós, sim, mudamos: ficamos velhos, e perdemos a comprehensão e o amor das cousas que na mocidade nos encantavam. Machado de Assis exprimiu bem essa triste verdade num lindo soneto dedicado ao Natal:

Um homem, — era aquella noite amiga,
Noite christan, berço do Nazareno, —
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quiz transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
N'aquella mesma velha noite amiga,
Noite christan, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas frouxa e manca,
A penna não acode ao gesto seu...

E, em vão luctando contra o metro adverso,
Só lhe sahiu este pequeno verso:
"Mudaria o Natal? ou mudei eu?"

Não! não mudou o Natal, como não mudam as folganças de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro, como não muda uma só dessas lindas festas, que nos encantaram na infancia e na adolescencia, e nas

quaes, já velhos, ou apenas maduros, não podemos mais encontrar o mesmo encanto. Nós, sim, mudamos, — e ainda que tivéssemos hoje fogueiras de S. João, não poderíamos, á beira d'ellas, sentir o que sentiu um outro poeta nosso, o lyrico Luiz Guimarães:

.. Noite de São João! Quantas legendas
Na terra espalhas! Noite immensa e bella!
Quereis senti-la bem, e comprehendel-a?
Ide aos campos do sul, ide às fazendas!

Do céu nas alvas e orvalhadas rendas,
Favorita de Deus, nua, resvêla
A lua cheia... E' sua noite aquella!
E das bruxas tambem, — dizem as lendas...

Eu, livre pensador de grave sizo,
Eu, que me ria d'essas frioleiras,
— Depois que vi, ó flôr do Paraiso,

Brilhar á luz vermelha das fogueiras
Teu divino semblante num sorriso,
Creio em feitiços, creio em feiteceiras!...

Ah! com fogueiras ou sem fogueiras, sempre a noite de S. João ha-de operar muitos milagres como esse.

Amae-vos, rapazes e raparigas! os santos de junho são meigos e condescendentes, e gostam de proteger os amores... que acabam bem.



Junho, porém, não é sómente o mez dos namoros e dos casamentos. E' o mez das partidas elegantes, dos espectaculos, das Exposições de Arte.

Já tivemos a inauguração das Conferencias litterarias, vamos ter a exposição — Malhóa, temos todos os theatros occupados por meia duzia de companhias estrangeiras, e todos cheios.

Todos, não. O Lyrico, enquanto nelle trabalhou a formosa e admiravel Tina di Lorenzo, esteve quasi sempre criminosamente e imperdoavelmente vasio.

Porque? é uma pergunta que tem de ficar sem resposta. Ninguém explica o que é naturalmente inexplicavel. Como explicar que fique sem espectadores e sem admiradores uma actriz que é uma das mais completas e captivantes que nos teem visitado?

Francamente, não sei o que faz do seu tempo e do seu dinheiro a gente, que, n'esta cidade, se jacta de possuir intelligencia e bom gosto, a gente culta, a gente d'essa casta privilegiada, que a si mesma se condecóra com o pomposo titulo de «alta sociedade».

E' absurdo e injusto dizer que o povo não gosta de se divertir. O *povo* enche os seus theatros, frequenta os espectaculos que lhe agradam, e enriquece os empresarios: ainda este mez, uma "revista", nem melhor nem peor do que as outras, com todas as qualidades e todos os defeitos do genero, — genero unica e exclusivamente explorado pelos auctores e pelas empresas para agradar o povo, — completou cem representações, conquistando enchentes successivas. E cheios teem estado os outros theatros: cheio o *Recreio*, onde uma companhia do Porto representa operetas e revistas; cheios o *S. José* e o *Apollo*, onde duas companhias, tambem portuguezas, representam dramalhões pantafaçudos e vau-devilles de sal grosso; e cheio o *Palace-Theatre*, onde as cantoras timbram em mostrar ao publico fiorituras de canto e alvuras de collo nú... Não é, pois, o povo quem revela indiferença pelas cousas da Arte: elle aprecia e applaude *a sua arte*, a arte que está ao alcance da sua intelligencia e da sua cultura.

E não é propriamente ao povo que são destinados os espectaculos como os de Tina di Lorenzo; não é para o povo propriamente que uma actriz de real e superior talento vem aqui representar peças de Shakespeare, de Sudermann, de Donnay, de Bernstein, de Barrès, de d'Annunzio. E', sim, para a burguezia endinheirada e instruida... Onde se mette essa burguezia? e que faz ella do seu dinheiro e da sua instrucção? que fazem, á noite, esses banqueiros, esses senadores, esses deputados, esses diplomatas, esses doutores, esses bachareis, que formam a nata, o creme, a flor do nosso organismo social? Das duas uma: ou essa gente não vae absolutamente ao theatro, e prova com isso que não tem gosto, nem

intelligencia, nem educação artistica, nem civilisação; ou vae aos theatros populares, preferindo aos espectaculos de verdadeira arte as bambochatas que divertem o povo, e, nesse caso, deve despojar-se da sua philauctia, e deixar de fingir uma superioridade intellectual que não possúe...

A verdade é que grande parte d'essa gente apenas conhece e apenas cultiva, da vida civilisada, a sua manifestação menos intelligente, e mais tola, — que é o amor do luxo e da ostentação. Se, desde o começo da temporada de Tina di Lorenzo, se houvesse estabelecido esta regra "é *chic* ir ouvir a Tina! é *smart* ir applaudil-a! é *dernier bateau* dizer que ella é um genio!" — todos esses representantes da nossa alta burguezia lá estariam, encasacados e solemnes, batendo palmas e desmanchando-se em *ohs!* e *ahs!* de embasbacada admiração.

Esses *snoobs* são os escravos do *chic*, — e da França. E só gostam das boas cousas da França, quando saboreiadas lá. Quando esteve aqui, ha tres annos, a scintillante e encantadora Réjane (convém notar que os espectaculos da Réjane foram concorridissimos unicamente porque desde o começo ficou estabelecido que era profundamente *chic* frequental-os), encontrei um d'esses *snoobs* no *buffet* do Lyrico, n'um intervallo de *Ma Cousine*, e interroguei-o:

— Então? admiravel, não?

Elle torceu o nariz, e disse:

— Sim! admiravel... Mas eu já ouvi a Réjane em Paris, e, francamente, lá... ella é uma actriz muito melhor!

— Como? muito melhor? — perguntei, espantado. — Mas se a actriz é a mesma, se o repertorio é o mesmo, se a *troupe* é, mais ou menos, a mesma...

— Sim! — murmurou elle — mas, aqui, falta á Réjane alguma cousa: falta-lhe a athmosphera de Paris, — falta-lhe o espirito de Paris, falta-lhe a civilisação de Paris, falta-lhe o *chic* de Paris! Ah! meu amigo! Paris é tudo! em Paris, tudo é bom! em Paris, até a lama das ruas tem bom cheiro!... Creia que a Réjane só deve ser ouvida em Paris...

Ahi está, bem claro e bem definido, o senso artistico de muita gente...



Mas deixemos esse assumpto desagradavel, e para fechar a *Chronica*, demos a Malhõa, grande artista, um abraço de boasvindas, atirando-lhe uma braçada de flores.

Malhõa é um pintor de extraordinario talento, que o Rio de Janeiro deve receber e hospedar com especial carinho.

Os primeiros trabalhos seus, que vi, foram dois quadros que elle mandou, de Lisboa, em 1895, á Exposição de nossa Escola Nacional de Bellas Artes. Eram duas telas deliciosas. Uma d'ellas, *Caça aos taralhões*, era uma linda paizagem, no meio da qual, entre arvores raras e esguias, havia uma criança ajoelhada sobre a relva: uma figura admiravel de graça, de expressão, de ingenuidade. Na outra, *Ouriços*, havia tambem uma criança, um pequenino, louro e corado, camisinha desabotoada, pés nus, face muito séria, olhando com medo os fructos espinhosos: em torno d'esse pequenino, alongava-se a estrada, amarella e triste...

Eram dois quadros, de uma suavidade enternecedora, que não sei onde páram hoje, mas que nunca mais esqueci.

Depois d'isso, conheci Malhõa na Europa, vi muitos outros quadros seus, — e, se fiquei a admiral-o ainda mais como artista, fiquei tambem a estimal-o como homem, — homem de admiravel educação e de fino espirito...

A' hora, em que escrevo estas linhas, ainda não está inaugurada a sua Exposição. Mas é uma delicia que teremos por todo este fim de junho.

Preparemo-nos para ella, — e festejemos com entusiasmo este artista, que é um servidor da verdadeira Arte...

Só nos falta agora, como ultima vergonha, que deixemos ás moscas os seus quadros!

O. B.

RAINHAS

ENTRE os caminhos relvados e sombrios de um parque real, um ditoso par, disfarçando a emoção, olhava as flores que se abriam e perfumavam o espaço, na ilha nebulosa. Vendo a senhora que seu tímido cavalheiro não falava, ofereceu-lhe a mais fresca rosa dos canteiros... Nem assim, nem ante essa romantica declaração de amor, se decidiu o orgulhoso mancebo a uma palavra de affecto. Elle temia que a maledicencia e a inveja tecessem uma teia perversa e attribuissem á ambição o que apenas era o puro falar de sua alma nobre. Era um fim de tarde; um crepusculo, em tons indecisos, ia desmaiando no horizonte griz; respirando a flor, sabia que ella murchava, mas que o seu perfume aromatisaria para sempre a sua mocidade, a sua vida, o seu amor... Depois houve uma festa, — concerto ou baile; e no intervalo das melodias ou das valsas, ella perguntou sorrindo ao seu emocionado cavalheiro si não desejava habitar para sempre a Inglaterra.

— Senhora, este é o meu sonho doirado; mas eu não ousava manifestal-o a Vossa Magestade.

Foi assim que o discreto Principe Alberto casou com a gloriosa Rainha Victoria. A Gran-Bretanha abençoou esse casamento, por saber que a sua amada soberana não escolhia para companheiro da sua existencia um candidato do Ministerio dos Estrangeiros. D'essa vez era ainda a Inglaterra que dava o exemplo da mais pura liberdade, da mais nobre indepen-

dencia, — o direito do amor. Reis e Principes que a Humanidade invejava, eram sempre as victimas da Razão de Estado, e casando, em vez de um lar e de uma familia, creavam uma escravidão e um jugo. Deante dos palacianos, dos cortezaos, dos diplomatas, — marido e mulher se tratavam por Magestade, — como si fossem entes á parte, como si não sentissem e não tivessem coração; a etiqueta impedia que elles se quizessem bem... Tudo isso passou, tudo isso mudou; já vae longe o tempo

em que o Imperador do Japão não se mostrava em publico para que o Povo pensasse que elle era um sêr divino e sobrenatural. Uma Rainha de hoje já não responde á dama que lhe pergunta, cheia de solitudine, pela saúde do pequeno Infante indefluxado que «Sua Alteza Real o Principe herdeiro deu um espirro»; sorri, como qualquer Mãe, e agradece o cuidado:

— Meu filho está um pouco constipado.

O triumpho colossal da Democracia que surgiu na America, voou a França, no fim do reinado de Luiz XVI e atravessou a Mancha e para sempre se installou na Inglaterra, acabou por dominar toda a Europa, mesmo nas côrtes de rigorosa etiqueta. Alem das honras, dos proveitos e dos perigos, uma familia

real tem hoje a vida de qualquer outra familia rica. E para este nobre conceito do lar, para que os Reis se tuteiem e se tratem pelos nomes de baptismo, não houve fórmulas de protocollo, nem tratados internacionaes, nem arranjos diplomaticos; tudo surgiu, como por milagre, de uma rosa que a Rainha Victoria ofereceu ao Principe Alberto, — ao fim de uma tarde, n'um parque real da Inglaterra...



PRINCEZA ENA DE BATTENBERG

Outr'ora uma Princeza occupava um throno, por interesse politico. Tão longe andava o coração nesses ajustes diplomaticos que a Lenda inventando as suas historias, contava:

— Era uma vez um Rei que prometeu dar a filha em casamento ao homem que descesse correndo uma escada com um copo d'agua na mão...

E assim, pela habilidade de um equilibrista as allianças se faziam e se desmanchavam, como nuvens de verão.

Talvez os Reis não fizessem o que dizem as historias da Carochinha; mas, como presentes de bodas, dividiam os bens da corôa, e apresentavam ás filhas um principe desconhecido:

— Este aqui é o teu noivo...

Acontecia tambem que si a noiva tinha uma irmã gêmea, o pobre Principe passava pelas difficuldades e enredos de "Giroflée-Giroflá." Mas os Reis faziam o que fazia o Povo; as meninas, no dia em que deixavam o convento, iam encontrar na casa paterna o noivo e o enxoval. O Povo mudou, os Reis mudaram; os principes escolhem hoje as suas eleitas, as suas bem-amadas quasi com a mesma liberdade dos homens simples e naturaes.

O actual Rei da Italia casou por amor e paixão véra com uma singela e modesta Princeza do Montenegro. D'essa boda não resultariam fortes e heroicas allianças de politica; mas Victor Emmanuel, que antes de ser soberano é homem, percebeu que para a felicidade de um lar não ha nada mais inutil do que a Politica. A rainha escolhida não é para a Italia um primeiro ministro, mas é uma virtuosa Mãe de Familia. E' pouco para um Tratado de Direito Internacional; é tudo para a felicidade do seu povo.

A Rainha Helena não é celebre por valsar bem, nem por ter vestidos preciosos; mas onde ha uma desgraça ella está, — consolando, socorrendo, sorrindo. Toda a Italia recorda comovida o papel sympathico de sua Soberana, durante a recente catastrophe de Napoles.

D. Amelia de Portugal anda em Cintra, em Cascaes, em Estoril, sempre só, a pé ou a cavallo, com uma simplicidade que se não permittiria uma castellan da Edade-Média.

D. Maria-Christina, quando sahe a passeio, atravessa as ruas de Madrid, n'um *landau* aberto, sem a menor escolta, levando apenas consigo uma dama de companhia. Assim tambem anda o Rei; assim andarás a futura Rainha.

Os modernos historiadores hespanhoes, que procuram por todos os meios rehabilitar Felipe II, teem trazido á luz factos interessantes sobre a sua notavel personalidade. Assim, por exemplo, consta que um pintor palatino estando no seu quarto, no Escorial, preparando o bosquejo de um quadro, sentiu que duas mãos tapavam seus olhos; e sem surpresa, o artista sorriu:

— Já sei que é Vossa Magestade.

Era Felipe II; a certeza do pintor prova que já elle estava habituado a essas familiaridades; e essas familiaridades demonstram que Felipe II tinha um caracter dóce, na intimidade...

* *

Depois da Coroação, diziam os corteãos a Affonso XIII que na Inglaterra existia uma Princeza muito bonita, para cuja formosa cabeça parecia ter sido feita a corôa de Hespanha. Não era a Victoria Eugenia de Battenberg que se referiam os palacianos. O Rei partiu á procura da encantada Princeza; mas quando a viu em Londres, já o seu coração estava enamorado da que hoje é quasi rainha.



AFFONSO XIII



...«l'amour le plus discret

Laisse par quelque marque échapper son secret...»

Si os amores dos Poetas ou dos simples mortaes não passam despercebidos, quanto mais os dos Reis,—senhores de todo mundo, homens para quem se inventaram as biographias e as photographias. O noivado de Affonso XIII tem merecido todas as chronicas da actualidade; as revistas illustradas reproduzem por milhares os retratos dos regios namorados, e quem vae a Biarritz não deixa de passar perto da famosa «Villa Mouriscot»,—fresca vivenda campestre, no alto do caminho da estação de «La Nigresse», occulta entre a sombra de pinheiros antigos, batidos pela viração constante que vem da Biscaya.

Foi na «Villa Mouriscot» que mais romantico se tornou o noivado do Rei; de San Sebastian, S. M. ia todos os dias, em automovel, e só á noite regressava. Mal se aproximava do portão, aberto entre dois muros, sempre vigiado pela policia franceza, os photographos, em nuvens, imprimiam dezenas de instantaneos.

A Princeza Ena,—hoje Victoria Eugenia de Battenberg já era pois muito conhecida na Hespanha, no dia em que chegou ao palacio do Pardo. Desde Irun, na fronteira, até o momento em que desembarcou, a noiva do Rei de Hespanha foi delirantemente acclamada. Todas as sympathias se voltavam para ella; e quando ao desembarcar, envolta em flores que de toda parte lhe atiravam, ouviu o *God save* e a *Marcha Real*, a sua commoção foi mais intensa, e os seus limpidos olhos azues se banharam n'um humido véo de lagrymas. A Princeza,—alta, branca e loira—é formosa; vem da Inglaterra, da ilha brumosa; vem sêr Rainha, mas deixa na sua Patria todas as memorias da infancia, a familia, as amigas, as recordações; e além de tudo isto,—a futura Rainha tem dezoito annos. O povo comprehendeu, e durante toda a viagem a linda Princeza teve uma alegre apothiose. Mas era apenas sympathizada, estimada; hoje é adorada,—porque entra na Hespanha perdoando e salvando vidas.

Em Badajoz o carrasco chegára para levantar o patibulo; na estação da Estrada de Ferro nem um carregador quiz ajudal-o a transportar a sua sinistra bagagem; nem um cocheiro attendeu ao seu aceno,—como si fosse a propria chamada da Morte; nem um hotel o recebeu, nem um carpinteiro quiz servir de ajudante:—a multidão apupou-o e quiz lynchal-o. Para ir até o carcere (unica porta que se abriu ao seu desejo), teve de ir acompanhado por soldados da *Guardia Civil*, numerosos e armados. Nesse mesmo dia chegára a Princeza á terra em que vae sêr Rainha; e em Badajoz a população se recolheu n'um silencio triste, desfez os adornos para as festas reaes, o commercio fechou,—e o réo «entró en capilla», para no dia seguinte, ás quatro horas da tarde, o verdugo apertar-lhe o pescoço.

Tambem em Ferrol já um luzido pelotão se preparava para fusilar um soldado. E em toda a Hespanha se preparavam festejos... O soldado de Ferrol tinha mais duradoira esperanza porque a execução não estava ainda marcada; mas o réo de Badajoz tinha os minutos contados. Ao meio-dia a Princeza Eugenia recebeu um telegramma do Alcaide d'essa cidade pedindo que intercedesse juncto ao Rei para que o *garrote* não manchasse de sangue uma terra pacifica, laboriosa e honesta. A Princeza pediu; Affonso XIII indultou os dois desgraçados.

Mas em Badajoz eram tres horas da tarde; a cidade offerencia um aspecto de tristeza e lucto; na capella, o réo mal podia ouvir os ultimos conselhos do padre, porque,—secco e surdo chegava aos seus ouvidos o rumor do martello com que o carrasco pregava os ul-

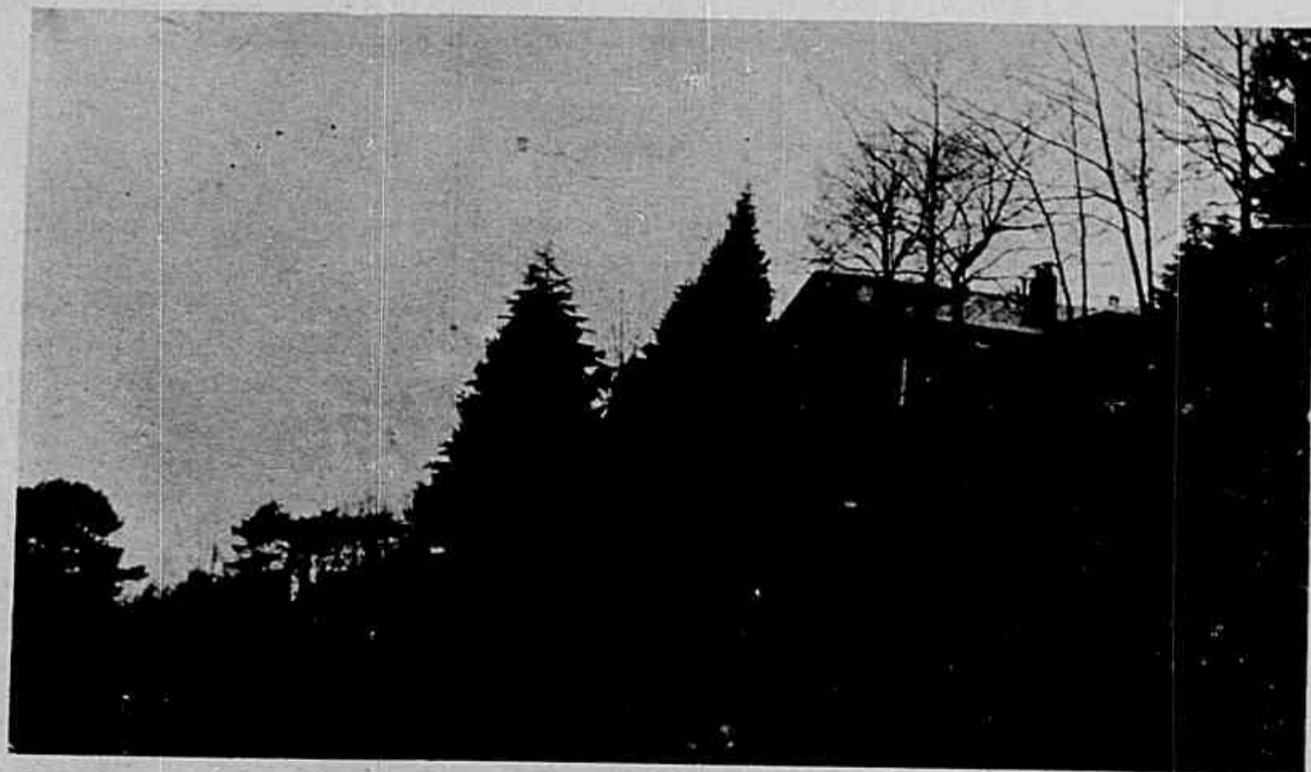
timos pregos na derradeira taboa do cadafalso. Depois vieram atar-lhe as mãos e os pés; e o moribundo, no ultimo arranque de um deses-

«muy heroica y leal villa de Madrid» cercada de todas as honras, talvez que entre a commoção em que andar a sua alma, surja a lembrança dos dois homens que livrou da morte. É naturalmente, entre os hymnos e as aclamações, a doce Princeza da Gran-Bretanha ha de pensar que — mais nobre que o mando e que a grandeza, que mais grato que todas as prerogativas, que mais ambicionado que todos os direitos régios — é um outro direito, virtude das almas simples e generosas, facil como o vôo sereno de azas brancas e o azul, — o meigo, o divino, o incomparavel direito de perdoar. Neste seculo alarmado de ideias



pero inconcebivel, lembrando-se de que era forte e de que tinha vinte e oito annos, offereceu uma resistencia titanica. Mas elle ia morrer; era só no mundo para poder defender-se; tinha contra si alguma coisa de sagrado e indecente, ao mesmo tempo, conhecida pelo nome generico de Lei; tinha contra si os homens armados, e contra si tinha principalmente o seu infortunio. Era forçoso entregar-se; era forçoso morrer.. Uma porta se abriu, — elle estremeceu, julgando que já fosse o carrasco. Ao mesmo tempo, como n'um sonho de allucinado, ouviu que os sinos da cidade cantavam alegremente, e ia pelas ruas um rumor de festa... Pela porta que se abriu entrou o Alcaide trazendo um telegramma aberto na mão: — era o indulto do Rei; faltava uma hora para morrer...

as novas, de pensamentos audazes, de conceitos rebeldes, — o perdão é certamente a mais forte de todas as magestades, a mais amavel graça das Rainhas, quer occupem um throno, quer disponham apenas de um coração...



Assim o comprehendeu a noiva de Affonso XIII, para a gloria do seu povo, para a felicidade de toda a nobre e generosa terra Hespanhola...

Madrid, 30 de Maio de 1906.

THOMAZ LOPES.

A Hespanha adora a sua futura Rainha; quando no dia 31 ella entrar oficialmente na

As Mulheres de Puvis

DOS que ouvem falar de Puvis de Chavannes muitos, sem duvida, o comprehendem como um *mystico*, pintando vagos paineis melancolisados e trazendo á visualidade dos contemporaneos o typo deliquescente, intangível, evocativo da Mulher que o exotismo fim de seculo representava nas illustrações á literatura então denominada *decadente*.

Não ha illusão mais completa nem, ao mesmo tempo, mais justificavel.

Um dos amigos de Puvis, que foi o seu caloroso biographo, Mr. Marius Vachon, diz-nos que, por uma vez, em Pariz, melifluo e guedelhudo *nephelibata*, para o lisonjear, fez allusão ao seu mysticismo e á sua castidade.

O mestre respondeu-lhe, desabridamente, que não pretendia fóros de santarrão e que ninguem conseguiria fazer coisa prestavel sem amar as mulheres, a voluptuosidade, e tudo quanto fosse bello e bom.

Nesta resposta, no emtanto, não está a expressão exacta, não está a definição nitida do modo pelo qual o auctor do *Ludus pro Patria* interpretava a Mulher.

Por estas palavras parecerá que elle a comprehendia á maneira romana, forte, veripotente, sensual, prompta para os ardores da concupiscencia, plastica seductora para os olhares dos Desejos!

A sua obra, porem, encarrega-se de esclarecer a obscuridade dos dizeres.

Puvis, como a maioria dos pintores do seculo XIX, teve a predilecção pelo nú feminino. Mas o nú de Puvis não é symbolico como o de Burne Jones nem excitante como o de Gervex, e bem longe está do poema carnal de Rubens como da voluptuosidade do renascimento italiano.

A nudez, na sua arte, é um complemento da fórma simplificada da belleza, que elle procurou e conseguiu.

Tem sido commentada a relação existente entre os impulsos da vida physiologica dos homens e as tendencias sympathicas da sua vida psychologica, caso de que alguns esvurram theorias, persuasivas e eloquentemente expostas.

D'ella não poucos se afastam, de certo, porque as theorias não são infalliveis nem mesmo as que emanam, directamente, de sciencia menos vária que a psycho-physiologia. Assim, Raphael d'Urbino, que foi o suave idea-

lisador das *Madonas*, lindas figuras de honestas burguezas ingenuamente ennobrecidas, mas todas dum ar simples e puro de gente livre de «peccados galantes», esteve, nos actos da sua vida intima, em desacordo com suas famosas creações... Mas, se ha excepções como Raphael, Greuze, Watteau e outros, não falta á explanada theoria ensejo de applicação. Em Puvis de Chavannes existe este accordo.

E' sabido que uma senhõra de grande espirito e pertencente a uma das mais nobres linhagens da França, a princeza Maria Cantacuzéne, se apaixonou de tal modo, tão arbatadamente amorosa do typo barbaçudo e meigo de Puvis aos vinte e cinco annos, quanto da sua singular e suggestiva arte, que, não respeitando preconceitos, estendeu-lhe os bellos braços brancos, sem cuidar da estóla sacramental do sacerdote nem tão pouco dos commentarios corrosivos e dos anathemas escandalosos da alta sociedade em que nascera.

Esse amor, segundo informação dos intimos do artista, foi a força que o levou a resistir ao ronçeiro entendimento do officialismo do seu tempo, e foi tambem a seiva renovadora do seu idéal.

A princeza de Cantacuzéne, loura e esvelta, duma harmoniosa plastica de deusa adolescente, era dama de educado espirito e, diz-nos Vachon, possuidora duma elevada intelligencia, tendo dos assumptos de arte uma intuição profunda, que se desenvolveu em verdadeira sciencia por estudo das obras dos mestres em proveitosas viagens.

O amor por Puvis foi-lhe intensissimo e unico, que nunca esmoreceu e com o qual prestou todo o apoio moral para engrandecer as aspirações do artista.

Não se resvalará pelo pendor da ingenuidade se se affirmar que essa delicada mulher, por seu donaire de nobre dama e cultivada espiritualidade, *sensibilisou* a visão do pintor para a escolha e interpretação dos typos femininos.

As mulheres de Puvis, notou George Rodenbach, não são deusas, são verdadeiras mulheres, vivendo num Paraizo onde nunca houve o peccado original ou, se houve, já não o conhece, vigorosas mulheres que bolsam á vida o nonomental fructo de seus bendictos ventres sem dôres e angustias... Para o seu endeosamento seria necessario menos realidade, porque ellas vivem da força pacifica dessa verdadeira natureza que as envolve.

E assim, identificando-se com a natureza, essas mulheres, na sua maioria louras como as normandas, tem o busto largo para os ares francos das planuras e das montanhas, os seios turgidos duma mocidade que não depende dos annos mas da perfeição do organismo e da pureza do viver, os quadris fortes para o su-



KOSMOS

pporte de ventres fecundos, as pernas rígidas e longas, que são complementos da belleza physica e necessaria á existencia livre dos campos...

Nem uma só vez os seus pinceis fixaram o typo degenerado das filhas das capitaes, as doentes por hereditarismos, as taradas infelizes, as languidas e viciosas.

Os seus typos femininos são a honra do genero humano e do seu proprio sexo. Como mulheres se inculcam e, por essa condição, se fazem respeitar ainda que expondo á contemplação publica os seus assetinados pannos de anatomia dorsal, a turgidez em bico de fonte de seus soberbos seios, a rotundidade viril de seus quadris...

Não que sejam corpos embrutecidos nos labores rusticos, musculos resaltos e rudes pelo exercicio continuado do afan rural. Não! A essas dignas mulheres não fallam os encantos do sexo, que estão flagrantes na graça natural de suas attitudes e no acabado da expressão physionomica, em que se não descobrem arpepios de sorrisos subtis ou o soslaio furtivo de olhares inquietadores.

Diversamente do que é o nú tão abusado pela pintura moderna, a mais das vezes com visivel intuito de mercadejar apperitivos ao prematuro exgotamento das sociedades occidentaes, o que de Chavannes fixou tem a austeridade dum culto altamente moral, exalçando o poder procreator da belleza feminina, que mais não é senão a perpetuidade de si propria.

Para tanto, o artista não procurou reconstruir épocas historicas nem crear allegorias. Escolheu a mulher bella do seu tempo, apresentou-a na sua sanidade de corpo, desde o estado pubere até a suprema idade, animou-a com a alma da sua arte, collocou-a na natureza livre, no ambiente das paizagens, ao lado do homem, como ella tambem bello pela sua robustez physica, pela serenidade moral e pelo trabalho; e fez dessas tres creações de Deus — a natureza expressa pela paizagem, a força e o trabalho representados pelo homem, o amor consubstanciado na mulher-esposa, na mulher caridosa, na mulher glorificadora — a indestruivel harmonia de um symbolo; mas symbolo dos que nos fala Etienne Bricon nesta phrase: «Acima dos fugitivos symbolos da vida sonhadora, permanece o symbolo verdadeiro, aquelle que nos mostra, pela simplificação das coisas humanas, a existencia desembaraçada de inutilidades que a deprimem.»

Attenda-se a intenção de seus typos femininos, a razão de ser da sua parte principal ou complementaria nos assumptos, o motivo do seu desnudamento, e se ha de ter a precisa comprehensão do logar que de Chavannes deu á Mulher nessa extraordinaria obra.

A mulher nos seus paineis, não entra como *accessorio* para encher de galanteria mais ou menos opportuna a magnificencia dos scenarios. Não é a escrava da antiguidade, passiva e excitante, vendida em feira, conduzida como refem ao freio do fogoso corcel dos conquistadores; ou a grega do glorioso periodo do hellenismo, materialmente bella, a fazer fundo ás linhas geometricas de um atrio, ou a depositar corbellias de rosas no pedestal de Venus, ou a romana da decadencia, formosa e impudente, meio ébria nos coxins de banquetes.

Não é tambem, como em geral se representa, um detallie no conjuncto de coisas bonitas, onde o seu corpo aromatiza o ambiente e realça o colorido com a sua frescura de flôr entontecedora, aos golpes combinados da luz. Essa inferior condição de *Coisa*, ella a substituiu com o seu direito de sêr humano, pela posição de igualdade á do seu semelhante masculino na vida social. E', sob diversos aspectos da sua função na collectividade civilisada, a Gloria que recompensa o esforço individual na melhoria da especie; é a Familia que funda e equilibra a comunidade da raça; é a Bondade que coopera na educação dos sentimentos, estabelece o amparo dos necessitados e coadjuva a actividade na lucta pela existencia; é, em fim, o Amor suavizando e ennobrecendo a vida consciente.

Nenhum character allegorico, no emtanto, a reveste, porque isso destruiria a verdade, tornando-a convencional ou por demais solemne.

Ora, vê-se a num canto do painel, em plano principal, o busto nú de uma encantadora mulher sadia, que recebe dos braços de outra o pequerrucho roseo para o amamentar nos pulchros seios criadores. Em quanto ella assim procede, dando do seu sangue o vigor a um sêr que virá contribuir para o engrandecimento da sua casta, os homens trabalham, malhando o ferro, abatendo as arvores, construindo a morada, lavrando os campos.

Ora, encontra-se-a num grupo de bravos, robustos trabalhadores, prestando ouvidos ao encanecido rhapsodo que transmite a Tradição, de que ella se faz a poesia, porque a sua graça irá dizel-a mais commovedoramente á infancia, em horas serenas do anoitecer, sob a palliçada do casal.

Aqui temol-a esposa, a acompanhar o filhinho tropego. Ali é a alegria da natureza muda, o encanto da vida silenciosa das coisas, a Primavera florida, o Outomno melancolico, o Verão ardente, que estão cheios dos sorrisos della, das suas nostalgias, das suas expansões de amor...

E toda essa musica de côres e de linhas combina-se numa harmonia sem violencias. Nada ha que a perturbe. O rythmo é perfeito.

Emquanto certas posições de corpos nús, na obra de outro artista, pódem suggerir idéas impremeditadas, nos seus paineis não destróem o effeito combinado de calma e grandeza, por mais estranhos que, isoladamente, parecessem. Em *L'Été*, para especialisar o caso, ha uma mulher, vista de costas, que procura galgar a margem do rio. A *acção*, como se deprehende do intuito e da posição da figura, não é, em verdade, o que se chama um — movimento esthético.

Não obstante, a impressionante belleza decorativa nada perde, toda a sua grandiosa simplicidade seduz a nossa visão, como se o factu duma linda banhista engatinhar pelas ribas dos regatos fosse naturalissimo, despido do ridiculo que a attitude lhe emprestaria aos olhos da perversidade.

Mas, donde lhe veiu esta seriedade de arte? Como elle pôde reunir estas duas qualidades — a da suprema elegancia e da suprema gravidade — em tão reaes estudos nús?

Que poder mysterioso, que espiritualidade essencialmente harmonizadora, vieram aperfeiçoar a sua alma de artista, elevar e aristocratisar o seu ideal?

Sabe-se que, não raras vezes, o pintor cansado de procurar nos *modelos* attitudes nobres, recorria á sua dedicada companheira para a satisfação desse desejo e, talvez, d'ahi lhe resultasse a pureza intencional da obra. Como quer que seja, a influencia de Maria Cantacuzéne foi decisiva no triumphante trabalho de Puvis.

Vachon conta-nos, a respeito da ultima pintura do Pantheon, que a collaboração dessa mulher, cujos annos e a doença pareciam ter apurado, elevado o espirito e a alma, foi mais completa, mais efficaz que em todas as outras obras, ainda mais que na do hemicyclo da Sorbonna e na decoração da escadaria de honra do Hôtel-de-Ville de Pariz, da qual foi ella a inspiradora de todas as bellas e grandiosas figuras. Durante a feitura do cartão do *Ravillement de Paris*, ella não abandonou por um só momento o atelier de Neuilly, esquecendo seus soffrimentos physicos, illudindo todos, o

mestre, os seus amigos, os medicos, com a sua communicativa jovialidade, com o seu encantador sorriso.

A proposito de cada personagem Maria Cantacuzéne expunha a sua opinião, vestia o modelo, indicava o movimento, a postura e o gesto que mais lhes convinham. Ella mesma pousou para a "Santa Genoveva abençoando o povo".

Logo após a exposição do esbocêto, no Salão do Campo de Marte, Maria recolheu-se ao leito. Então, Puvis de Chavannes fez conduzir o cavallête para a camara da sua querida amiga e, perto das almofadas em que ella repousava sua livida cabeça enferma, sob a inspiradora caricia desses bem amados olhos, já repassados de algida humidade da Eterna Noite, preparou e pintou a *esquisse* do seu grande painel.

Ahi está, talvez, o segredo desse apuramento esthético. E' acreditavel que fosse ella, a nobre Cantacuzéne, por esse tempo legitima esposa de Puvis, quem lhe trouxesse a distincção idealizadora, a elevada e serena concepção do Bello, que o fizeram o mais espiritual e o mais completo decorador do seculo XIX.

A obra do artista terminou com a sagração da sua Musa.

Maria Cantacuzéne tem o seu retrato na "Santa Genoveva velando a cidade de Pariz, á noite", e na immensa, emocionante paz desse primoroso painel a sua imagem ergue-se com a magestade duma sombra de Amor, do amor que concebeu a parte feminina da obra de Puvis, do amor que animou e aperfeiçoou toda a sua arte. Nesse perfil de encanecida e boa, percebe-se a correcção dum rosto de fidalga Senhora, que bem mereceu o religioso culto dum tão digno amante, e as vestes modestas da Santa denunciavam a linha elegante e simples duma linda harmoniosa estrutura, resistindo aos annos, como a reunir na sua impressionante singeleza o maravilhoso conjuncto de toda a obra immortal do mestre.

GONZAGA DUQUE.



Antonietta Rudge Miller

É um nome desconhecido no nosso pequeno meio de artistas, e, por isso, não pretendemos, por nossa livre conta, dizer do seu valor como pianista.

Mas, por sabel-a dotada de grande talento e capaz de conquistar proeminencia entre os mais conceituados artistas brasileiros, fomos pedir á compelencia de Arthur Napoleão o seu julgamento sobre os meritos de nossa patricia.

O grande artista do teclado, o reputado mestre, respondeu-nos com a carta que abaixo publicamos, a qual vem servir de guirlanda decorativa ao retrato de D. Antonietta Rudge Miller.



Junho 1906.

Sr. Director da "Kósmos"

Pede-me a minha opinião sobre o talento de Antonietta Rudge Miller. Não hesito em dar-lh'a, tanto mais que nada que eu diga poderá sêr taxado de exaggerado; basta ouvil-a!

Esta extraordinaria menina, digo, senhora, pois que é casada de ha pouco tempo, está predestinada a chegar á mais culminante altura como pianista e já causaria inveja a muitos de grande fama. É inexcédível na technica, tem uma memoria prodigiosa que lhe permite tocar de cór e com a maxima exactidão Bach, Beethoven e outros grandes classicos.

É bello o seu estylo e bôa a interpretação; o predomínio sobre si mesma, que nunca lhe faz perder a calma imprescindível para uma perfeita execução, é das qualidades de uma grande artista e ella as possui todas.

Aos 21 annos, nunca sahindo de S. Paulo, sua terra natal, como se pode chegar a tal resultado?

É que um sopro divino de certo a bafejou no berço!...

E a doçura do seu olhar?... e a singeleza do seu porte?...

Ó santa creatura que ainda nada conheces dos artificios das grandes cidades!...

Paremos aqui.

Arthur Napoleão.

THEORIAS

A O fim do jantar, beberricando goles de cognac, um velhissimo cognac, que era puro alambre, Lycio, o admiravel discipulo de Epicuro, poz-se a discorrer sobre as delicias da vida, querendo demonstrar com a sua robusta saúde, com a sua belleza apollinea, com a sua instrucção grangeada em viagens suaves, com a sua riqueza de quatro heranças, todas de vulto, que o homem só tem um destino — é o gozo e toda a sciencia da vida resume-se em bem gozar. A discussão aqueceu-se — o assumpto era vasto e o cognac era generoso — e Lycio, como o Pimentel, sempre chegado á sciencia, falasse na séde da vida, citando sabios de nomes difficeis, dissertou sobre a Theoria lançada pelo grande ledor de physiologistas e biologistas:

Pimentel amigo, a theoria do chamado «nó vital», não resistio á critica que lhe deu um succedaneo na «tripode vital» constituida pelo pulmão, o coração e o cerebro. A vida não podia centralisar-se em um ponto unico do organismo, reduzindo o resto do corpo a uma vasta colonia.

O que dizem os theologos com relação á divindade, podem os biologistas repetir referindo-se á vida. Que é ella em summa? a irradiação de um fóco ou o resultado da concurrencia de phenomenos diversos? Pendo para a segunda hypothese.

O corpo é o mais bello exemplo de solidiedade que existe na natureza. As cellulas estão sempre attentas e, onde uma perece, logo outra toma o posto substituindo-a.

Os generaes deviam estudar no mappa vivo do corpo humano a Theoria complicada das batalhas, porque, desde a fecundação do ovulo até o anniquilamento do homem, os combates não cessam: ora em ligeiras escaramuças, ora em batalhas encarniçadas nas quaes succumbem centenas de milhares de guerreiros.

Se um órgão é atacado com mais violencia para elle affluem as hostes. Não raro conseguem rechassar o inimigo, ás vezes, porem, batidas, recuam e a praça, tomada de assalto, é saqueada, é destruída; nem por isso os defensores descorçoam: fortificando-se em outro ponto continuam a resistir appellando para todas as energias do organismo.

O Lima, por exemplo, só tem um pulmão — o outro foi destruido. Ninguém dirá que elle soffreu tão rude ataque. Tem a apparencia magnifica de um homem sadio e, apesar das reiteradas recommendações dos medicos e dos parentes, continúa a viver como vivia outr'ora, no tempo em que era integro. Quando se fala em cuidados, em dieta, diz, a rir: «meu amigo, eu sou como as Terras d'Africa. Porque a ambição dos expansionistas vae cobrindo as suas geiras ferteis com exercitos conquistadores deixam as suas arvores de florir? param as suas ribeiras de correr? estancam as suas fontes? emigram os passaros dos seus bosques? apagam-

se as estrellas no seu ceu? não: a vida continúa e continuará até o dia da conquista definitiva.

A Morte já se apoderou de um dos meus pulmões — que lhe saiba. O outro é valente e a sua guarnição denodada defende-me a vida.

Se eu fosse um desanimado, se não tivesse energia de espirito, já teria succumbido, mas não — enquanto sentir nas veias a ronda dos defensores da praça, enquanto os nervos tiverem vibração, enquanto os órgãos funcionarem com regularidade... que a Morte me assedie, é seu direito.

A certeza que tenho de que sou ainda um forte está na serie de reclamos que me manda o organismo. Os appetites requerem o necessario á sua satisfação, o espirito exige a sua porção de ideal e a alegria, que é uma tépida claridade interior, que fecunda as flores varias que nos ornam a alma, não se extinguiu, louvado Deus! Sou dos que pensam que o homem vive até a ultima cellula e, se se pudesse manter no organismo um pequenino grupo de cellulas perfeitas, apesar de todas as devastações, a vida resistiria.

Que importa o incendio da febre? que importam as brechas das ulceras? as minas das aneurismas e tudo e tudo? Se um grupo de cellulas subsistisse a Morte não triumpharia.»

Então? estas são as palavras de um homem que ama a vida e entende, como eu, que é no gozo que reside a felicidade do sêr.

Pimentel encolheu os hombros e disse:

— O Lima, conheço-o bem: é um poeta, e tudo discute ao som da lyra. Lembro-me d'elle me haver descripto a morte do Brasilio, afogado em sangue, comparando-a á vingança da famosa Nitokris que convidando para um banquete todos os conspiradores que haviam tramado o assassinio do Pharaó, em certo momento, mandando correr as comportas mysteriosas, fez com que o Nilo se arrojasse na sala afogando toda a gente que nella se achava. E o Lima, sempre poetico, invejavam a morte do Brasilio, considerando-a uma graça mimosa dos deuses. Poesia, meu amigo. Não creio tambem na centralisação da vida, acho até pueril a theoria do «nó vital», mas d'ahi a affirmar que, para manter a vida, basta a resistencia de uma cellula, vae muito. Que pode fazer um soldado entre mortos?

Lycio levantou-se impetuosamente e com o calice de cognac brilhando entre os dedos finos, como um immenso topazio encravado em alabastro, exclamou:

— Levantar a bandeira, desfraldal-a ao vento, mostrar-se ao inimigo impassivel e heroico. Morrer como Cyrano! E Pimentel, sempre tranquillo:

— Isso... morrer. O mais, meu velho, fanfarro-nadas que são as lentejoulas da Historia. Ainda o melhor meio de viver bem é ter uma saúde perfeita. *Si vis pacem para bellum...* O mais... poesia...

— Então viva a Poesia! bradou Lycio bebendo, d'um trago, o seu decimo *cognac*.

A LENDA DE ANCHIETA

FM torno do padre Anchieta floresce a lenda quasi sempre de creação erudita. Anchieta nascera predisposto ao mysticismo. Debil de constituição, um accidente o tornou aleijado. Sob o physico feio tinha o temperamento sensível.

Escreve um dos seus biographos:

« Bem que fosse de indole vivaz e temperamento fogoso, soube tão bem guardar as portas de seus sentidos e com tal recolhimento, que por todos era reputado como modelo de gravidade e religiosa modestia, cousa tanto mais admiravel, quanto por seu natural, ao mesmo tempo que necessaria, se lhe tornava a mais difficil.»

Exagerava o *odio santo* contra o seu corpo. Quando cursava humanidades, dava á penitencia o tempo que lhe deixavam os estudos. Ajudava tres, quatro, e mais missas. D'isto resultou cair extenuado e doente.

Fez aos dezeseite annos voto de castidade.

Era manifestamente um exaltado de raça, afeiçoado pelo exercicio da devoção religiosa.

Sobre a fealdade da sua figura enuncia o mesmo biographo:

« Até a fealdade do seu porte, consequencia de longa e tormentosa enfermidade, fornecia-lhe occasião de se humilhar, da qual elle era o primeiro a valer-se, mettendo a ridiculo esse seu defeito natural! »

Como S. Francisco d'Assis, com quem o fazem parecer o descuido do corpo e a vida angelica e miraculosa, parecia um mendigo.

« Por occasião de ser nomeado Reitor do Collegio da Bahia, varias pessoas, guiadas mais pela prudencia da carne que pela do espirito, escreveram para Roma, pretendendo que a direcção d'aquelle collegio, entre todos o principal, não convinha fosse dada a um religioso que parecia tão desprezível.»

Sensível ás mostras d'estima, d'ellas se esquivava, corando como um tímido. Fazia, então, da ironia defesa á sensibilidade.

O padre José d'Anchieta nascera no Tenerife, a Nivaria dos primeiros navegadores, uma das ilhas do archipelago das Canarias, descoberto e tomado por Jean de Bethencourt em 1402.

Seu pai D. João d'Anchieta foi biscainho. D. Mencia Dias de Claviko Llerena, sua mãe, era filha d'um dos conquistadores do Tenerife e canarina.

A raça primitiva d'esta parte do archipelago — *os Guanchos* — tornou-se notavel pela resistencia tenaz que oppoz aos hespanhoes até 1496.

Cursou em Coimbra aulas de rhetorica, philosophia e latim, e n'esta lingua versejou fluentemente e compoz um poema. Com quinze annos, a 1 de maio de 1551, foi recebido noviço na ordem dos jesuitas.

Possuiam estes collegio em Coimbra, onde em numero de doze, se estabeleceram em 1541; sendo então reitor o padre Jacobus Miron.

Era provincial o padre Simão Rodrigues, (*) o tristemente celebre denunciador de Damião de Góes ao Santo Officio.

Como a doença houvesse enfraquecido o noviço Anchieta, determinou o superior que elle embarcasse com seis padres da sua ordem, que chegaram á Bahia em 20 de março de 1553.

No Brasil passou a vida extraordinaria de missionario.

Da Bahia foi para o collegio de S. Vicente ensinar humanidades. Aqui estudou a lingua geral e n'ella redigio uma grammatica. Compoz mais tarde hymnos e scenas dramaticas no mesmo idioma primitivo.

Em 1576 na Bahia, para onde tornara como provincial Nobrega em 1556, recebeu ordens.

Veio a fallecer em superior do collegio do Espirito Santo, em Reritiba, a 7 de junho de 1597.

*
**

De tantas lendas, com que lhe ornaram a vida piedosa, algumas, pela poesia e simplesa, parecem colhidas á vida do luminoso men-

(*) Os padres Simão Rodrigues e S. Francisco Xavier chegaram a Lisboa em 1540.

Doze e não dez eram os padres naquelle collegio, como se vê na carta: *Martinus Santa Cruz Patri Ignatio de Loyola — Ulyssipone 26 augusti 1542 Epistola Mixta*—T. 1 Fasc. 1—*Monumenta Historica Societatis Jesu* — Telles e Ch. St. Foy mencionam dez.

digo do seculo XII, meridional e debil como o canarino, inclinado á ternura e ao commercio dos seus semelhantes, bondoso para com os humildes e amigo da natureza.

A S. Francisco emociona a vista do cordeirinho symbolico; resgata-o da faca do açougueiro a troco do manto e do capuz.

«Uma lebre nova que apanharam ao laço e que lhe dêram, se lhe lança ao seio, e restituida á liberdade, segue-lhe a modo de cão, até á floresta visinha.»

Ha um falcão que o accorda no deserto d'Alvernia, á hora das matinas.

Doente o santo, o falcão cuidadoso espera que a branca madrugada esclareça primeiro as montanhas.

Thomaz de Celano conta que, um dia, como pregava em campo aberto, as andorinhas puzeram-se a chilrar mais forte.

Armou-se de paciencia o santo e como continuassem no alarido, lhes fallou: «Caras irmãs, cabe-me a vez de fallar; já muito gritastes, ouvi agora a palavra do Senhor, ficae caladas até que o sermão acabe.»

Calaram-se ellas e não ousaram voar, em quanto se não disse: *Amen*.

Outra vez, proximo á Bevagna, prega expressamente aos passarinhos.

No momento da benção elles voam, n'uma forma de cruz, chilrando aos quatro pontos do horizonte.

Quando morre o homem de Deus, conta S. Boaventura, uma nuvem de andorinhas que não chilravam senão ao raio do sol, *a laudæ aves lucis amicæ*, deixa-se cahir cantando sobre a igreja de Santa Maria dos Anjos sobre o tecto das cellulas, no pateo do pequeno convento.

E S. Francisco expirou chorado por um côro d'aves.

Factos analogos aos que ahi ficam, narrados por E. Gebhardt, com o estylo de mestre e superior erudição, referem do Thaumaturgo os seus biographos:

«Os homem obedeciam a seus conselhos, as aves, os brutos animaes cumpriam o que lhes mandava, fallando com elles pela lingua da terra, como se fossem creaturas racionaes.»

Escreve o Padre Pedro Rodrigues:

«Disse-me um Padre antigo que havia mais de trinta annos ouvira sempre dizer o Padre

e Irmãos nossos e a pessoas de credito seculares que andando caminhos, o Padre José chamava aos passarinhos dizendo com a mão estendida: Põe-te aqui e louva a Deus. Obedeciam e davam a musica no dedo e o Padre os despedia com dizer: Já louvaste a nosso senhor, vae-te embora. Tambem na Casa do Espirito Santo communmente se dizia que estando o Padre á janella do seu cubiculo lhe faziam a mesma festa as andorinhas.»

«Ia o Padre n'uma canôa atravessando a baia do Rio de Janeiro para a cidade e o companheiro que ia assentado de trás do Padre queixava-se da grande calma.

N'isto vio o Padre José uns tres ou quatro garazes (*) que são umas aves grandes como gallinhas de cor vermelha finissima, postas em uma arvore e disse-lhes: «Ide chamar vossos parentes e vinde nos fazer sombra. As aves, logo estendendo os pescoços deram um grito como quem dizia que sim, e se foram voando, e d'ahi a pouco tempo veio grande bando d'ellas e ajuntando-se em uma nuvem foram fazendo sombra á canôa, por espaço de obra de uma legoa emquanto a sombra foi necessaria. Entrando a viração o Padre lhes disse que bastava a que ellas responderam com uma grande grita, com o que se despediram e se foram.»

No mesmo estylo pitoresco conta o Padre biographo a mansidão com que accudiam as onças obedecendo a Anchieta:

«Outra vez estando o Padre n'aquella pescaria (de que por vezes fallamos) appareceram da banda de alem de um braço de agua duas onças e se puzeram a olhar para a gente que estava salgando o peixe. Disse então o Irmão que folgava de ir vel-as. O Padre lhe respondeu que acabando o que estava fazendo, as iria vêr. N'este comenos iam-se as onças d'alli; mas o padre lhes bradou que tornassem d'ahi a pouco para as irem ver. Ellas, obedecendo, tornaram ao tempo que os Indios tinham acabado o serviço, e as foram ver, de feito, em duas canoas estando ellas quedas. O Padre José lançou o quinhão de peixe que lhes levara e assim se foram contentes.»

(*) E' possível que os houvesse em tão grande numero n'este lugar. Lê-se em Casal sobre *Guaratyba*: no idioma brasílico, significa MUITOS GUARA'S: hoje não apparece hum só destes passaros no districto em grande parte pantanoso e proprio para habitação d'elles... II. Chr. pag. 21.

Refere Ch. St. Foy: Quando andava fazendo o seu poema — A Virgindade de Maria, — um formoso passarinho de linda e variegada cor adejava-lhe em torno, pousando-lhe ora nos hombros, ora na cabeça, ora nas mãos.

Isto contam se deo numa das suas missões:

«Emquanto iam rio abaixo em uma canôa e os dous Missionarios com grande recolhimento resavam o breviario, revira a canôa e caem todos n'agua. Emtanto todos, á excepção do Padre Anchieta, conseguem galgar terra a salvamento. Dando pela falta d'elle, um dos rapazes que o amava extremadamente, atirou-se á agua resolutio de antes morrer do que lá deixar o bom Padre. Nadou, mergulhou em muitos pontos: por mais esforços que fizesse teve de voltar á terra, sem ter descoberto nada com summa desolação de todos.

Ao cabo de uma hora, o consternado Indio lança-se de novo ao rio, para ver se, ao menos, conseguia trazer o cadaver do Padre Anchieta; qual não foi, porém, o seu pasmo e maravilha, quando em um mergulhão que deu, deparou com o Padre no fundo d'agua tranquillamente lendo o breviario!

Era dia da Immaculada Conceição de Maria e Anchieta estava precisamente então a rezar o seu officio. A tal vista, recobrando vigor, dá o rapaz outro mergulhão, toma esforçadamente o Padre e o leva para terra.»

Anchieta falleceu em Revitiba, tres jornadas da cidade do Espirito Santo; o seu transporte foi, porém, feito sem fadiga para os que o conduziam, porque não lhes pesava o esquife, e cinco dias depois da morte do piedoso padre, conservava elle o aspecto da vida e as côres da saude e distillava de si um suavissimo aroma que logo se derramou por toda a Igreja, com summa admiração e pasmo de quantos estavam presentes.

Ao lado destas creações morbidas ou deliberadas de factos miraculosos, propagados pelo contagio, citam ainda os escriptores jesuitas casos de representação *post mortem* do venerando Anchieta.

Os recentes estudos sobre suggestão e contagio mental têm aqui a applicação que não ousariamos, em receio de desmanchar o fragil tecido luminoso, com que a lenda mal esconde o natural dos factos.

A historia dos Jesuitas — como vemos — vale bem a geographia de Homero, quanto á realidade das cousas que descreve.

Ha uma lenda, porém, que precisa ser destruida no interesse da ethica e no da harmoniosa figura que do padre nos deixou a tradição: a lenda do senhor des Boulez.

O celebre Padre Simão de Vasconcellos na sua *Chronica* deu curso a lenda do supplicio de Jean des Boulez, havido no Rio de Janeiro, por determinação de Mem de Sá.

Esta lenda que impedio a canonisação do beato Anchieta, vem contada por aquelle padre no vol. II n. 116 do seu livro.

Segundo elle, Jean des Boulez, que de São Vicente fôra preso para a Bahia, ao ser justicado no Rio de Janeiro, converteu-se á fé christã, por exhortação de Anchieta.

Na execução da pena deu-se singular incidente que Vasconcellos refere por esta forma:

«Porem aconteceu aqui hum caso digno de ser sabido: porque o algoz, quando foi á execução do castigo, como era pouco dextro no officio, detinha o penitente no tormento demasiadamente, com agonia e impaciencia conhecida. Joseph, que via este erro tão grande e receava que por impaciencia se perdesse a alma de hum homem, por natural colerico, e tão pouco havia convertido; entrou em zelo, reprehendeo o algoz e instruiu-o de como havia de fazer o seu officio, com brevidade desejada: acto de fina caridade.»

.....

Jean Cointha senhor des Boulez, natural de Boulez, Troyes na Champagne, arcebispado de Sens, — era um dos companheiros do versatil Villegaignon, e viera a instancia do almirante de Coligny, com alguns calvinistas de Genebra para o Brasil.

Era pessoa versada em humanidades e no conhecimento das escripturas santas.

Fôra educado no meio culto, que era então a Saboya, onde o livre exame abrira novos horizontes á intelligencia humana.

A influencia do calvinismo sobre a cultura franceza e ingleza foi tão extraordinaria quanto a reforma germanica de Mélancton e Luthero em toda a Allemanha e norte da Europa.

E' grato recordal-o, — essa primeira colonisação livre da America do Sul precedia, de um seculo, a fundação de Philadelphia, na Pennsylvania.

O processo do calvinista des Boulez é um magnifico documento dos primeiros tempos da

Inquisição em Portugal e uma *éclaircie*, que permite aperceber no nevoento passado a sociedade sua contemporânea.

O padre Luiz da Graam, provincial, foi a alma deste processo e o motivo da delação, colhe-se duma passagem de Simão de Vasconcellos, (I, n. 67 — e II, n. 116), fôra a censura que ao provincial fizera des Boulez, porque deixava de *dar a palavra de Deos aos portuguezes para dal-a aos gentios, contra a doutrina de São Paulo...*

Em virtude duma petição do provincial, o ouvidor do ecclesiastico abriu a devassa que forneceu materia á accusação.

Ouidas as testemunhas em numero de seis, entre as quaes o delator, os padres Nobrega e Anchieta e Pero de la Cruz, testemunha referida, despachara o ouvidor absolvendo o denunciado e do despacho appellou para o bispo da Bahía. (*)

Fez o bispo remessa do preso ao juizo da Inquisição, cumprindo uma avocataria do Cardeal infante.

Seguiu des Boulez recommendado ao mestre da náó Santiago, Alvaro Eannes, dando entrada a 28 de outubro de 1563, em Lisboa, no carcere da Inquisição. A 12 de agosto de 1564 foi publicada a sentença — contra o réo, relevando-lhe a penitencia publica e ordinaria e ordenando-lhe a abjuração em forma, e que se conservasse no convento de S. Domingos.

Era reconhecer a innocencia de Boulez, da culpa que lhe fôra intentada e dispensar-lhe um tratamento paternal, attendendo-se á severidade característica d'aquelle tribunal e ás ri-

(*) Vistos estes autos e o que por eles se mostra não nos ey por obrigatorios contra Joam de Boles por que ha denunciação do padre Luys da Graam não hobriga que se refere (e pero de la cruz) e o testemunho de pero de la cruz ho sabia que condena o dito monsyor de boles e o testemunho do padre manôel da nobrega no remate dele escuza ho mesmo boles deles hatrybuindo-lhe a ignorancia suas causas e o testemunho do irmão Jose reporta-se ao padre graam e pero de la cruz ho que tudo não parece cousa importante, nem que obrigue, pelo que absolve e apelo para o senhor bispo gonsalo monteiro.

gidas formas do seu processo, como se pode vêr nos escriptos de Hypolito José da Costa, no de Lopes de Mendonça sobre Damião de Góes e ainda no de Anselmo de Braancamp sobre o Conde de Villa-flor.

A requerimento de Boulez, precedendo informações dos padres de S. Domingos foi, por ultimo, solto com a advertencia de não sair de Lisboa sem licença.

Que de facto o Senhor de Boulez permaneceu em Lisboa resulta da publicação do seu livro do qual possui a Bibliotheca Nacional um exemplar da 2ª edição:

"PARADOXO / ou sentença philosophica: contra a opinião do vulgo: Que a natureza / não faz o homê senão / a industria / Derigido ao muy alto & inuictissimo / Rey de Portugal dom Sebastião / Primeiro deste nome / Por I. Cointha senhor de Boulez / Fidalgo francez / Agora novamente feyto e impresso / nesta cidade de Lisboa em casa de Marcos / borges impressor del rey / nosso senhor / Ao pymeiro de 1566 / Vendê se na ipressão detras de nosa senhora de Palma."

In-4º de 32 fls.

Innocencio refere no seu Diccionario Bibl. este opusculo e delle se occupou no tomo XLVI. da Revista do Instituto o illustrado Dr. Ramiz Galvão.

Não se tendo Mem de Sá no *memorial* dos seus serviços referido a Boulez, senão mencionando o auxilio que lhe deu, relativamente ás luctas contra os francezes, nem alludido a justiaçimentos que houvesse ordenado, serviço que lhe seria contado e teria merecido louvor, e datando a 2ª edição do Paradoxo — de 1566 — quando estava João de Cointha limpo de culpa e bem visto de el-rey, não é possivel admittir que elle houvesse sido justiaçado no Rio de Janeiro em 1567.

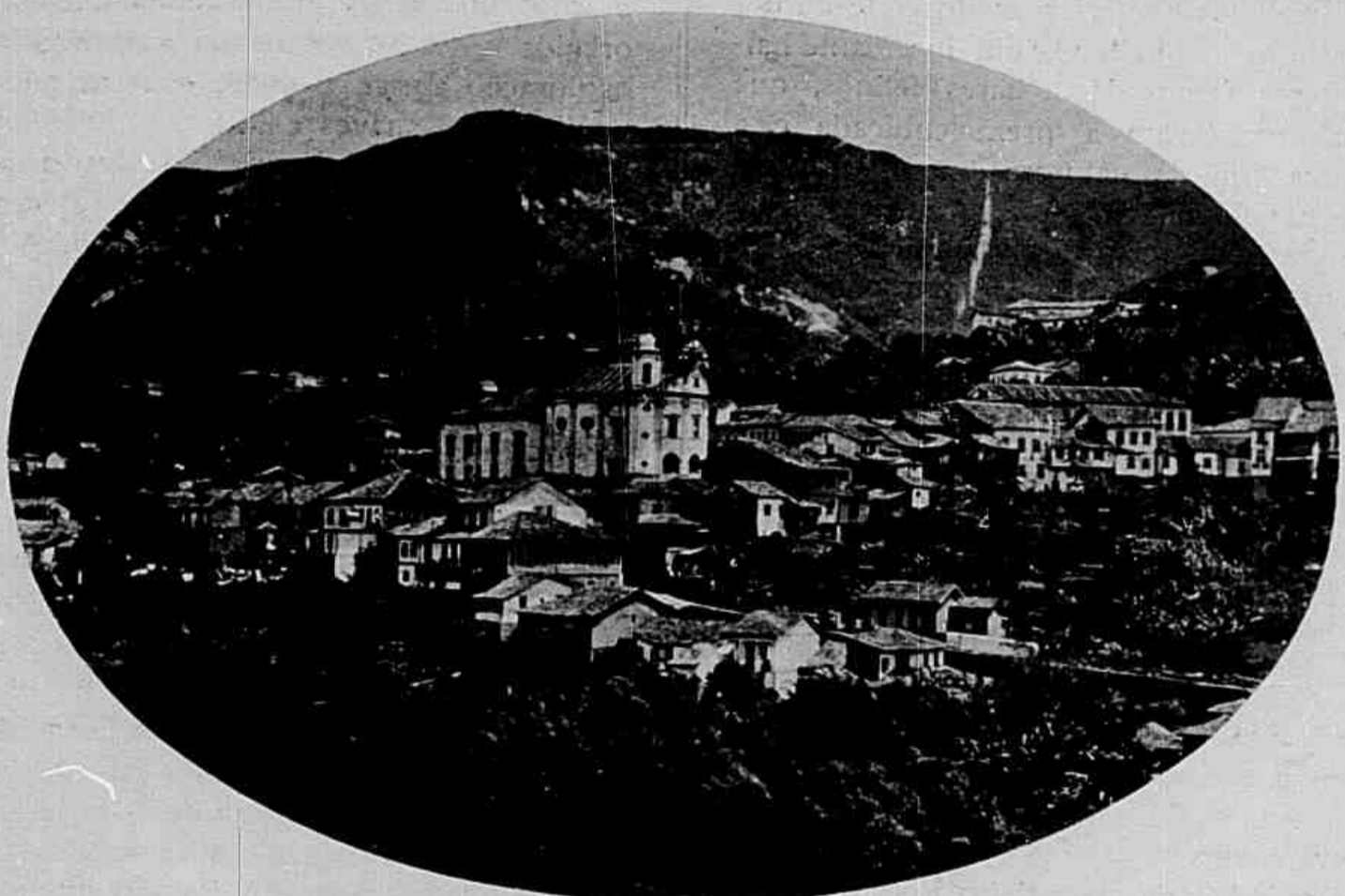
ALCIBIADES FURTADO. ✓

CHICO REI

(EPISODIO DA HISTORIA DAS MINAS (*))

Um dia vira invadida a sua *aringa* por um bando rapace desses mercadores guerreiros. Ligeira a luta que precedeu a final submissão ao aviltante jugo.

Manietados dous a dous, em fila extensa, irmanados rei e subditos pela mesma garga-



OURO PRETO—IGREJA DO ROSARIO

FORA rei nas adustas terras do continente negro.

Barbara vida, mas feliz, em plena liberdade, a dos seus subditos nas ferazes regiões que banham e fecundam o Congo e o Zambeze, onde uma portentosa flora pompea tão magnificentes galas que só encontram rival nas selvas amazonicas.

Era ao tempo em que as colonias do Novo Mundo, á mingoa dos braços do autochtone, espavorido em defesa de sua liberdade para as margens dos grandes rios de mysteriosas nascentes, recorriam aos filhos de Cham, mais robustos e resignados, que o Arabe feroz arrebanhava em excidiosas *razzias*, em poucas e madas regiões vastissimas, e vinha mercar em reconditos portos que só demandavam os traficantes da humana mercadoria.

(* Fui na *Historia Antiga de Minas Geraes*, do distincto historiador mineiro Dr. Diogo de Vasconcellos que encontrei referencias a esse episodio — A elle pois dedico este trabalho.

lheira, completo o humano lote, começou a lugubre marcha d'esse rebanho, o exodo de todo um povo acorrentado pelas interminas vias em que o sol estuante alvejava as ossadas de anteriores victimas ali cahidas, como a marcarrem ás novas theorias o exacto rumo que deveriam trilhar.

Via dolorosa, pontilhada de martyrios esta, em que a immensa serpe humana colleava infinda ao estalar dos açoites manejados por fortes braços affeitos ao barbaro mister.

Aqui, exauridas as derradeiras forças, tombava um corpo logo sacrificado pelo inhumano conductor; e ai! da compassiva mão que se extendesse carinhosa a amparal-o; o sibilante latego reprimia o generoso movimento; alem mais, um impulso natural de rebeldia, um ésto de sangue effervescido, era prestes dominado pelo golpe mortal vibrado por um guarda resolutio.

E corpos humanos iam juncando a longa estrada ao passo que no ar intensamente lu-

minoso, o azul do céu se manchava de um longo rosario de negras contas, abutres que accorriam ao farto repasto que, generosa, lhes offerencia a caravana sinistra.

E á noute, quando acampava o cordão negro a refazer as forças para a marcha do dia seguinte, nos sombrios mattos que bordavam o acampamento havia um incessante bailar de fogos fatuos dos olhares felinos, que anciosos espreitavam a preza cubiçada e a merencorea paz da natureza em repouso era perturbada pelo miar rouquejado do leopardo, o grave rugir do rei das selvas, ou pelo sinistro aulido das hyenas, promptas ao nocturno ataque.

Depois o embarque, terminado o torpe escambo á beira-mar.

Pejados os porões do navio negreiro, enfunavam as velas galernos, prosperos ventos e no glauco elemento ia a quilha deixando longa esteira de espumas que o sol no occaso prateava.

Longa a viagem, infinito o tormento. O immenso oceano caprichoso, ora em tempestades subitaneas, ora em profunda acalmia; as velas ora empandeiradas pelo rijo afflar dos alyseos, ora flacidas, bambeantes, pendendo lamentavelmente.

Accurrados em mesquinho, infecto espaço, sem ar, sem luz, mingoadas as refeições, a desesperança matava a maioria da leva africana.

E após a noite agoniada, quando a luz dilucular penetrava o bruto maritimo, abrindo a escotilha, na tetrica alfurja, donde se desprendia um bocchorno do inferno, havia sempre alguns corpos humanos a retirar para o matutino repasto dos esqualos que abandonados seguiam a esteira do navio pela costumaria róta.

Um após outro foram-se os filhos do rei; foi-se-lhe a companheira eleita; sumiram-se nas fauces polydentadas dos tubarões varios companheiros.

E quando foi a chegada ao Rio de Janeiro, de toda a sua prole numerosa e forte, um unico rebento lhe restava, como elle escravo, que a tudo resistira.

*
**

Os dilatados sertões das Minas povoavam-se então de uma rumorosa gente que de todos os lados acudia a trilhar os invios sertões que

o andejo paulista descobrira, desbravando estradas por entre o mattagal bravio, em numerosas bandeiras que ardidamente se afundavam na estranha terra ao faro das estupendas riquezas que exuberavam á flor do solo virgem, no alveo dos placidos regatos como dos rumorosos ribeirões de acachoadas aguas, na orla da selva rude e na terra aceirada para a exploração agricola, no valle feraz que se extendia entre suaves collinas ondulantes e nas fragas da arnosa serrania, no alvado da montanha abrupta como na chan relvosa onde pasciam os primeiros gados vindos de S. Paulo ou descidos dos sertões da Bahia, troncos desses numerosos rebanhos que hoje constituem uma das riquezas maximas do vastissimo Estado.

Era o reinol que cruzara os mares deixando a melancolica paz de seus villarejos campezinos pela aspera e asselvajada bruteza da terra virgem dos sertões mineiros; eram o bahiano e o pernambucano aborrecidos e desanimados da luta para o fabrico do assucar e fascinados pelas lendas de fabulosas riquezas que o sul prodigamente offerencia a todas as actividades; os filhos do Rio, gente de todas as cathogorias e profissões, ricos homens e simples mercadores, frades e seculares, mascates de bugigangas que jornadeavam longamente até alcançar a zona almejada, que tão farta se mostrava do aureo metal havia pouco descoberto.

E em todos os pontos a que chegavam, já la estava o paulista audacioso que vencera a bruteza da matta e a resistencia do selvagem, reppellindo-o para o Alto Rio Doce, e que olhava de esguelha o maldito Emboaba com o ar fanfarrão, provocador e acintoso, o arrojo, a decisão de quem pisava solo seu, onde os outros eram forasteiros.

E numa tremenda ancia de enriquecer de repente, toda aquella gente se precipitava avidamente, vencendo barrancos, varando anfractuosidades, galgando socalcos, por sobre caprichosas estratificações, ganhando plainos, trepando por alcantis, asperrimos vadeando os ribeirões, seguindo-lhes o alveo, removendo-lhes o saxeo leito, entranhando-se nos flancos robustos das montanhas; em toda a parte o ouro jorrava á flux em abundancia fascinante.

Mais praticos que os bandeirantes paulistas, os novatos conhecedores de processos novos não se limitavam a colher a dourada areia



KOSMOS

dos placidos corregos; afundavam antes pelas entranhas da terra fecunda, indo na profunda escuridade das cafurnas buscar o rico filão do precioso minereo.

E quando este surgia avultado, quando no terreno piçarroso a colheita abundava, ahi se abarracavam aos centos os faiscadores e formavam-se as primeiras povoações das Minas, como Villa Rica, Caethé, Villa do Carmo, Sa-bará, S. João d'El Rey...

E á proporção que apurados os lucros, engrossava o mealheiro aos mais afortunados, já não se entregavam elles ao rude labor das minas: era o braço escravo que ia ás entranhas da terra buscar as fulgurantes palhetas.

Para Villa Rica, pois, seguiu a gente que restava da tribu do rei africano, baptisado ao desembarcar no Rio de Janeiro (*) com o nome de Francisco, sendo todos atirados á faina extenuante das catas.

E foi ahi, que mercê do seu esforço, o forte negro, mingoando horas de descanso ao labor diuturno, conseguiu apurar as oitavas de ouro que o alforriaram.

Liberto, entranhando-se na matta selvagem foi ao faro do metal luzente que o branco ambicionava sobre todas as cousas e da selva trouxe o preço da liberdade de seu filho.

Depois, o esforço congregado de ambos quebrou as cadeias de um terceiro; a liberdade do quarto membro de sua tribu foi mais facilmente conseguida e breve todos libertos, pelo ouro arrancado ás entranhas da terra mineira por seu trabalho, formavam uma communitade, que proprietaria da riquissima lavra da Encardideira ou Palacio Velho, forrava os pretos de nações visinhas á sua na Africa, subordinando-se á autoridade indiscutivel do velho Rei.

Foi essa nobilissima cooperativa dos tempos d'antanho, a fundadora da Igreja do Rosario em Villa Rica.

Dominados como todas as creaturas simples pelas grandiosas e solemnes exterioridades do culto catholico, constituiram-se em Irmandade para a edificação do Templo, adoptando como padroeira S. Ephigenia, a santa de sua cor.

Tal a historia de Chico Rei, como nol-a contam as tradições da vetusta capital das

Minas, suave e poetica lenda dos tempos coloniaes, ligada á fundação do bello templo do Alto da Cruz.



Surgira radiante o dia 6 de Janeiro; a fina garôa que habitualmente obscurece as manhãs de Villa Rica, dissipára-se aos raios de um sol fulgurante, e farrapos de alvacentas nuvens toucavam ao longe as cuspides dos serros graniticos que o fogo das tormentas tropicaes escalavrara.

Engalanada a Villa para a festa dos Reis do Oriente.

Folhagem rescendente coalhando as ruas de virides manchas té o Alto da Cruz, em que a Capella votiva da libertação de um povo varava com as agudas flechas de suas torres o ceu intensamente azul, ornadas as paredes de festões de flores, ás janellas colgadas riquissimas colchas de damasco que punham manchas rubras como coagulos sanguineos na alvura immacula da frontaria singelamente caiada.

Dentro do templo a multidão se apinhava prostrando-se aos pés da auri-fulgente imagem da padroeira; e á entrada, miseraveis escravas das ricas lavras, arrancando o lenço de vivas cores que lhes envolvia as encarapinhadas trufas e mergulhando-as na tosca pia de agua benta, deixavam cahir com a agua, em estellidido, o pó de ouro ali occulto, humilde esmola para as obras da Capella; fóra, no adro, a multidão, enorme tela polychromatica, se juntava em bando alacre e festivo.

Pelas clivosas betesgas da Villa vinham novas levas de gente dos arredores, alguns de bem longe, peões e cavalleiros, paulistas de pala enrodilhada ao pescoço, sonoras chilenas amarradas ás grossas botas de couro crú, face tostada pelo sol do sertão, armas de luxo pendentes da cinta ou do arção da sella, arrogantes, ciosos de sua prosapia; outros pesepello, de pollegar desmedidamente afastado como os quadrumanos, chapeus desabados, calças de pano crú agarradas ás tibias esbrugadas de caminheiros; saloios das terras de ultra-mar, de membrudas formas atarracadas, a face nedia reçumando saude, attestando a prosperidade em grossos grillhões pendentes do jaleco, e olhando desconfiadamente os primeiros; sertanejos do norte conduzindo a viola inseparavel

(*) Attendendo á grande mortandade nas levas de africanos, houve por bem o Rei baixar uma Ordem Regia em 29 de Novembro de 1719 mandando baptisar todos os escravos logo que chegassem ao lugar do desembarque.

ao lado de compridas facas enfiadas no largo cinturão de couro; escravos das catas que gozavam a folga do dia na embevecida contemplação da obra de seus patricios.

Não faltavam mesmo as gentis e donairosas filhas dos ricos homens, vindas em cadeirinhas transportadas aos hombros de robustos escravos, e que apeando-se a porta da Igreja, ao receberem a agua benta que sollicitos dedos offertavam, traçavam celeres o signal da cruz entre um olhar e um sorriso, portadores de risonhas promessas.

Mestiças galantes, mamelucas e curibocas, nascidas tantas nos quilombos das asperas serranias, Palmares em miniatura que infestavam os sertões das Minas; africanas robustas de retinta cor vestidas de garridas, berrantes cores, punham uma nota vivaz e alegre no povareu numeroso.

Ao estrugir dos tiros que annunciavam o inicio da festa, aquella immensa mole colleou remoinhando acantoando-se aos lados, deixando vasto espaço liante para passagem do prestito.

Este se compunha exclusivamente do povo de Chico Rei; á frente um serico guião de tyria cor que o vento bojava a instantes, ora deixando cahir em molles dobras; depois a imponente comitiva real, formada de robustos pretos ricamente vestidos e adornados de flamantes europeis de cores vivas, precedendo a familia real; o rei, insignia real na mão ao lado da sua segunda mulher, o principe seu filho e nora, todos sob um pallio rutilante. Após desordenada, a plebe berrando litánias, em meio do mais confuso som de barbaros instrumentos, adufes, xequerês, caxambús, reboando lugubrememente, tudo isso formando um quadro magnifico que dava idéa da grandiosidade selvatica das pompas africanas que recordavam, nostalgicos, aquelles exilados do ardente sol da Africa, tresmalhados em estranha terra.

A missa, ouvia-a o rei ao lado das mais altas dignidades da terra, sob um baldaquino armado no suppedaneo do altor mór.

Fóra comprimia-se a multidão.

E aos poucos iam-se formando os grupos em torno aos rusticos instrumentos que, terminada a cerimonia religiosa, entravam a resoar vivamente, agitados por mãos possantes que o entusiasmo tornava infatigaveis, ao passo que um coro grandioso de vozes se elevava em um canto vago, desalinhado, melopeaco e suave que acariciando os sentidos ia morrer ao longe nostalgicamente.

Toda a comitiva formava no adro sob as ordens do Rei, executando uma coreographia irregular, movimentos varios lembrando episodios de longinquas lutas, lances artisticos e caprichosos rememorando a vida de outr'ora nas regiões nataes.

Ao lado mesmo, o mestiço formava o seu farrancho e a viola banzeira, vigorosamente ponteada lançava como que em desafio os sons alegres e lascivos do samba saltitante

E logo febricitante, entrava a turba a agitar-se em um delirio sapateado, dança exquisita formada de meneios lascivos, tregeitos eroticos, de um cadenciado bambalear de ancas, movimentos ondulantes como colleios de serpes, excitantes como alcool, despertando um extranho prurido nas pernas, ao passo que o chão duro do adro resoava sonoramente ao rhythmico bater de pés dos infatigaveis dansarinos.

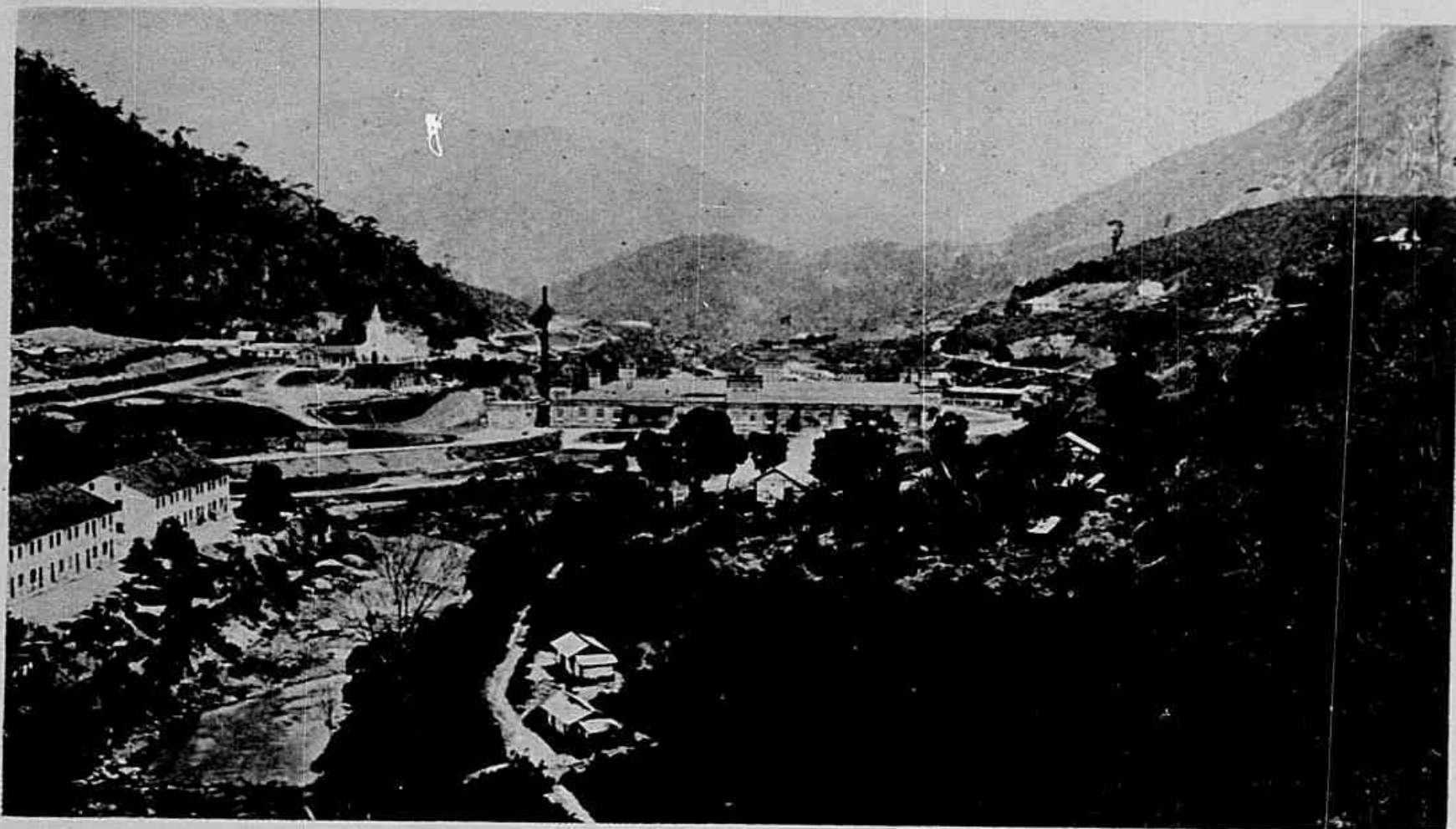
E agora confundidos os sons—aquelle, exteriorisação suavissima dos sentimentos dos exiliados—este, cantico triumphal de uma nova raça que se formava sob o calido sol dos tropicos, iam perder-se, morrer nas quebradas das montanhas de cujo seio se extralira o ouro que todo um povo libertára e erigira o templo de humilde origem, e que na sua singeleza parecia desafiar a acção dos seculos por vir, monumento de um admiravel esforço.

Rio — Junho — 906.

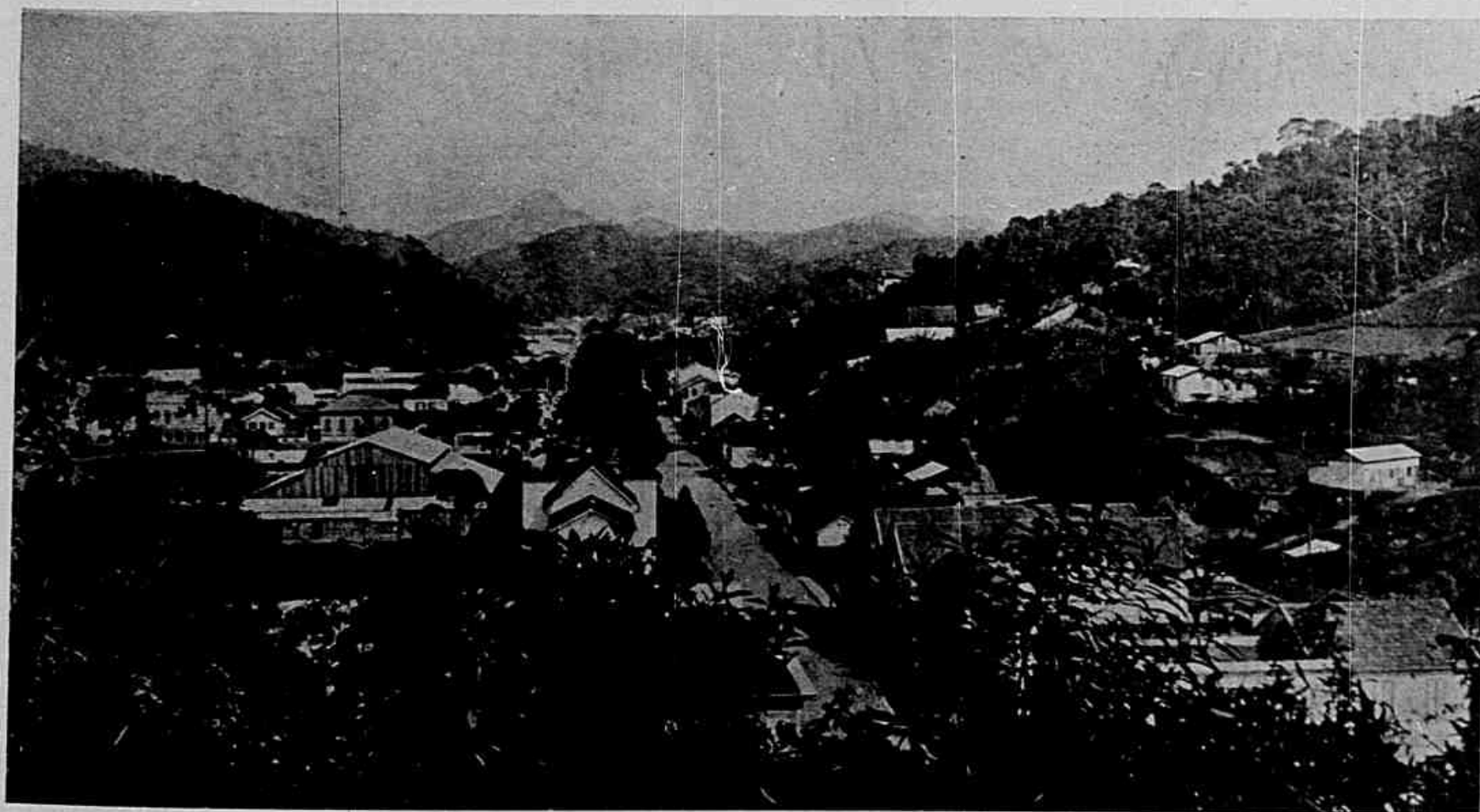
MARIO BEHRING.



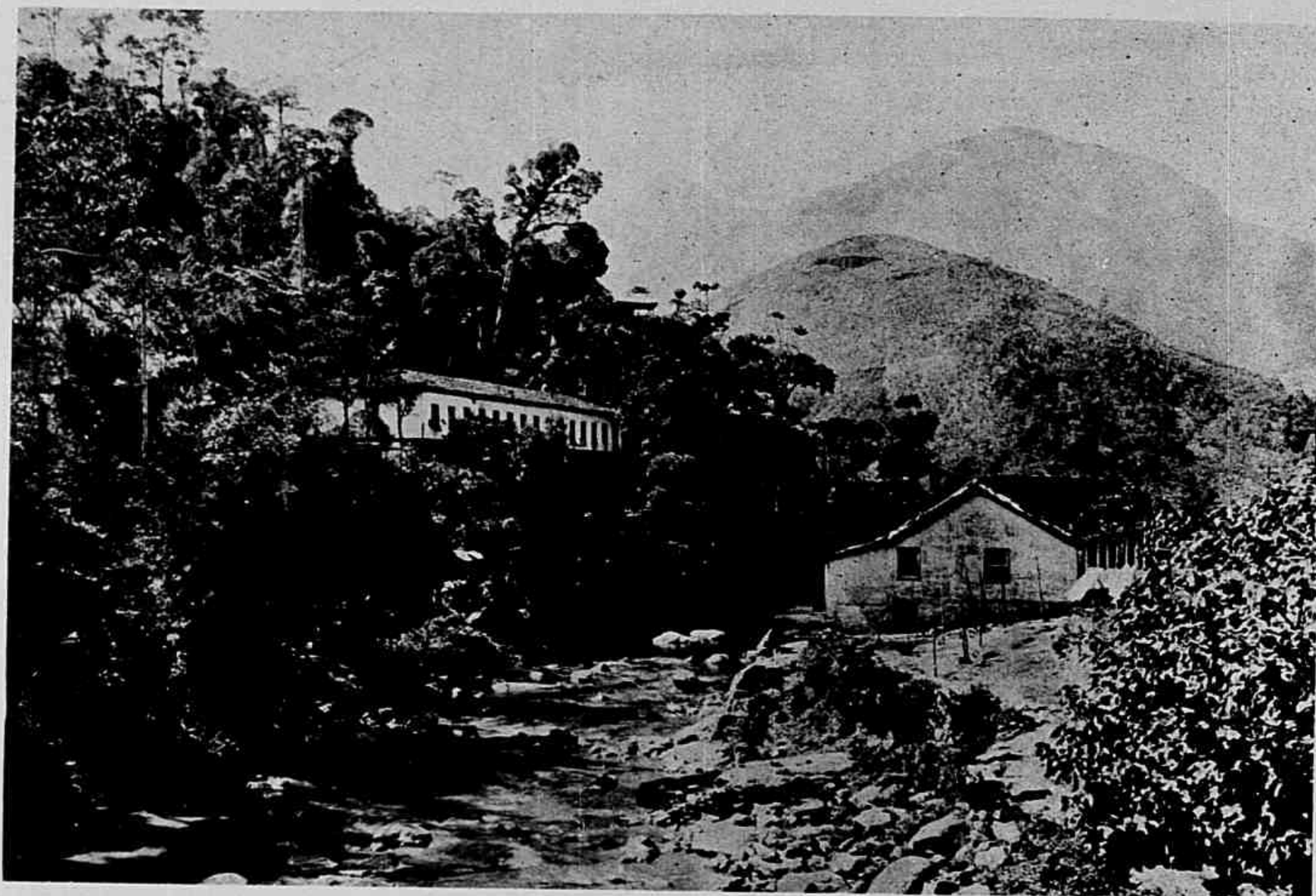
ASPECTOS DE PETROPOLIS



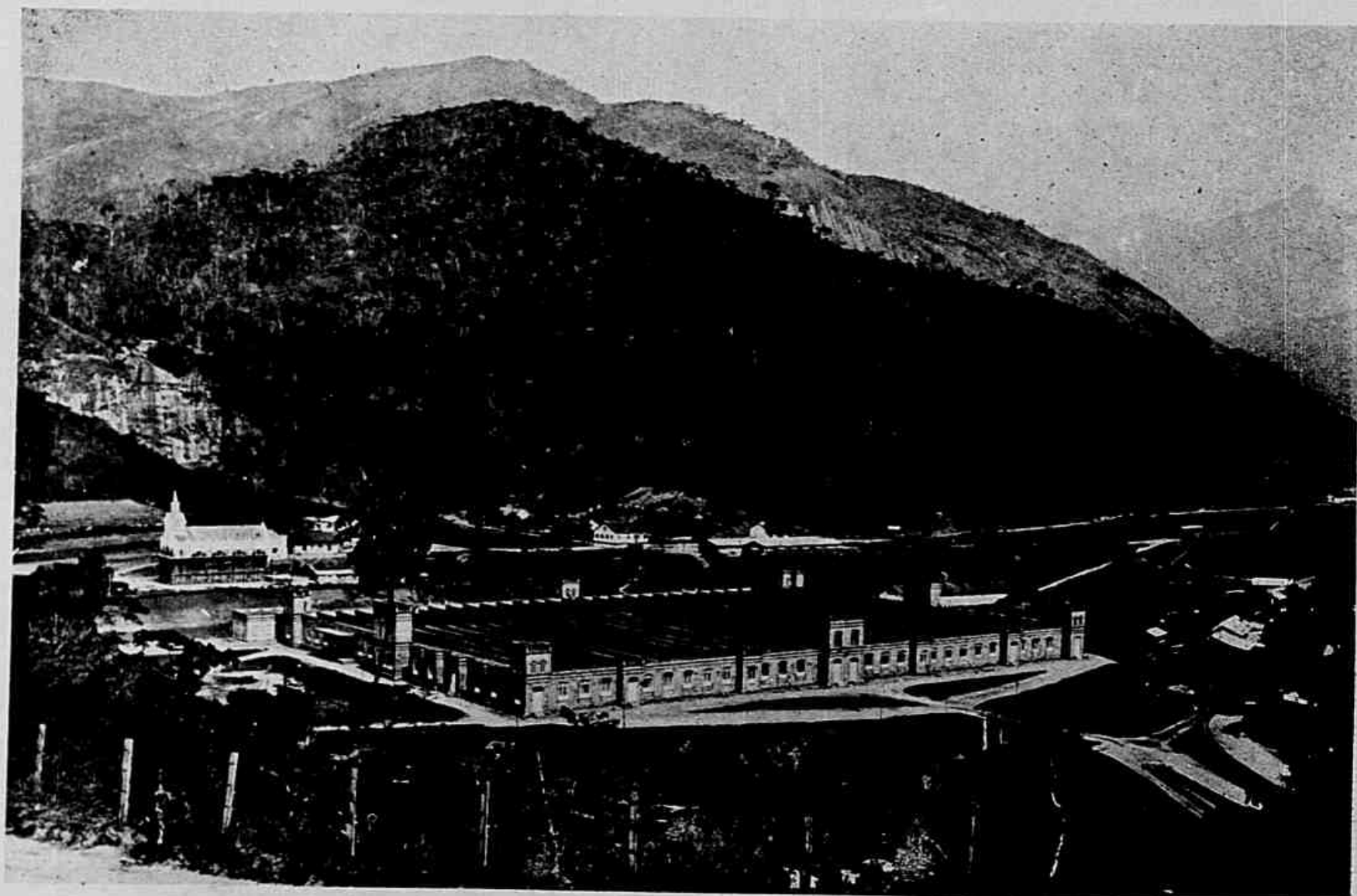
VISTA GERAL DA CASCATINHA



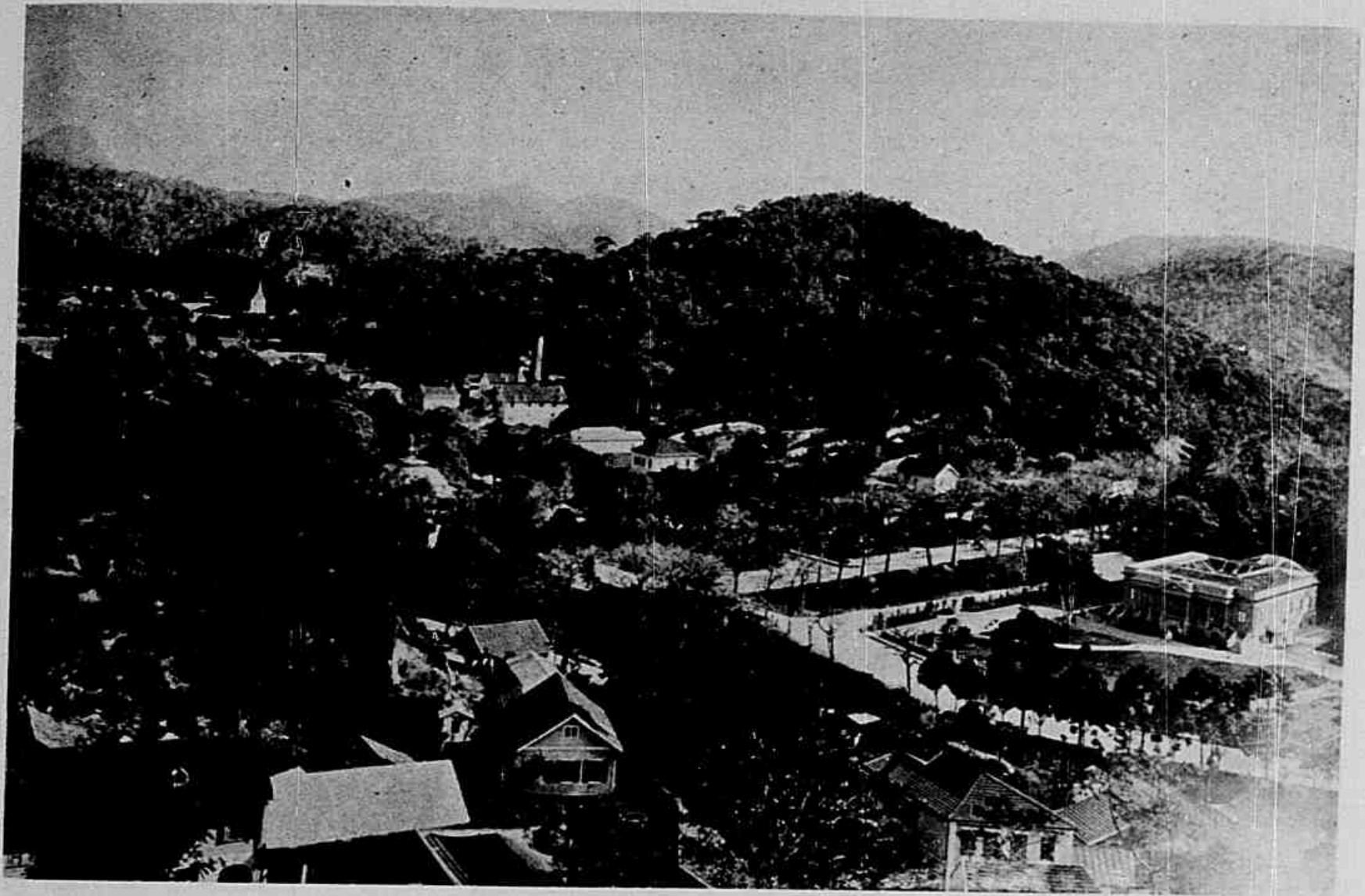
AVENIDA 15 DE NOVEMBRO, VISTA DA R. FLORIANO PEIXOTO



CASCATINHA — ACIMA DA REPREZA



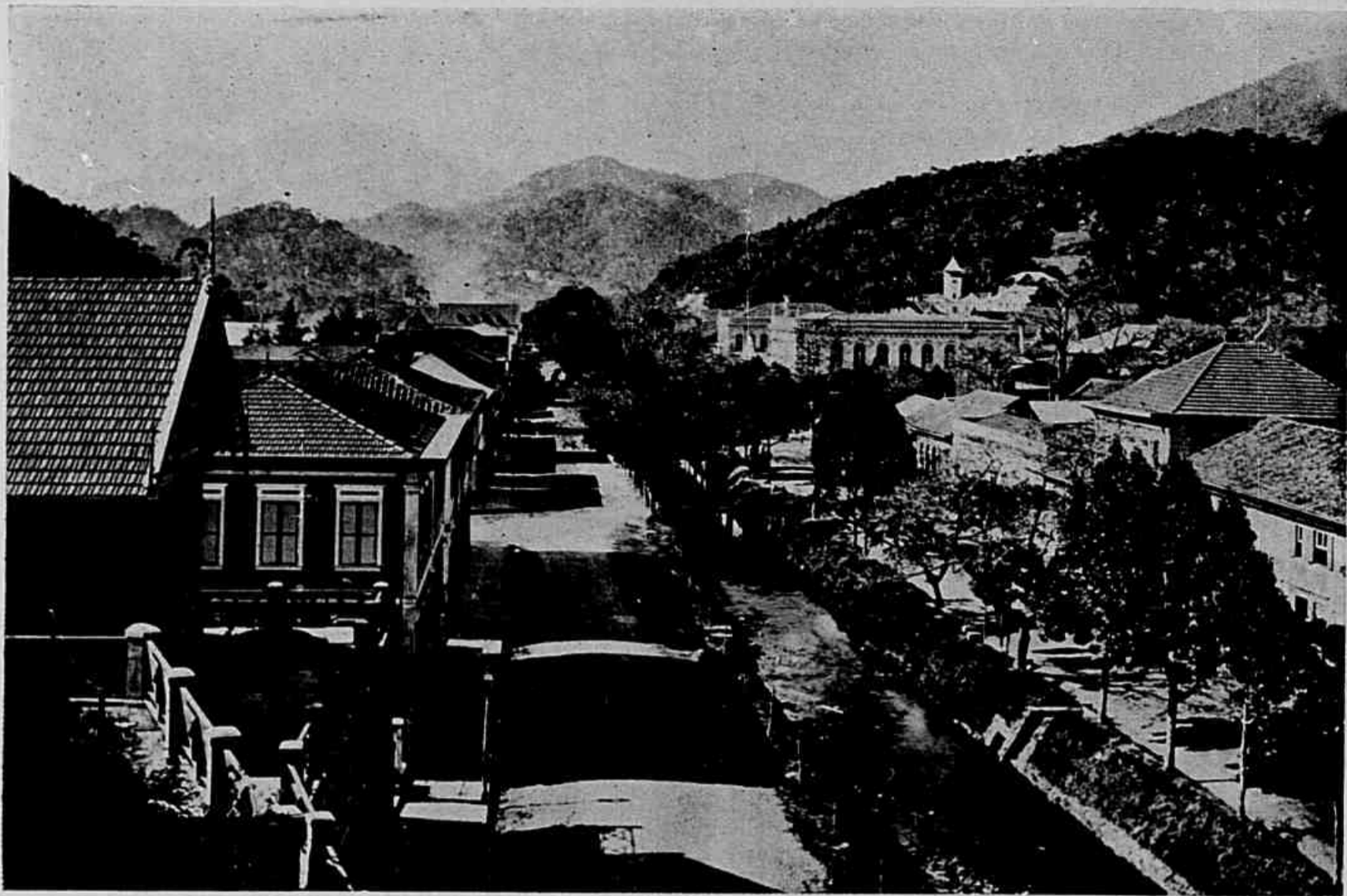
FABRICA NOVA DA CASCATINHA — COMP. PETROPOLITANA



PRAÇA DA LIBERDADE



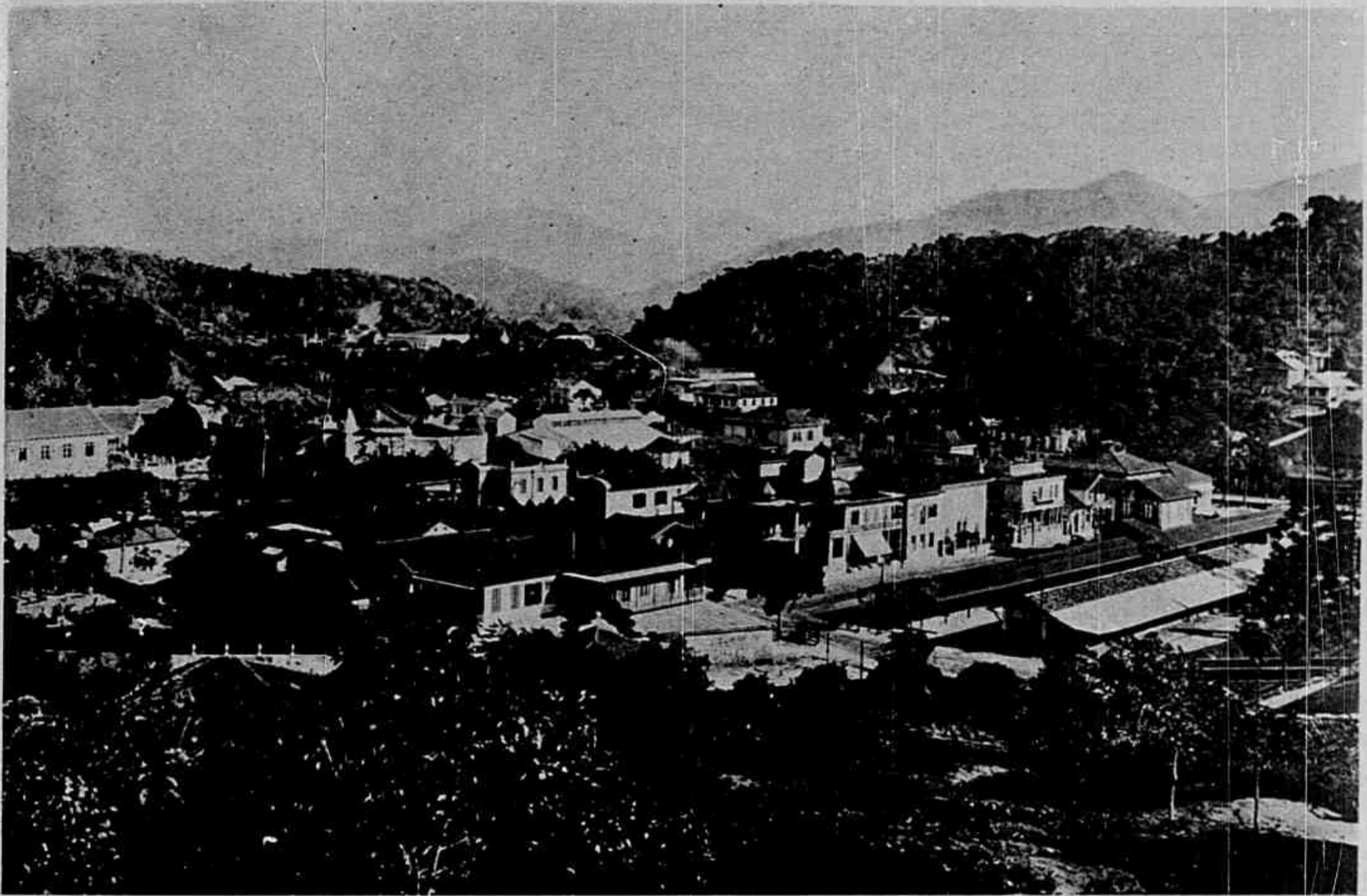
AVENIDA PIABANHA



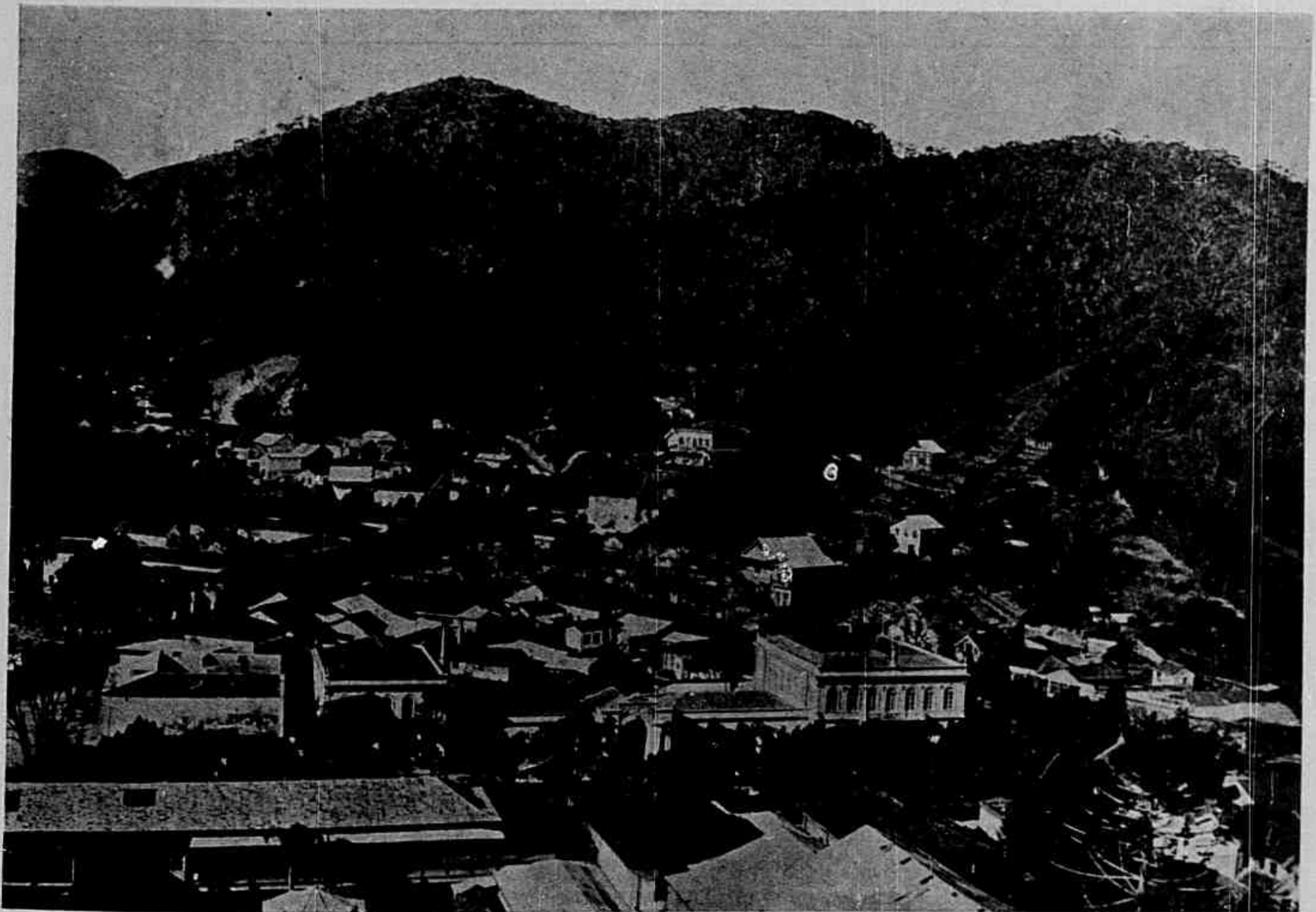
AVENIDA 15 DE NOVEMBRO — VISTA DA R. 14 DE JULHO



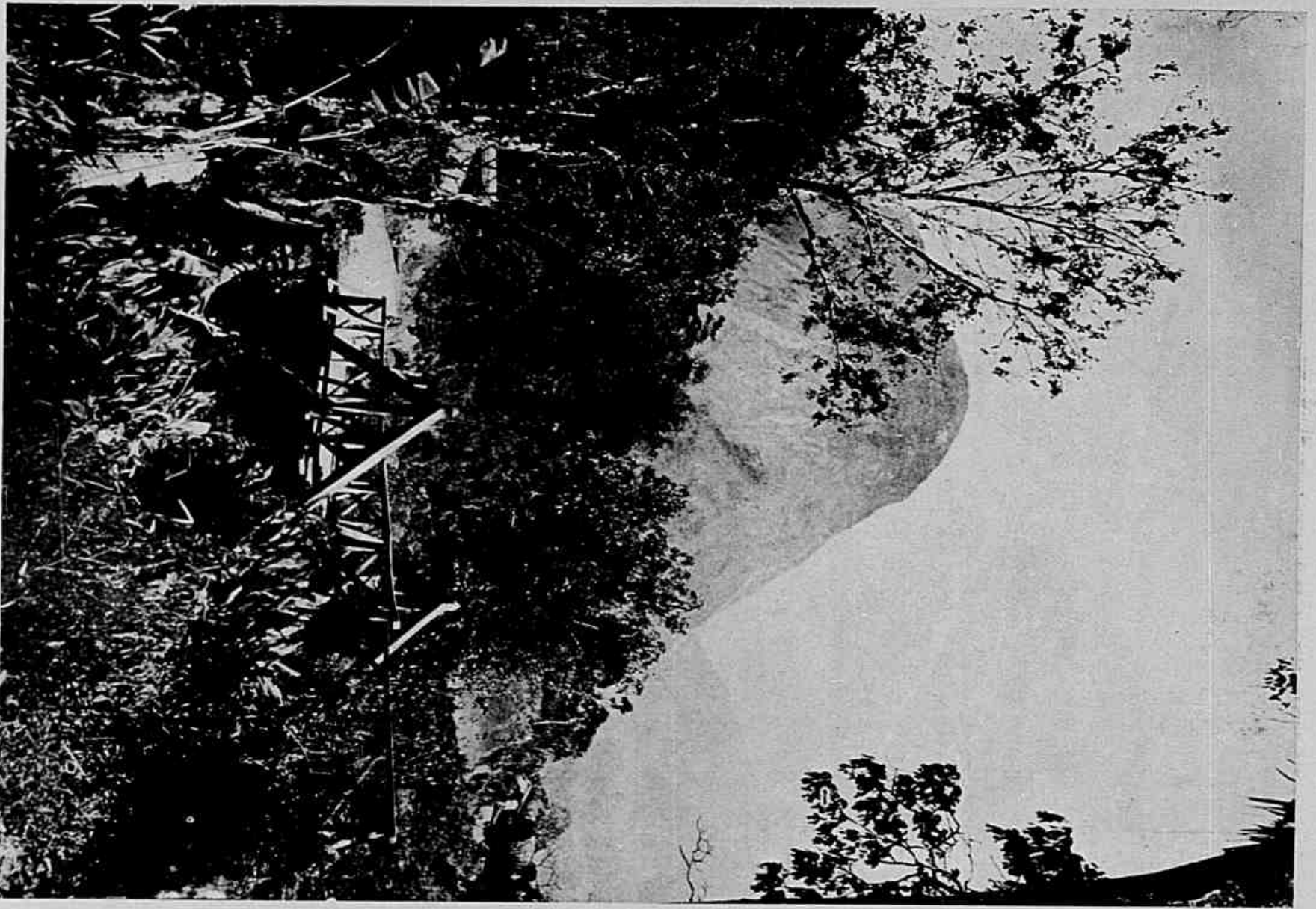
JARDIM DO PALACIO DE CRISTAL



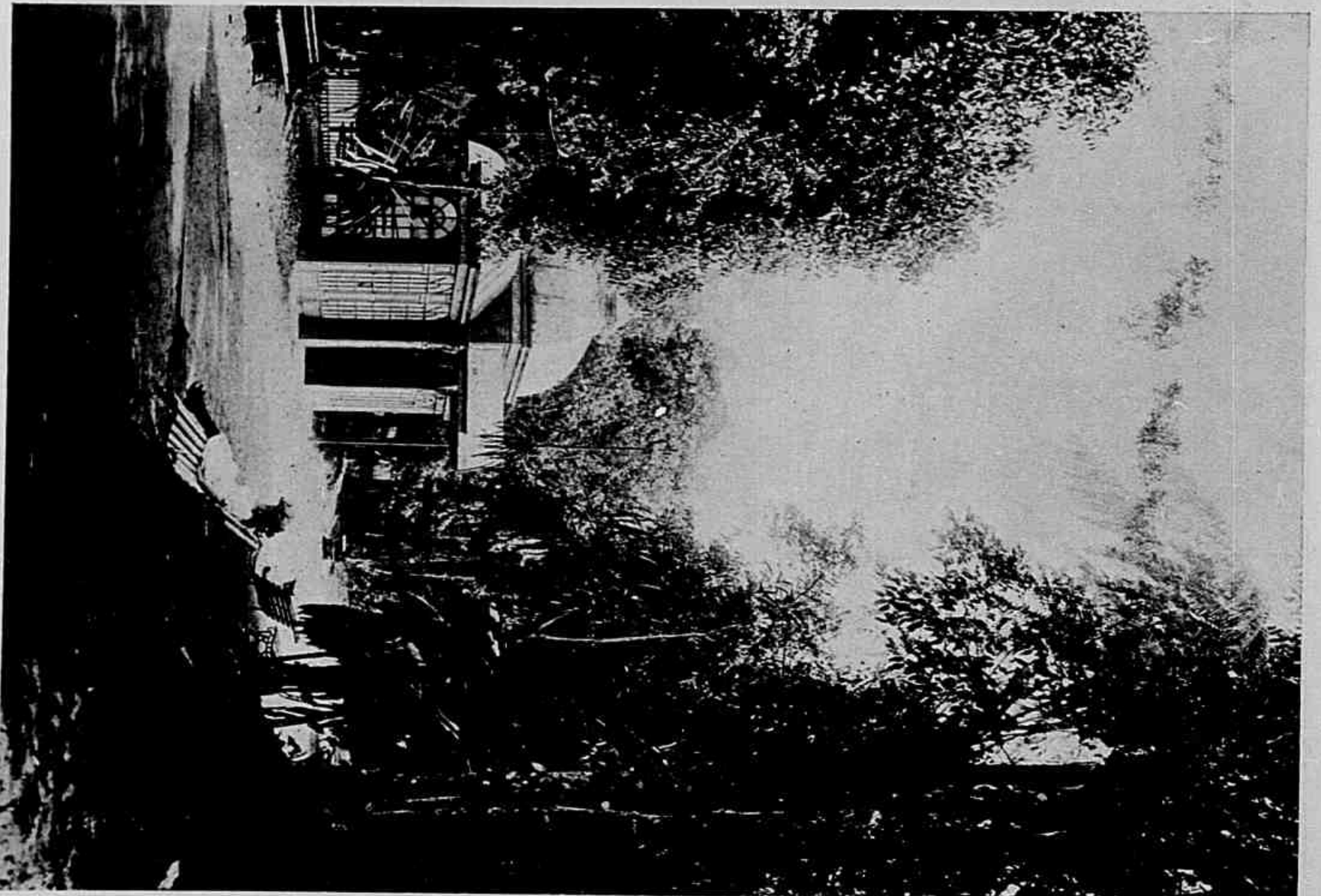
VISTA GERAL DA ESTAÇÃO DE PETROPOLIS



FORUM E PARTE DA AVENIDA 15 DE NOVEMBRO



ENTRADA DO QUARTEIRÃO DO RETIRO



A ENTRADA DO PALACIO DE CRYSTAL

A bordo do "Livádia"

Este interessante episodio de uma das viagens de D. PEDRO II á Europa foi narrado, tal qual aqui se acha registrado, pelo illustre almirante Joaquim Raymundo de Lamare, visconde de Lamare, ao seu intimo amigo, o eminente escriptor e scientista Dr. Gama Roza.

A tarde descambava, fulva e resplendente ao vivo sol de verão, sobre as margens altas e curvas do Mar Negro, destacando-se, numa angulosa barra recuada a oeste, a ponta proeminente do Kersoneso, por detraz da qual se divisava ainda, esbatido e quasi sumido no horisonte, o recôrte extenso e alvo do famoso baluarte de Sebastopol.

Uma sêcca ventania de procella sublevava as aguas—e o *Livádia*, o grande *yacht* de guerra do imperador da Russia, cabriolava no cimo alto das ondas, não obstante a sua poderosa marcha a vinte *nós* por hora.

No tombadilho, onde se aglomerava a numerosa comitiva imperial, rebrilhando na profusão dos dourados das fardas e dos capacêtes marciaes, só logravam manter-se de pé os veteranos do mar, em meio dos quaes, gigantesco e de pernas abertas á maneira dos marujos em alto mar, equilibrava-se contra os grandes balanços o tzar ALEXANDRE III.

Era um verdadeiro colosso esse homem robustissimo, espadaúdo, membrudo, de amplo e possante thórax e volumosa cabeça, cujo rosto tinha uma elevada e serena magestade, longas barbas bondadosas e esse expressivo olhar azul, nostálgico, dos Romanoff. Achava-se na estação média da vida, com uma saúde viva e plena, representando um perfeito e raro organismo e lembrando, pelo conjuncto do seu todo musculoso e potente, um esplendido gladiador dos antigos tempos da Grecia ou de Roma.

A' sua direita um velho, adamastórico como elle e de longas barbas brancas como o Tempo, firmava-se aos balaústres metallicos das amuradas, meneando de momento a momento e desordenadamente o largo tronco ás caturradas bruscas do *yacht* na vaga, mas sem interromper a conversação em que vinha com o forte monarcha europeu nesse tom de vóz franzino, delgado e penetrante que tanto o caracterizava. Era D. PEDRO II, imperador do Brasil.

Completava o grupo destacante e selecto, além dos grandes dignitarios da côrte da Russia, uma outra figura de póрте gigante, um velho magro porém musculoso, de alentada

cabeça e physionomia de traços fidalgos, austeros, tendo a barba em collar, tradicional nos embarcações britannicos e lusitanos. Era o almirante de Lamare.

O vento de leste, sem chuva e com céu azul e limpido como succede ás vezes no Mar Negro, continuava rijo, pela prôa, aumentando, com o desmaiar vespéral do dia, os escarcêos explosivos das ondas. O *Livádia* jogava formidavelmente, tendo-se passado cabos de vai-vem de vante á ré para a marinagem manobrar no convés. O capitão de fragata Macaroff, chefe da casa militar de ALEXANDRE III e já então afamado como um dos mais notáveis marinheiros de guerra russos, fôra para o passadiço dirigir em pessoa a navegação com a sua admiravel e inexcedível pericia. Na coberta, á vasta bateria corrida a todo o comprimento da galeota, a artilharia grossa estava jungida ás amuradas com travessões e «peitos de morte». Ao jardim da pôpa, todo em balaústres de metal reluzente, tal qual as malaguetas, varões do tóldo e gaiúta, erguia-se o páu-de-bandeira onde se achavam conjunctamente arvorados os estandartes brasileiro e russo—um, ostentando o seu campo verde, com lozango amarello ao centro, a destacar as armas do grande imperio sul-americano descoberto e constituido pelos arrojados e gloriosos Portuguezes do anno de 1500; o outro, branco como o gelo da Siberia, com faxas azues cruzadas de augulo a augulo, a apregoar o predomínio e força de uma das maiores nações occidentaes fundada e unificada por MIGUEL ROMANOFF, insigne guerreiro e rei de cossacos...

Mas os balanços de *roulis* e *tangage* mantinham-se terriveis. De instante a instante os vagalhões que bracejavam ao largo vinham esbarrar e desfazer-se em explosões, aguaceiros e torvelinhos de espuma ás bochechas, ás amuradas, ao tombadilho balouçante do *Livádia*.

O estado-maior russo que acompanhava o tzar—uma constellação de ricos uniformes em bordaduras de ouro—composto de generaes e almirantes de capacetes e chapêos-armados a grandes plumas, não se perturbava jamais, recebendo gallardamente, a pé firme e sem procurar abrigo ou refugio, as humidas e continuas aggressões do Oceano em furia.

De repente D. PEDRO II emmudecera, com os olhos tristemente pousados na crista espumosa das vagas. Nesse instante ALEXANDRE III, estendendo os longos braços musculosos para os escarcêos do largo, disse em francez ao visconde de Lamare:

—Almirante, o mar em todo o Brasil, segundo consta geralmente, é sempre calmo e bonançoso, as tempestades são alli muito raras e isso faz desse grande imperio da America do Sul um incomparavel paiz de placidez e

doçura. Que pensais vós deste secco vento de tormenta e destas ondas revôltas que nos cercam? Entretanto, como sabeis, estamos numa das melhores monções do Mar Negro...

O almirante de Lamare voltou-se respeitosamente para ALEXANDRE III e respondeu também em francez:

— Sim, Magestade. O Brasil é um paiz de placidez e doçura nas suas costas do norte, mas nas do sul, particularmente nas provincias de Santa Catharina e do Rio Grande, o mar está sempre inquieto e, no inverno, varrem-no procellas desfeitas, suestadas, lestadas irresistiveis e até mesmo cyclones que são causa de constantes naufragios, afundando navios ao largo ou arrojando-os ás suas costas e cabos. Lá, como aqui, as borrascas são das mais horriveis do globo. No emtanto ainda não foi possível organizar-se ou montar-se em nosso vasto littoral um só dos grandes Postos de Salvatagem tão communs em todas as costas perigosas da Europa, e sobretudo na Inglaterra...

D. PEDRO II, percebendo que falavam do Brasil, despertára da vaga *rêverie* em que se achava absorto deante das ondas revôltas do Mar Negro, e, recordando-se da viagem que fizera ao sul do imperio em 1868, por occasião da guerra do Paraguay, comprovou plenamente as informações do almirante de Lamare, acrescentando que, effectivamente, essa parte do littoral brasileiro só tinha como rivaes em todo o mundo, no tocante a ventanias e tormentas, as costas continentaes ou insulares do Mar das Antilhas, e as do Oceano Indico...

O tzar acudiu a sorrir:

— Alteza, póde ajuntar também a essas duas famosas regiões geographicas este meu pequeno Mar Negro...

E lembrou eruditamente que já dos mais remotos tempos o Mar Negro era universalmente assignalado pelas suas tremendas borrascas. Assim os gregos haviam-no chamado muí caracteristicamente de *Axenos, inhospito*...

Houve uma pausa na conversação. Agora parecia sentir-se mais nitidamente o ranger geral do navio, a zoeira da mastreação dançando ao vento e o esfrolar atroador das vagas embatendo no casco.

Anoitecia. Já tres pharóes ardiam a pleno esplendor no *Livádia* — um, a meio mastro de prôa, e dois ás enxarcias de bombordo e de estibordo, sendo um de luz vermelha, o outro de clarão verde. E, ao mesmo tempo, a camara e a tólda appareceram subita e profuzamente illuminadas a grandes lampadas eléctricas.

O *yacht*, deixando a região do alto mar, aproava então para a costa, em demanda do porto, a toda a possança das suas machinas

da força de dez mil cavallos e a toda velocidade das suas vinte milhas por hora.

A travessia que vinha de fazer no Mar Negro, longa de duzentos e cincoenta kilometros mais ou menos, desde Sebastopol á bella cidade da Livádia, tocava agora ao fim. O imperador do Brasil regressava da visita que emprehendera, a convite do tzar, á celebre praça de guerra da Criméa.

Ambos os monarchas e suas comitivas tinham partido para alli na véspera á noite e durante todo aquelle dia até á hora de deixar Sebastopol D. PEDRO II, na sua constante e insaciavel curiosidade, percorrera miudamente, com o soberano amigo, as invictas baterias que, em mais de meio anno de cêrco, sob as ordens do principe de Gortschakoff, commandante em chefe do exercito russo e sob a direcção particular do insigne general Todtleben, resistira admiravelmente ás extraordinarias forças de terra e mar da França e da Inglaterra. Assim estivera elle no local onde existira a famosa torre de Malakoff — chave da medonha cidadella — por onde começara a tomada da até então inexpugnável praça-forte, bem como nos sitios das terriveis baterias casamattadas de Alexandre, de Paulo, de Constantino e de Nicoláu. Conhecera, emfim, toda a Sebastopol que, agora reconstruida mas sem as proporções e disposições passadas, mal lembrava o seu formidável poder béllico de outr'ora.

O *yacht*, não obstante a escuridão e a névoa que sobreviera com a noite, singrava, ao momento, mais serenamente e já desafogado das ondas grossas do largo.

Em pouco, o pharol e as outras luzes menores do Castello Imperial — uma das residencias de verão dos soberanos russos — fulguravam astralmente á prôa, meio veladas na bruma. E a galeota, como um leviathan, entrou ruidosamente na ampla doca de cantaria e ferro do palacio.

ALEXANDRE III e seu hospede, seguidos dos respectivos séquitos, saltaram então, por entre densas filas de soldados da guarda imperial formada, e, ao triumphante estrugir dos hymnos russo e brasileiro, penetraram os altos pórticos de marmore da sumptuosa habitação e sumiram-se nas amplas e ricas salas douradas, tapetadas e illuminadas feéricamente.

Ao jantar — um opímo banquete imperial russo — os dois soberanos, como as suas luzidas comitivas, falaram ainda da viagem e generalizadamente das viagens de mar, cheias de perigo, sem duvida, mas em geral de surpresas e sensações ineffaveis.

A EXCURSÃO DO PRESIDENTE ELEITO

A Bahia!

Oh! Quanto eu tenho ouvido maldizer da Bahia! O medico que lá se formou, e foi lá matar saudades, volta indignado; o militar que o Governo manda para a guarnição da Bahia escreve aos camaradas cousas tremendas; o deputado, que se habitua ao Rio de Janeiro, não quer saber mais da "mulata velha", porque lhe faltam donaire, hygiene, sociedade, conforto.

Ora, o medico, o militar e o deputado não têm razão. A Bahia recebeu o Dr. Affonso Penna como graciosa mocinha que enfeitasse as bellas tranças com as mais vistosas fitas. Tem graça, tem apuro, tem maneiras, tem conforto.

Desde a ponte da Companhia de Navegação até ao espectáculo do Polytheama, desde o bairro da Victoria até ao monumento 2 de Julho, desde o Palacio do Governo até ao palacete Mesquita o Dr. Penna viu como eram communicativos os bahianos, e que futuro prospero aguarda essa terra dos mais saborosos fructos e das mais formozas tradições.

*
* *

Não fatigarei o leitor com a narrativa de como se passaram felizes dias em São Salvador da Bahia. Um Pero Vaz de Caminha já não vale mais nada para a chronica dos tempos modernos. O telegrapho transmite rapidamente as impressões que dantes somente á epistola eram confiadas.

Que poderia eu dizer, agora, depois de estar tudo sabido?

A viagem ao Joazeiro foi um desdobramento das festas da Capital. A Bahia, sempre a Bahia, risonha, embandeirada em arco, desde Periperi, Olaria, Matta de São João, Pojuca, Sitio Novo, Alagoinhas, Armary, até Serrinha, até Queimados, até Villa Nova da Rainha.

O Governador fazendo sempre as honras da casa. Aqui mostrava uma paysagem, ali um trato de terra, além um casal no meio de pastagens verdejantes, uma estrada, uma ponte, um rio, uma fazenda de criação, um cannavial, um povoado, uma cidade e os seus homens mais notaveis.

No Joazeiro o Dr. Affonso Penna não pode occultar a sua satisfação pela importancia que achou justo dever ligar a tão futura região.

O Rio S. Francisco deslisa por ahi com uma serenidade de funcionario que cumpre o dever de fertilizar as terras. O rio é anormal por onde foram alinhadas, em parallelas, as vinte ruas de Joazeiro, orladas de elegantes casas, caiadas ou pintadas de diversas côres. A matriz, sob a invocação de N. S. das Grottas, é dos mais sumptuosos templos do centro do Estado.

Nasceu Joazeiro de uma aldeia de indios administrada pelos franciscanos, e por elles fundada em 1706. E' hoje bella cidade intermediaria do commercio do littoral com o sertão.

Depois de ver a matriz, desejou o Dr. Affonso Penna viajar no grande rio; e logo o pequeno vapor *Joazeiro* o recebeu com a sua comitiva. Foi uma excursão apprazivel. Do outro lado do rio, Petrolina, cidade pernambucana. As autoridades vieram a bordo saudar S. Ex.^a Houve banquete, houve brindes, houve sonoridades da banda Appollo joazeirense; e o rio seguiu, levando através dos campos o echo da vibrante festividade.

*
* *

Pernoitou-se em Villa Nova da Rainha, onde já tinhamos estado, subindo. E' situada sobre a encosta da serra da Saúde. Tem mais de mil casas. A cidade originou-se de uma antiga tapera chamada do Senhor do Bomfim.

Pela manhã de 21 puzemo-nos a caminho da Capital, agradecidos pela hospedagem dos villanovenses que não limitaram seus carinhos ao futuro presidente, mas os fizeram extensivos a todos que o acompanhavam.

Foi vertiginosa esta carreira de S. Salvador a Joazeiro e de Joazeiro a S. Salvador; mas sufficiente para admirar os habitantes do interior da Bahia no quadro da natureza que os cerca.

Outra vez na Capital, o Dr. Affonso Penna achou-se novamente envolvido na onda asphyxiante de curiosos que queriam ver onde S. Ex. entrava, e quando S. Ex., sahia. Na Cathedral, na Faculdade de Medicina, nos franciscanos, no hospital de Santa, Izabel, na Faculdade de Direito, no Senado por toda parte S. Ex. era seguido e esperado por uma multidão irrequieta, e que se mostrou sempre adextrada na arte de dar "vivas".

*
* *

Fomos a S. Bento das Lages, embarcados no vapor *Conselheiro Dantas*. Faço neste momento de escrever todos os esforços para não me lembrar do susto que todos rásparamos, a bordo. Emfim, a visita á Escola Agricola valia, até, outro susto, ainda.

A Bahia tem muito que ver, e muito verá quem viver. E' o segundo porto, depois do Rio de Janeiro. Uma vez feitas as obras do caes, o seu desenvolvimento surprehenderá. Valorisar-se-ha o solo, e a população edificará, resolutamente.

Uma das cousas que mais despertaram a attenção de S. Ex. foi a deficiencia das installações: Correio, quartéis, Alfandega, tudo acanhado. Está tudo por fazer, como até ha pouco, antes do actual governo, estava tudo por fazer, no Rio de Janeiro. Ahi na Capital Federal a transformação se fez em quatro annos; aqui não será preciso mais tempo; a questão é haver quem comece.

*
* *

E' uma e meia da tarde de 25. Os canhões do S. Marcello ribombam outra vez. E' o *Estrella* que passa seguido do *Maranhão*, e de outros vapores. A bordo do *Estrella* deixa a Bahia o Dr. Affonso Penna.

Foi um septenario de emoções gratissimas. O Presidente eleito leva cheinho o seu livro de notas; e nós todos trazemos o peito

arfando de saudades. Mais vinte e quatro horas sobre o mar, este delicioso mar da costa do Brazil.

Noite de descanso, noite de silencio. O sol do dia 26 despontou claro e quente dourando os serros de Sergipe d'El Rey. A's oito e meia estavamos diante da Atalaia. A tricentenaria cidade de S. Christovão, antiga capital, acenou-nos, captivante: que fossemos, que nos approximassemos, para vel-a. Os de bordo acenaram-lhe tambem: que não, que contavam com a maré cheia para entrar em Aracajú; mas diante da Atalaia ficámos, namorando a Cidade, de longe, até duas e meia da tarde, quando se deu a preamar.

O povo cobria o littoral. O povo é sempre o mesmo, em Aracajú ou em Tokio, no Rio de Janeiro como em Paris: sempre ávido de novidades. A novidade daquelle dia era o desembarque do Presidente eleito; quem não quereria ver de perto a figura do brasileiro unico indigitado pelo voto popular para dirigir os destinos do paiz?

No Cotinguiba fluctuavam algumas embarcações, garridamente enfeitadas; era a primeira manifestação de alegria dos sergipanos. O presidente do Estado transportou-se rapido para bordo do *Estrella*, e com muito affago saudou o illustre viajante. Outras autoridades se apresentaram com o mesmo fim de cortezia. A's tres e vinte effectuou-se o desembarque na Ponte do Governador onde estava formada a Escola de Aprendizes Marinheiros.

As escolas primarias aguardavam S. Ex., no Palacio. Começaram as festas, prolongaram-se as aclamações, não interrompidas até ao banquete, á noite, em que os primeiros brindes foram trocados com grande gaudio da reportagem politica.

Nada, porém, como o saráo. Após o banquete, o Presidente do Estado reuniu em seu salão a *élite* da sociedade de Aracajú, e promoveu um concerto que foi uma nota nova nas harmonias da recepção. Galantes senhoritas cantaram e tocaram, á moda da terra, e produziram um successo maravilhoso.

*
* *

Repito: Que vale hoje um chronista diante de um telegraphista? Nada. Eu tinha muito que referir, mas tudo foi dito, opportunamente. A visita ao Engenho Central de Riachuelo, passando-se pelos rios Poranga, Sergipe e Cotinguiba, avistando-se Socorro, Santo Amaro, Lorangeiras, e o arraial de Bom Jesus, foi de uma pompa indescritivel. Sergipe é adoravel. Pena foi que só nos demorassemos por ali, cinquenta horas. Quando eu acabava de ouvir os languorosos descantes, as trovas mais amenas, já me encontrei a bordo do *Estrella*, rumo de Maceió. Quando eu mal sahia do espanto, já no convez do navio se achavam as autoridades alagoanas.

O Coronel Antonio Maximo, vice presidente de Alagoas, em exercicio da presidencia, viera seguido de muitas pessoas illustres que apresentou ao Dr. Affonso Penna. A's nove horas desembarcámos, acompanhando S. Ex. e os que tão gentilmente o tinham vindo receber.

Setenta estudantes, setenta guapos academicos, do Recife, aguardavam o Presidente eleito na ponte da casa Tohman. Um delirio! O 33 de infantaria, a escola de aprendizes, marinheiros e uma força de policia prestaram as homenagens militares.

Da praça Wanderley de Mendonça até á praça do Palacio o povo appareceu, garrido, enthusiastado. Desde a manhã até á tarde, desse dia 29, Maceió esteve em festa, promovendo a mais feliz hospedagem ao illustre itinerante.

No dia 30 o Dr. Penna foi a Utinga, Cachoeira, Rio Largo e Atalaia. A *Great Western* proporcionou a S. Ex. e sua comitiva uma viagem admiravel. O proprio Dr. Aarão Reis, espirito affeito aos progressos da viação ferrea, declarou-se surprehendido com o que via nessa Estrada de Ferro ingleza em territorio brasileiro.

Pode-se viajar, assim. Os prodromos de luxo estão ali perfeitamente delineados. A Estrada é um primor.

Os campos que ella atravessa não se parecem, de todo, com os que atravessa a Central, antes ou depois da serra do Mar. Ha o que quer que seja de novo para os nossos olhares curiosos; e de costumes, o

geito da população rural differem essencialmente do povo do sul.

O que não apresenta differença alguma é a generosidade, sempre a mesma, em todos os animos, e em todas as occasiões. O espirito hospitaleiro, bondoso, prestativo, manifesta-se a toda a hora. Nós, os transeuntes, estamos captivos de tanta gentileza.

O Dr. Penna vê o que quer, e vê mais do que quer. Mostram-lhe tudo, querem leval-o a toda parte.

Em Utinga visitou a Escola Pratica de Agricultura e a Usina Leão. Nesta foi geral a admiração diante dos magnificos exemplares de gado *zebú*.

Em direcção a Rio Largo, impressionou extraordinariamente a grandeza das mattas de Páo Brazil, dominando a região fertil e vistosa. Com o Dr. Penna viera de Maceió os secretarios do Interior e Fazenda que sabem intelligentemente conduzir uma visita atravez do seu Estado. Gozaram ambos o prazer de mostrar duas joias da industria manufactureira: a fabrica da Companhia Progresso Alagoano e a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, que emprega por assim dizer quasi toda a população de Rio Largo.

Em Atalaia percorremos a Usina Wendesmet e a Companhia União Mercantil.

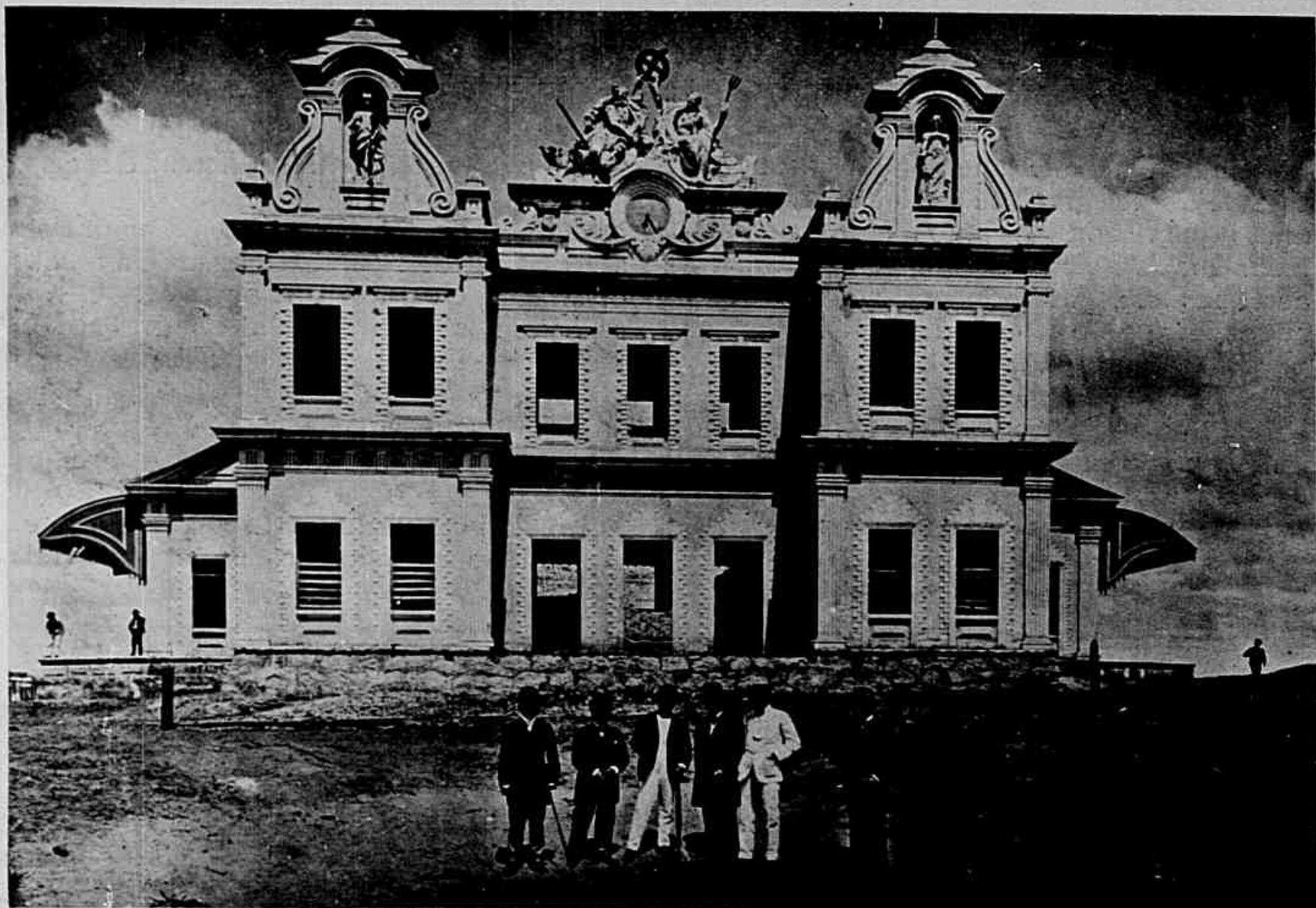
As impressões assim recebidas da Alagoas industrial foram as mais lisongeiras. O Dr. Affonso Penna não cessou de o proclamar.

Regressamos a Maceió ás 8 horas.

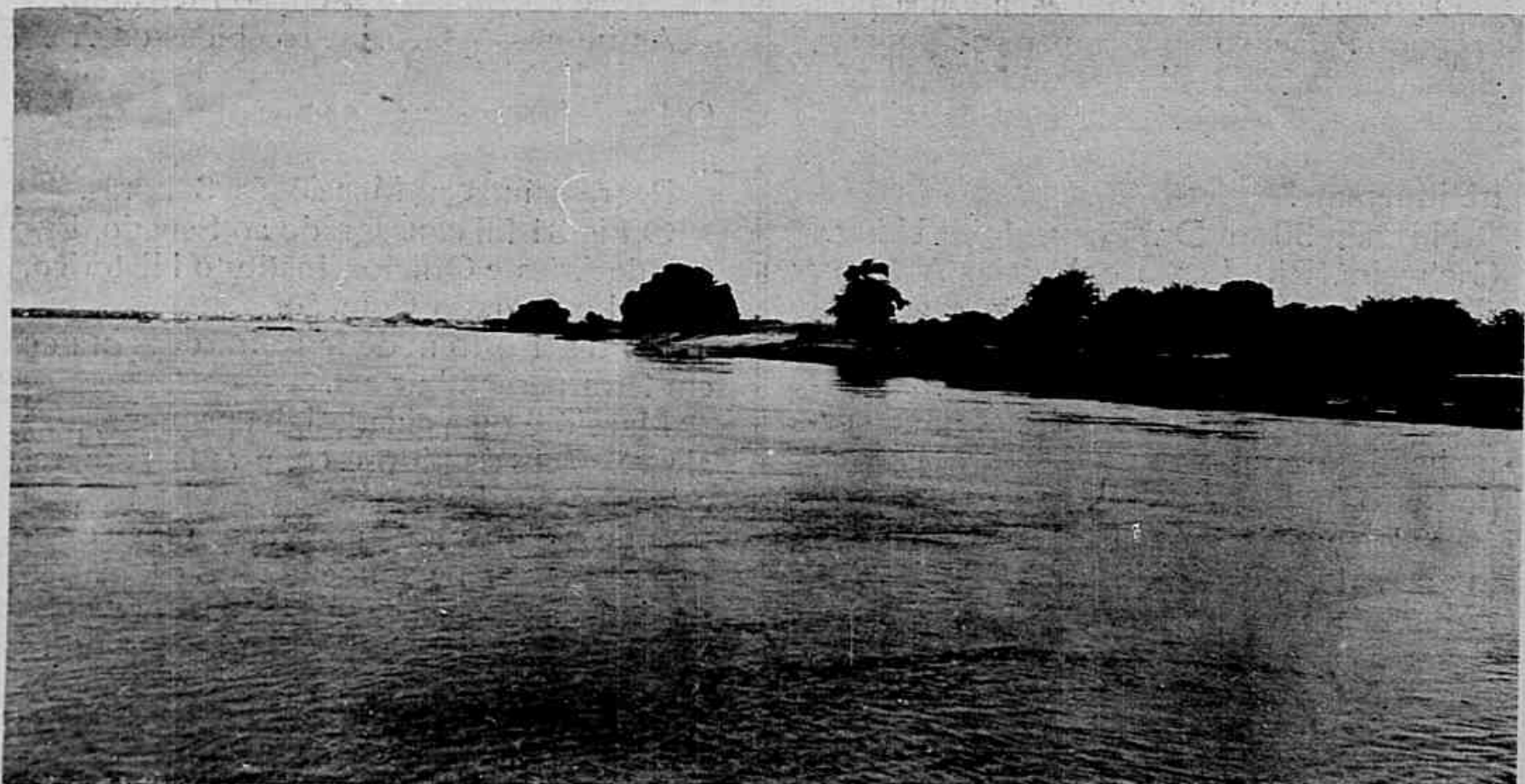
O dia 31 foi consagrado ao Senado, Lyceu de Artes e Officios, Instituto Historico, Pharol e Sagrado Coração.

No dia 1 o trem de ferro introduziu-nos em terra pernambucana.

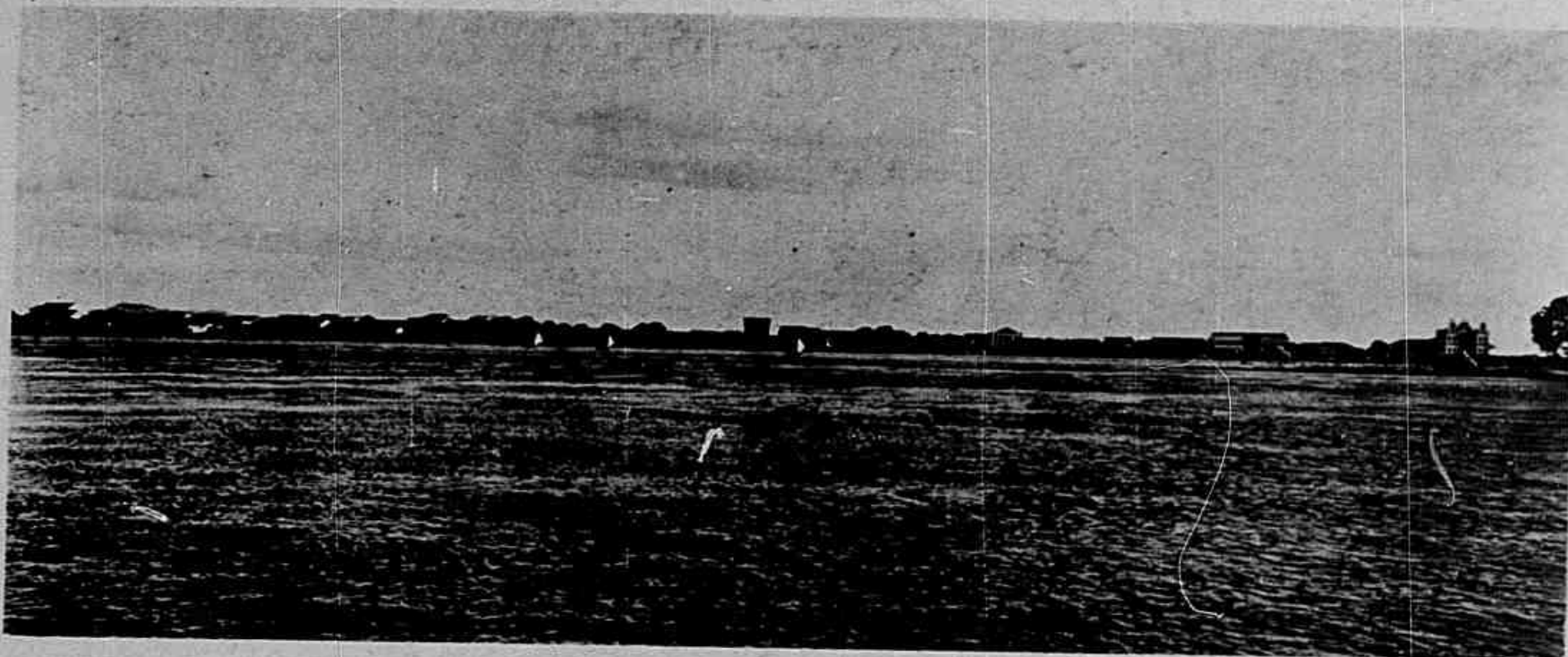
Maceió é uma cidadezinha pequena, mas alegre, cheia de pittoresco, e apta para receber os melhoramentos que lhe dêem o tom de uma capital americana. Ouvi dizer que se pensa em commemorar o centenario da independencia da capitania com solemnidade especial, inaugurando-se muitas obras de embellezamento. Oxalá! Se dentro de dez annos Maceió cuidar de si, com desvello, teremos uma cidade formosissima na visinhança da formosa Olinda.



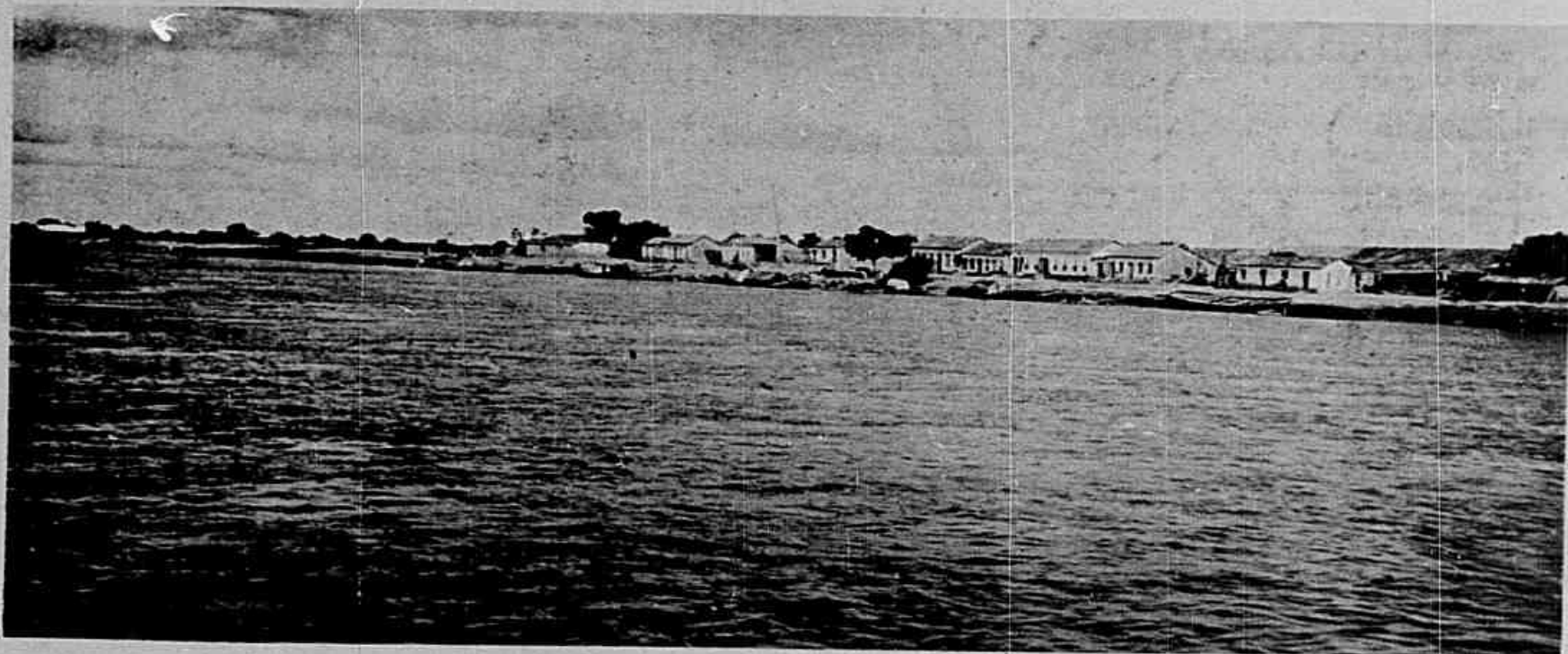
JOAZEIRO ESTAÇÃO E. F. S. FRANCISCO



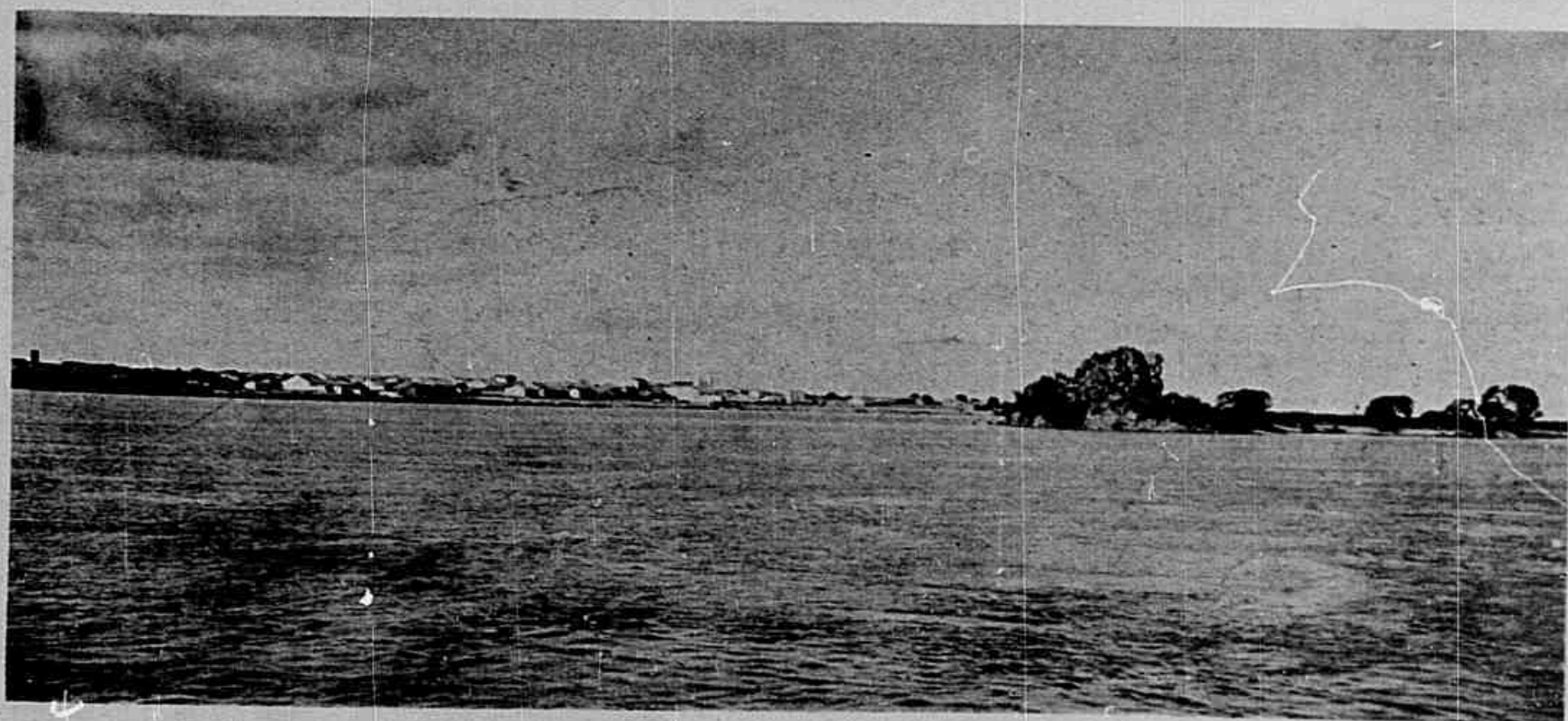
RIO S. FRANCISCO (EM VIAGEM)



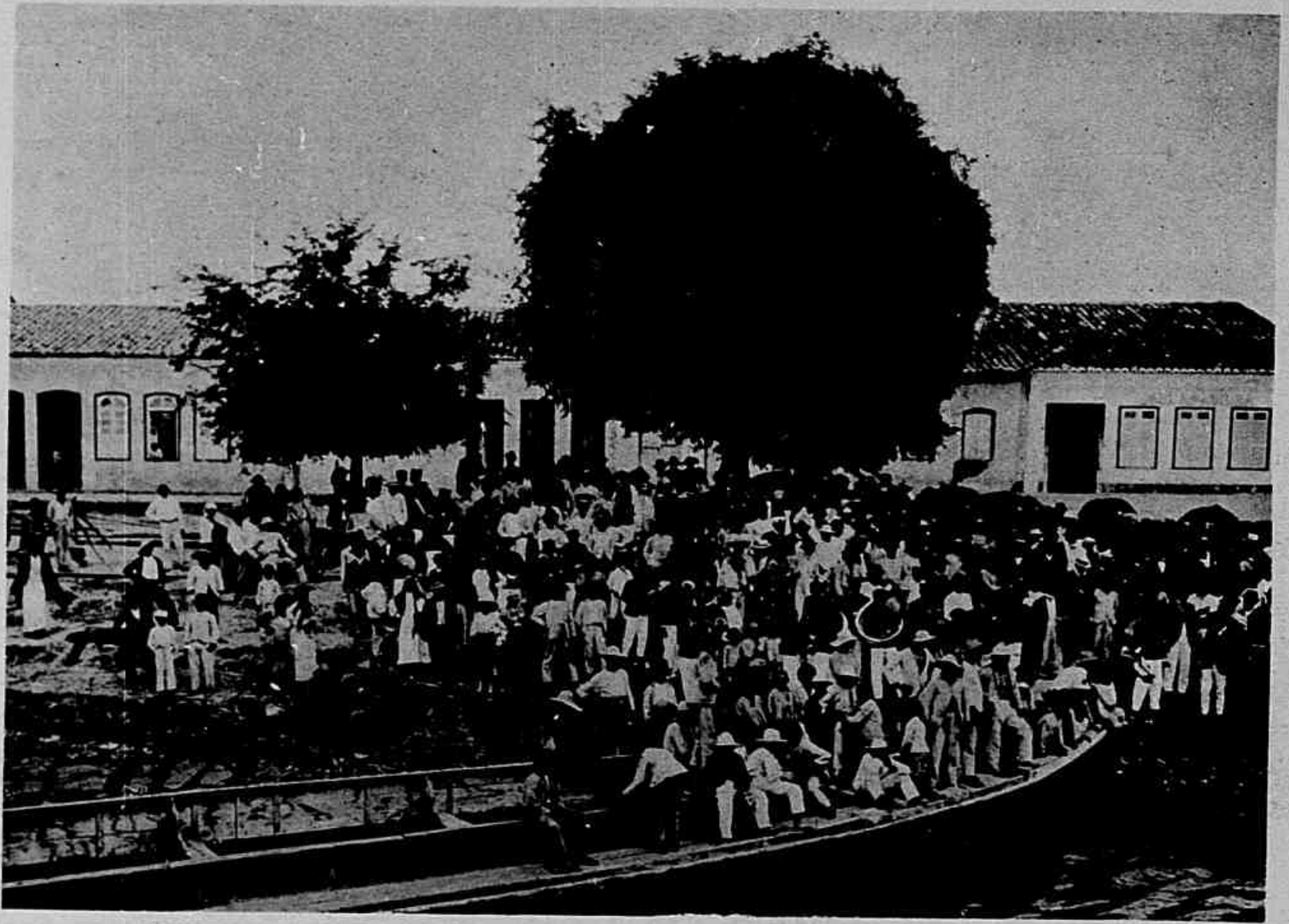
JOAZEIRO — VISTA GERAL



PETROLINA, (PERNAMBUCO) MARGEM OPPOSTA S. FRANCISCO



TRECHO RIO S. FRANCISCO (EM VIAGEM) ILHA DO FOGO E PETROLINA

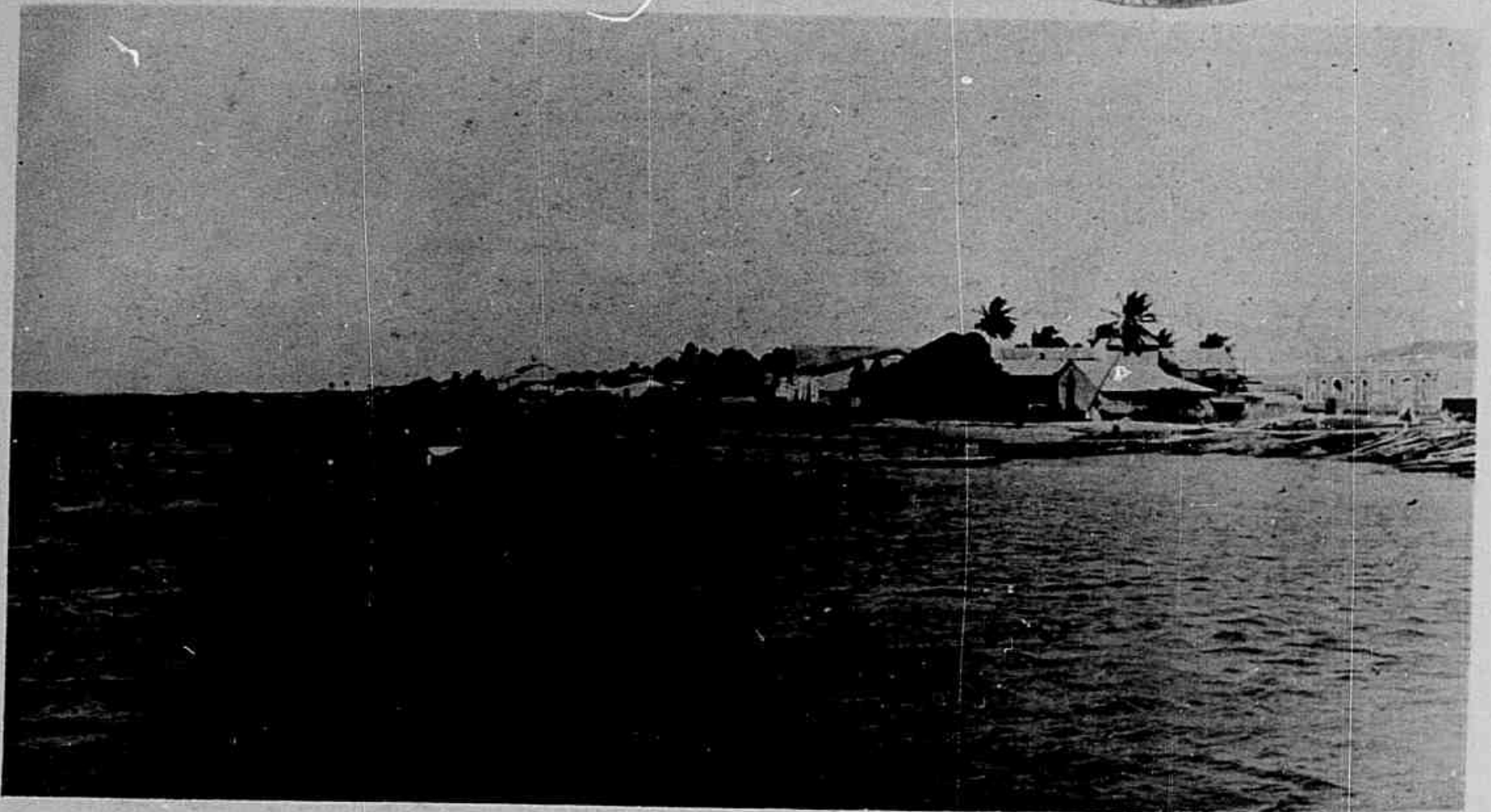


JOAZEIRO — TYPOS LOCAES

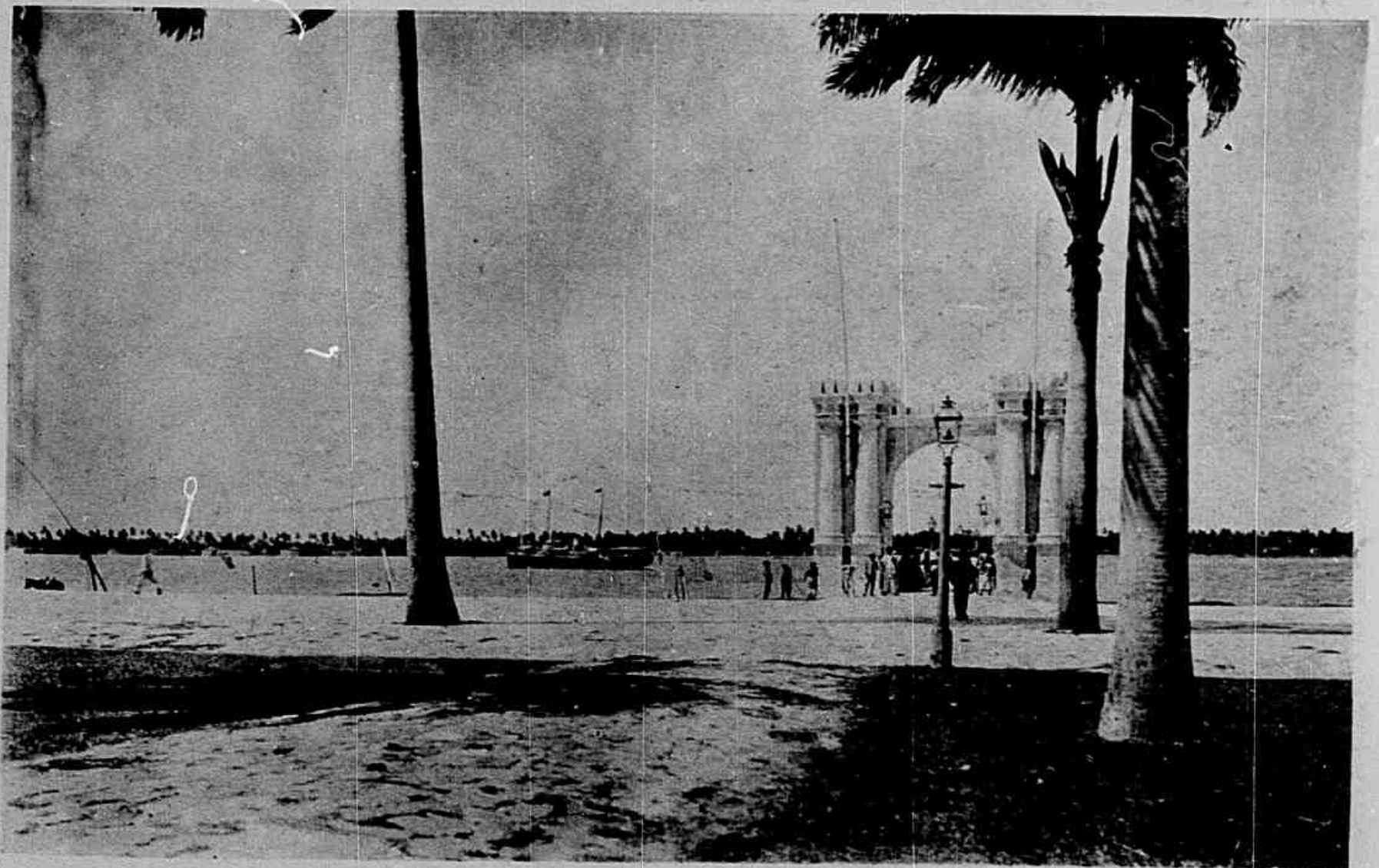


ESTAÇÃO DE QUEIMADAS—(PONTO DE ACAMPAMENTO DAS TROPAS DE CANUDOS)

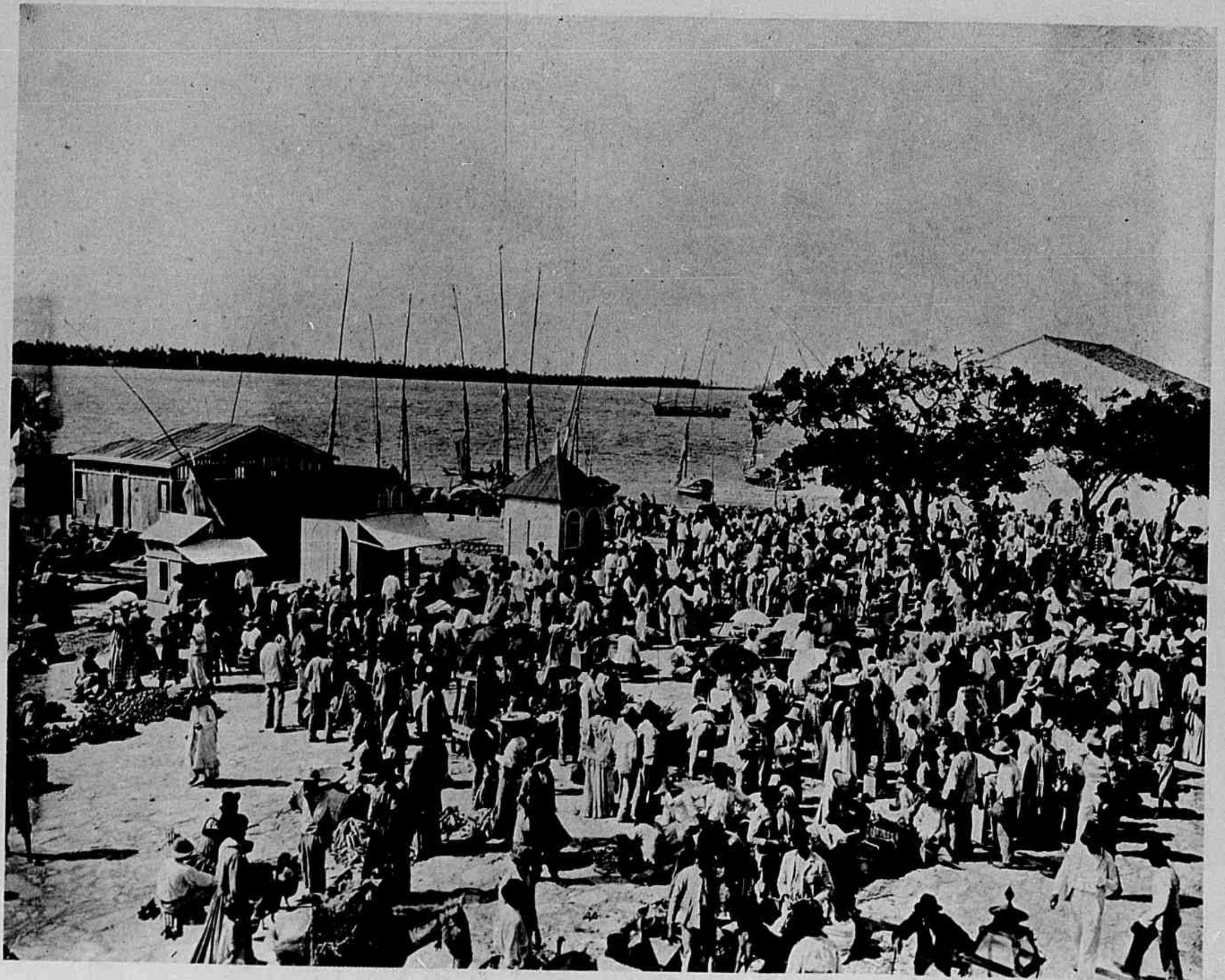
ESTADO DE SERGIPE



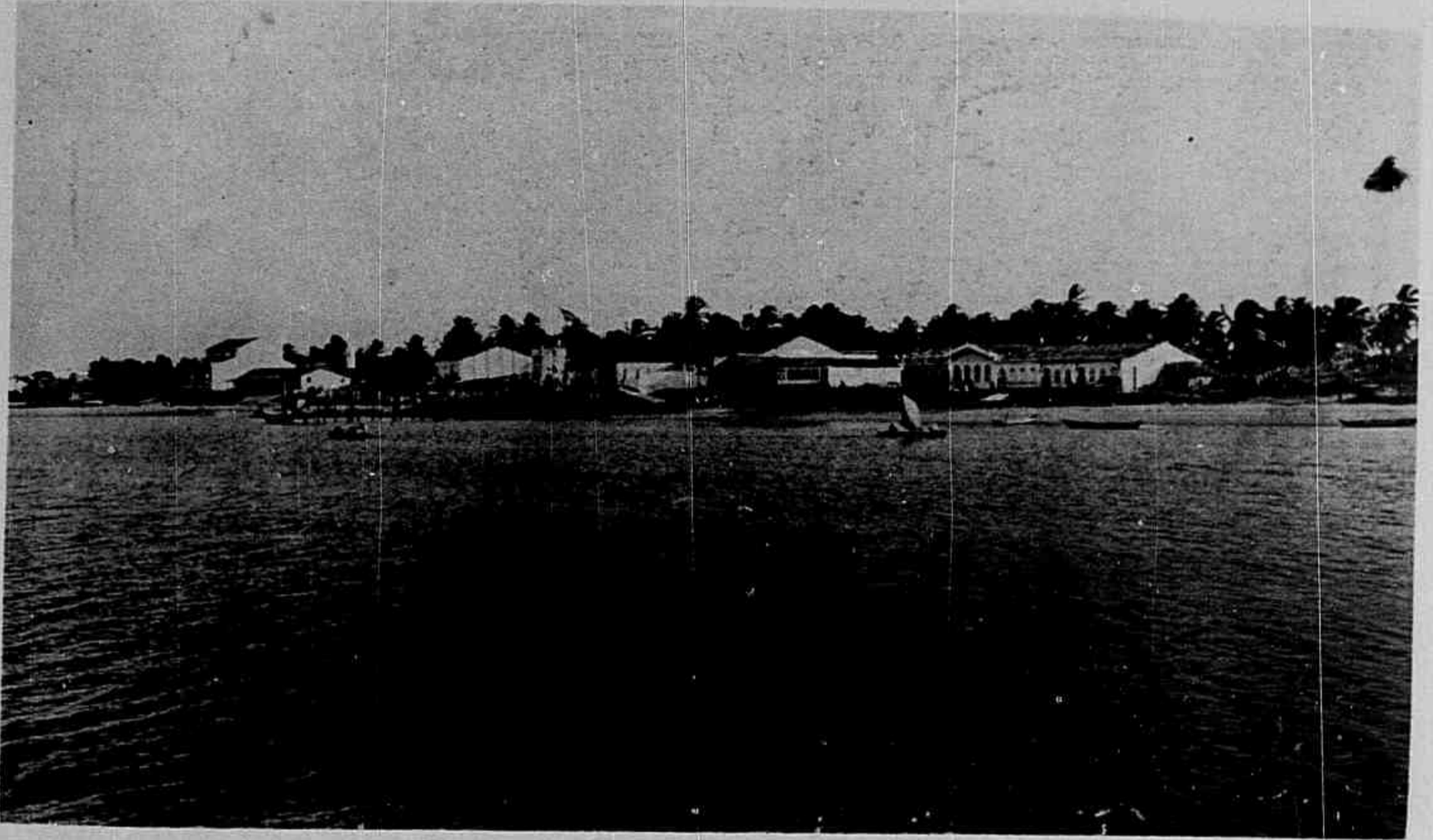
BARRA DE ARACAJÚ



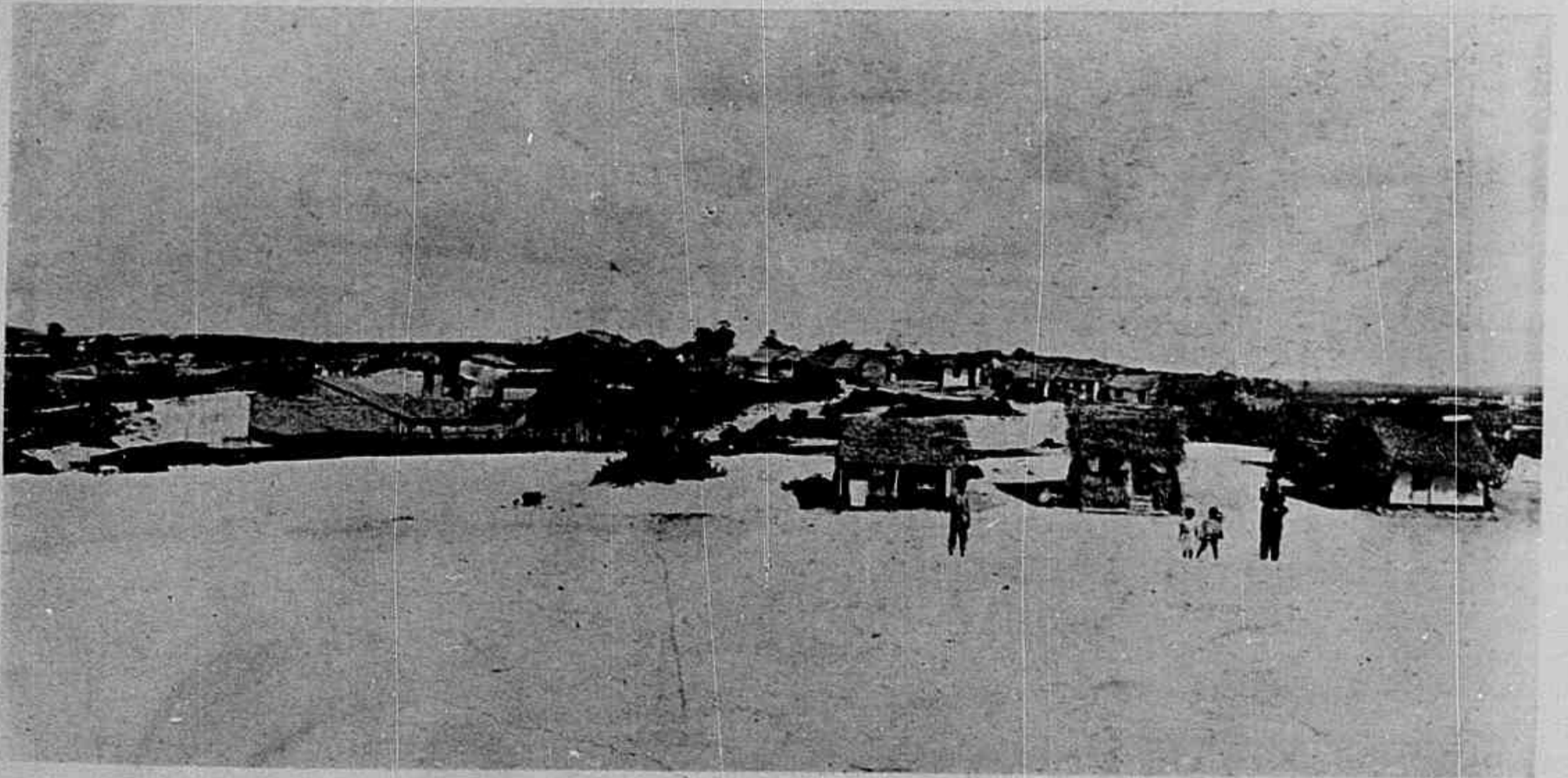
ARACAJÚ — PONTE DE DEZEMBARQUE — O VAPOR ESTRELLA



ARACAJÚ — FEIRA



ARACAJÚ — ESCOLA DE APRENDIZES



ARREDORES DE ARACAJÚ

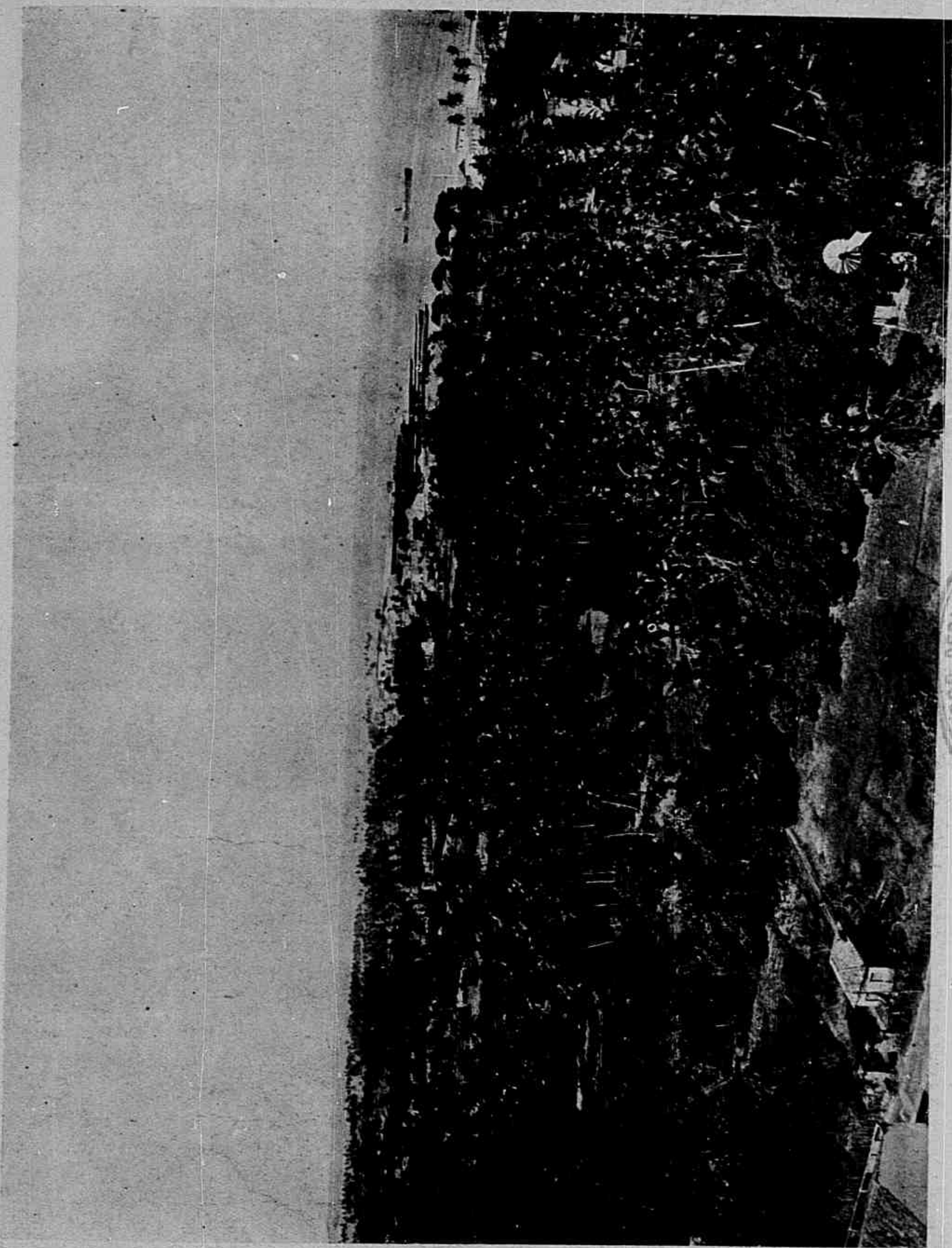




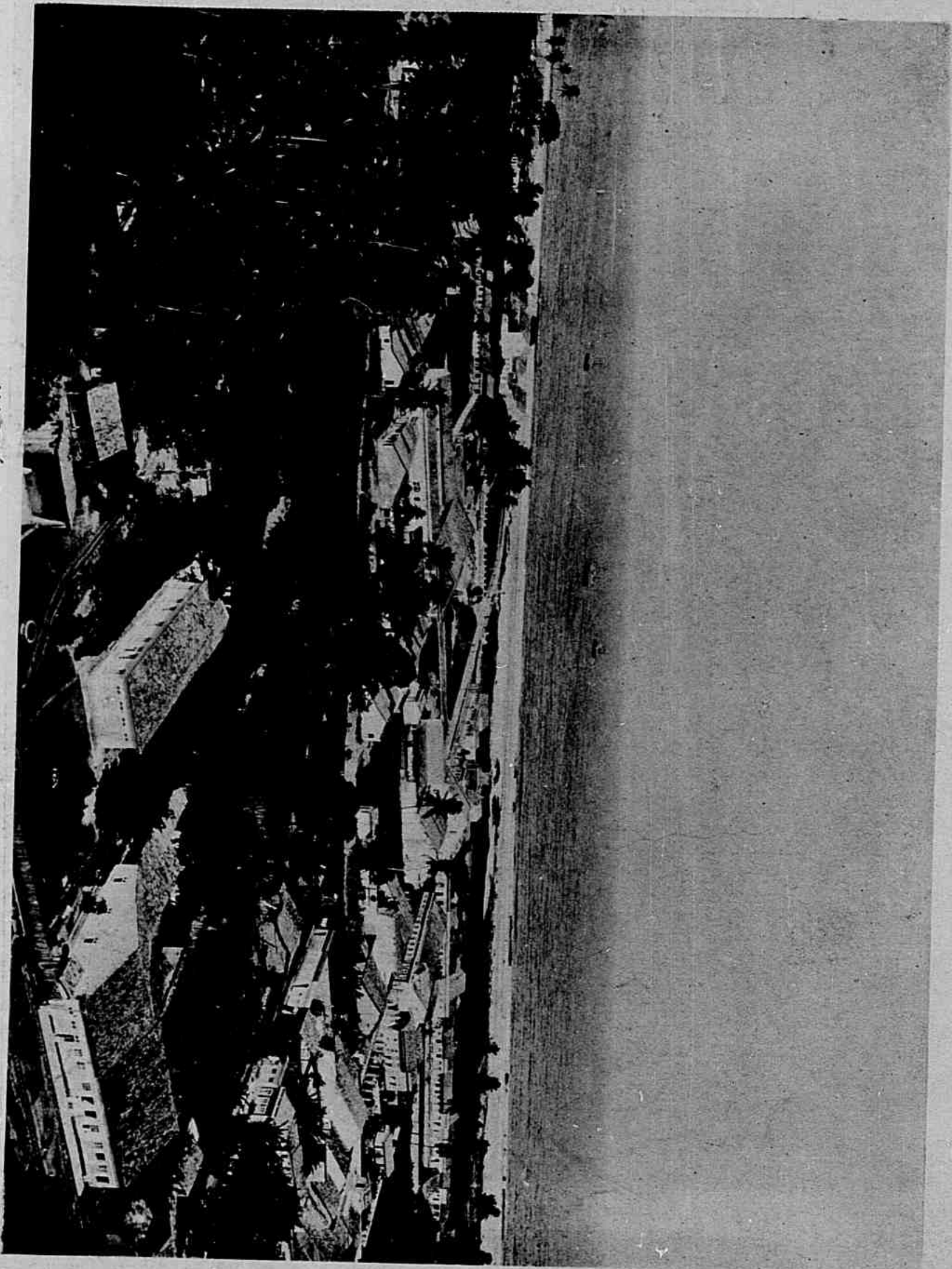
OS DRS. AFFONSO PENNA E JESUINO DE MENEZES, NO PALACIO DO GOVERNO DE SERGIPE



TYPOS SERTANEOS



SEARA DOS DEBITADOS
MACIÓ
BIBLIOTECA



MACEIÓ - VISTA TIRADA DO ALTO DO PHAROL

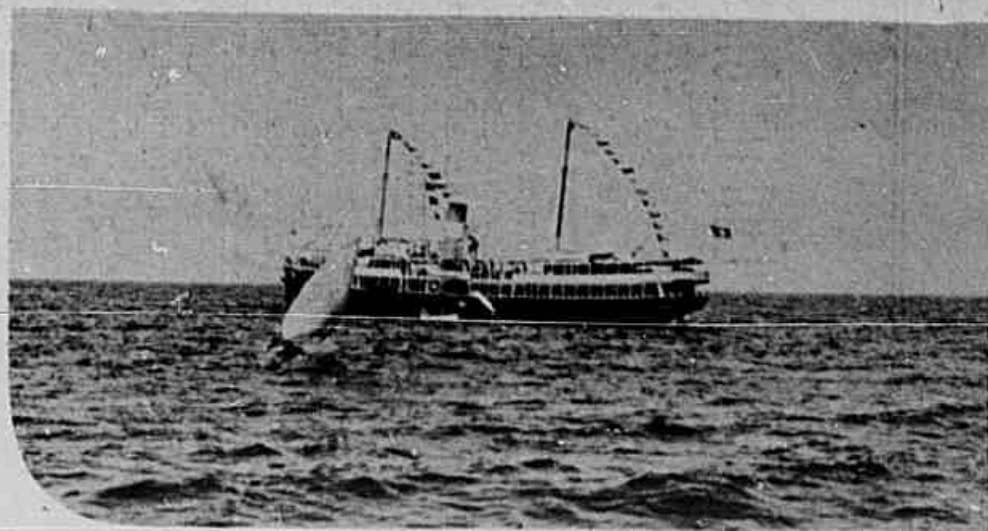
MACEIÓ: A CIDADE; VISTA DO ALTO DO MORRO DO PHAROL



R. FLORIANO PEIXOTO



PRAÇA DA CATHEDRAL



O «MARANHÃO» FUNDEADO

CÂMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTECA

A ELOQUENCIA DE SOBREMEZA

ORATORIA E ESTOMAGO

Os compendios de rhetorica e os dictionarios encyclopedicos ensinam que a Eloquencia pode ser submettida a duas classificações: — a antiga, que comprehendia tres generos, — demonstrativo, deliberativo e judiciario, — e a moderna, que considera cinco oratorias diferentes: a da tribuna, a do pulpito, a forense, a academica e a militar.

Ambas as classificações péccam por deficiencia e insufficiencia, porque nenhuma d'ellas se refere a um genero especial e interessantissimo da Oratoria: a Eloquencia de Sobremeza, a Oratoria «inter pocula». E' absurdo confundir a oratoria dos salões, da praça publica, e das tribunas populares, ecclesiasticas, forenses e academicas, onde o orador falla com o estomago vasio, e apenas tendo direito a um copo de agua para a irrigação periodica da garganta, — com a oratoria dos banquetes, dos pic-nics, e das ceias, onde o orador falla com o estomago abarrotado, e onde as imagens saltam, com a farofa, do bojo dos perús assados, e os trópos saltam, com os vapores alcoolicos, das taças de champagne, dos copos de cerveja e dos calices de vinho do Porto.

No Brasil, o genero é novo...

Os nossos avós não praticavam, nem sequer conheciam este genero particular da Eloquencia: quando se reuniam em torno de uma mesa fartamente servida, tratavam de comer e de beber á larga, conversavam, e, quando se sentiam entusiasmados, — cantavam. Eram canções patrioticas ou cançonetas bregeiras, hymnos guerreiros

ou *modinhas* graciosas, que facilitavam a digestão.

Esses bons velhos, porém, nunca se lembraram de trans-



O ORADOR POLITICO

«O MEU PASSADO RESPONDE PELO MEU FUTURO...
SABEREI CUMPRIR O MEU DEVER!»

formar a mesa em arena de prélios politicos ou litterarios...

O genero é moderno, modernissimo. E os seus cultores podem ser classificados em varios grupos, que as caricaturas de Calixto vão illustrar n'este artigo.

A' tout seigneur, tout honneur: contemplemos aqui o orador politico...

Vêde-o, austero, severo, serio, braço esticado no ardor do improviso, olhos cerrados pela contensão do espirito, affirmando a sua dedicação a um partido ao qual talvez tenha de trahir amanhã, ou affirmando o seu nobre desejo de morrer pela Patria, quando talvez o seu unico sincero desejo seja o de repetir a galantina de macuco que foi servida ha pouco...

A oratoria politica de sobremeza é hoje uma instituição indestructivel. E' em banquetes que os presidentes eleitos apresentam a sua *plataforma*, é em banquetes que se fundam partidos, e é em banquetes que se fazem e desfazem ministerios. São banquetes fartos, magnificos, em que se gasta dinheiro a rôdo: e isso não admira, porque, nelles, é sempre o povo quem paga o pato... ou o Perú. O champagne espuma nas taças. Os convivas, encasacados e graves, fingem prestar attenção ao programma politico do orador, mas estão realmente namorando o prato de fios d'ovos... E o orador invoca os "fundadores da nossa nacionalidade", os "sagrados principios de Oitenta e Nove", e declara solemnemente que "o Brasil, este colosso que vae do Amazonas ao Prata e do Atlantico aos Andes, será em breve, graças a uma politica energica, o primeiro paiz do mundo! porque elle, orador, está disposto a dar por isso a sua tranquillidade, o seu saber, o seu estudo, a sua saúde, a sua vida!". E senta-se, suado e commovido, dizendo ao vizinho da esquerda: «Que tal? fallei bem? passe-me aquelle prato de *marrons glacés*...» E, emquanto não chega o momento de morrer pela patria, arrisca-se a morrer... de uma indigestão, devorando quatro *desserts* diferentes!

Ha, porém, litteraturas e eloquencias de sobremeza muito mais pittorescas e divertidas do que essa.

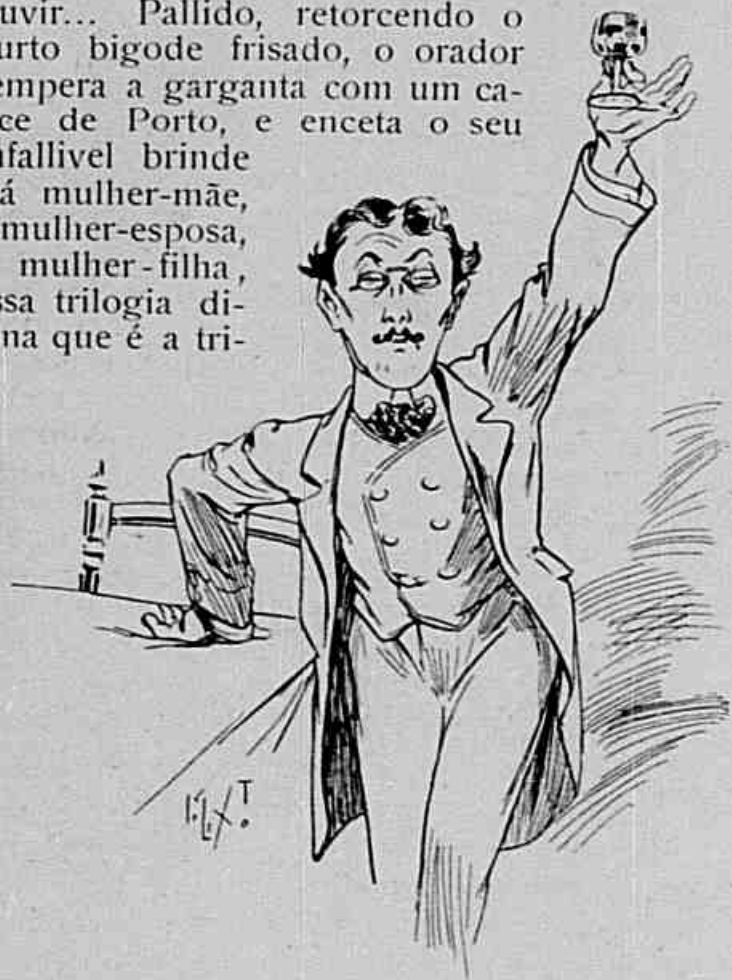
Aqui vos apresento o orador dos gremios litterarios e dos clubs *pschutts*, encarregado de agradecer «o concurso de tão nobre assistencia á nossa modesta reunião»...

E' moço, pallido, elegante e poeta. Manda versos aos jornaes, e tem sempre cinco ou seis namoradas. E', de todos os socios do club, o que mais docemente sabe fallar ao coração das moças. Ninguem marca com mais elegancia uma quadrilha americana; e vê-lo dansar uma *schottisch* é um regalo para os olhos. Tem um madrigal para cada menina; e recita versos com um calor communicativo, entre uma polka e uma walsa, encostado ao piano, com os

olhos pregados no tecto da sala e um sombrio desengano reflectido na face:

«Foi engano, meu Deus!... Não! foi loucura!...
Pedir seiva de vida á sepultura,
Em gelo me abraçar!
Pedir amores a Marco sem brio...»

A' meia noite, quando o presidente do Club convida as senhoras para «a modesta ceia», já toda a assistencia sabe que o vae ouvir... Pallido, retorcendo o curto bigode frisado, o orador tempera a garganta com um calice de Porto, e enceta o seu infallivel brinde «á mulher-mãe, á mulher-esposa, á mulher-filha, essa trilogia divina que é a tri-



O ORADOR DOS CLUBS:

«SENHORES! EU BEBO Á MULHER, ESSA ENTIDADE SUBLIME. QUE...»

pode do Amor e o triangulo da Crença!» O brinde é sempre o mesmo, e nunca deixa de commover o auditorio; e, quando as dansas continúam, as meninas, que teem a honra de dansar com o grande orador, debruçam-se nos seus braços com languidez e carinho, gosando o enlace d'aquelle moço «de tanto talento...»

Tal é o orador dos Clubs.

Ha, porém, ainda o orador dos Grupos e dos Cordões, que é do mesmo genero, mas de especie differente.

Este é mais «pernostico» e mais «art-nouveau», no trajar e no fallar, como janota e como orador. Floresce nas immediações da Praça Onze de Junho, naquella maravilhosa Cidade Nova, que é o paraíso do «povo da lyra». E' o orador das funçanatas alegres, em

que o piano alterna com o violão e a polka-militar com a modinha. E' o Lucifer das Eloás de cabello frisado e flôr atraz da orelha. E' o Don Juan das Elviras de vestido de chita e oleo-oriza no cabello... A sua immensa gravata de seda vermelha, em laço de «borboleta», é todo um poema; a sua gaforinha lustrosa, dividida em «pastas» é todo um programma.

A bebida do orador politico é o champagne; a do orador dos clubs



O ORADOR DOS GRUPOS

«SENHORES! O BELLO SEXO É O ENCANTO D'ESTA VIDA!»

é o vinho do Porto; a d'este é a cerveja. No fim da ceia, eil-o que se levanta inspirado: fixa o punho esquerdo sobre a mesa, mette a mão esquerda no bolso da calça, e solta o verbo. Diz que o bello sexo é como as flores dos jardins e como as estrellas do «espacio»: e circumvagando o olhar dominador pelas damas (que o escutam anciosas, com a empada suspensa entre o prato e a bocca, e a alma suspensa entre a terra e o céu) sente que não ha alli uma só rapariga que não morra de amores por elle. Horas de triumpho! minutos de ineffavel prazer!—e se houver algum consocio, que se atreva a disputar-lhe a victoria, o orador, á sahida do baile, ha-de mostrar-lhe que é tão bom capoeira como orador, e que tanto sabe manejar a palavra como a sardinha...

E admirae agora o «orador dos anniversarios», aquelle que bebe á saúde do «anniversariante e da sua digna familia»...

E' sempre um amigo intimo da casa, um papajantares, um «bom moço» que namora a menina mais velha, ou occupa o logar de guardalivros do pae. Tem doçuras de mel na palavra, e nunca se esquece de dizer que o momento é solemne, que a sua voz é debil, e que a dona da casa é um modelo de virtudes. E assim que principia a ceia, ainda no meio da canja saborosa, já a dona da casa, que não prescinde de receber aquelle titulo de «modelo de virtudes», diz com amabilidade: «Queremos

ver hoje o seu *brindis*, seu Manéco!» E seu Manéco, obsequiador: «De que ousadias não serei eu capaz, para cumprir as suas ordens, excellentissima?!...»

Mas a galeria é vasta, as espécies são inúmeras, e nem todo um numero da *Kósmos* bastaria



para conter descrição de todos os nossos oradores de sobremesa...

O ORADOR FAMILIAR

«SENHORES! NESTE MOMENTO SOLEMNE, EU FALTARIA AO MAIS SAGRADO DOS DEVERES...»

Admiremos mais um, apenas: o orador das associações commerciaes, presidente de sociedades beneficentes, ou provedor de irmandades.

E' commendador, tem cadeia grossa com medalha pesada, e um grande *pharol* no dedo. E' timido, e sente colicas na alma, sempre que se vê em taes apuros. Mas, como não ha remedio, faz das tripas coração, e, empunhando a taça, agradece, á hora do *lunch*, depois da sessão solemne, o retrato a oleo, ou a sua

eleição para presidente ou provedor. Falla da sua probidade commercial, enumera os seus ser-



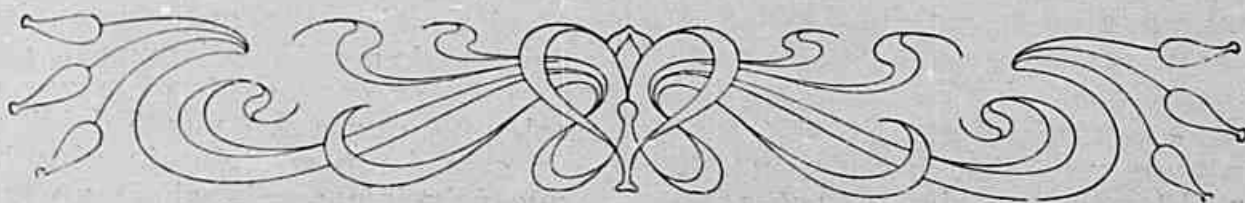
viços, gagueja, e acaba ás vezes chorando, com a voz embargada pela commoção.

O ORADOR PÉ-DE-BOI

«SENHORES! DISCURSO É DISCURSO, E NEGOCIO É NEGOCIO!»

De um sei eu, que fez um dia um discurso notavel... Uma sociedade beneficente e recreativa, que estava quasi quebrada, e precisava de dez contos, elegeu-o presidente, e offereceu-lhe um banquete. Depois de ouvir doze discursos, n'um profundo silencio, o commendador levantou-se, e disse, pondo sobre a mesa os dez contos: «Eu cá nunca fui orador! comigo, é pão-pão, queijo-queijo... Ou isto é uma sociedade séria, ou é uma borracheira. Se é uma sociedade séria, cá estão os dez contos! se é uma borracheira, vão-se vocês todos p'r'o meio do inferno, que eu não entendo de labias!»

FANTASIO



A morte da serva

QUANDO passou a tumba pela quelha da Hera, atalho sombrio do cemiterio, todos os serviçães da quinta subiram ao muro e, curvados, num renque de troncos soluçantes, disseram o adeus derradeiro á Florinda, a boa cachopa, a, outr'ora, mais radiosa e doce serva do conselheiro Esteves Pinhão.

Ninguém, do seu sangue, a acompanhava, pois a unica pessoa que lhe restava na Terra era sua mãe e essa, muito doente, a engelhar, feito uma decrepita, — embora só tivesse os seus quarenta, estava distante, muito atraz das cordilheiras abruptas, na margem do seu nostalgico Corgo. Mas muitas creaturas alheias o fizeram, e, olhos marejados de lagrimas, lhe levaram ao coval ramos d'amarantos e goivos. Outras, que não puderam ir, desfiaram á noite os rozarios por sua alma, numa saudade viva.

Como poucas raparigas, Florinda deixava gratidão nos corações dos pobres, d'alli e de fóra, pela esmola que lhes déra sempre, ás vezes, até, ás escondidas dos amos. E, como nenhuma, deixava a falha da sua antiga alegria, — a sua antiga alegria, suggestiva e cantante, dissipadora de resaios e amarguras. Era de ouvil-a, nestas occasiões; e mais, ainda, se reparava no franzido triste de um rosto d'amiga: « Menina! A vida não vale amargores. É a pessoa que os tem não sabe gosar, è tola! » E logo, rebentando-se-lhe o riso numa casquinada de desmanchar misantropos, agarrava a amargurada pela cintura e fazia-a rodopiar enquanto lhe não quebrasse, de vez, o torpor.

Nunca afinal ella pensara que o raio lhe cahiria em casa — e de que modo!... Agora o peor — que isso de morrer era o menos, tinha de succeder... — o que causara em toda a gente que lá esteve repellões d'horror, maguas de dilacerarem o coração, fóra o encontro brusco do corpo expirante de Florinda debaixo da grande penedia, quasi tallhada a pique, sobre a deveza do sr. Donim.

Como estava aquelle corpo!

Ao rolar — todos já sabiam, ella atirara-se do cimo da rocha — as vestes em farripas lhe haviam dado, misericordiamente, a compostura. Mas esse corpo, de sã esculptura ainda ha bem pouco, não deixára de escancarar o horror...

Os cabellos, sempre rebrilhantes como a plumagem dos corvos, viam-se, numa rodilha, cahidos ao lado, sem lustre e emmaranhados do limo e musgo da penedia: e a fronte, lisa, tão marmorea noutro tempo, era riscada de sangue, como se este borbotasse de uma corôa de espinhos; os olhos, com cujo brilho tantos rapazes havia enleado, não passavam de um ponto congestionado, a pupilla a luzir mortiça na iris e na cornea confundidas: e o nariz, que tantas vezes peccara ao cheirar a fragan-

cia voluptuosa dos cravos da offerenda dos pretendentes, definhava sangue denegrado, pisado, e mostrava a cartilagem em massa; a bocca, raro escassa da cantiga, parecia abrir, pela cadeia dos labios rebentados, uma benção á Morte proxima: e os seios, socando riço, ao menor afogo, nos seus tempos de nubil desejada, ondulavam agora fracamente, mal repuxavam o casaco de chita pobre, como num ultimo sorvo de vida...

E foi assim Florinda transportada, em padiola de estrumeiras, para casa dos amos, onde morreu instantes depois de entrar no seu quarto, embutido, como um nicho, sob um escadório de pedra.

O conselheiro não gostara, quizera obstar a entrada da serva, pois que ella, quasi cadaver, ia esmorecer a alegria que havia lá, desde manhã cedo, pelo casamento de seu filho Armando com a morgada de Rendufinho. Porém, a instancias da senhora — aquillo é que era senhora de alma, que já se não lembrava do que fizera a creada em meio do festim! — accedera.

Dias depois. Em casa da sra. Carolina Rendeira, uma pessoa que, louvado Deus, sabe de toda a vida alheia, dissecando-a sempre com langor a quem queira escuta-a devotamente, a quem queira ouvir estuar-lhe na lingua a sua maldadesinha de serpe. Como soffre dos olhos — que, emtanto, enxergam mais que todos os da aldeia reunidos, — tem o innocente vicio d'atulhar as narinas de simonte, com cujo distillado côr de mel costuma, por descuido, besuntar os mais ao estralejar o lenço. Tambem, é este o seu unico vicio: porque isto de se occupar com a vida dos seus semelhantes e fazer alguns patacos com um lenocinio recatado — não é vicio, é simples distracção, creiam, meus senhores. A sociedade que a procura é homogenea, não faz arredar o psychologo deste ambiente sem macula: angelicaes creadas invejosas, sempre a vomitarem intrigas da Ermelinda, que é virgem e não mente, e da Maria, que é casada e não faz côro com ellas; recoveiras de amores maltrapidos, passo leve e fallas doces; mulheroio de palheiro e baiuca, perna tesa e lingua de trapos.

No momento só está, de fóra, uma creada do conselheiro. E' já madura, um excellente typo d'Erinnyia; e como, a dizer a verdade, é pouco perspicaz, saca esta pergunta logo ao pisar da soleira:

— Porque seria, ó sra. Carolina, que Florinda se atirou do escarpede abaixo? E que sitio ella procurou p'ra se matar! Cruzes! Só p'ra subir tinha que dar á perna a bom dar e de esticar a lingua como um cão damnado!

A sra. Carolina escancara a bocca com uma gargalhada lassa, mistura de goso de sabichona e bafo nauseante; e mostrando a fieira escabra dos dentes sordidos:

— Pois, então, vem., que era parceira, não sabe?! Ora a graça. Ora que santinha... de páo caruncho! Oiça. Florinda, aquella impos-

tora, amava. Amava muito, feito louca, — que isto d'uma mulher fazer o que ella fazia por um homem, santiamen! é só de louca. Vae d'ahi, como elle promettesse mundos e fundos — brincos d'ouro e saias ricas — entregou-se-lhe.

Quem foi o seductor?

Agora, minha linda, espante-se: nem mais nem menos que o fidalgo Armando, filho do seu amo, que casou noutra dia com a delambida de Rendufinho.

Eu bem quiz amanhar, conforme as minhas fracas posses, um futuro a essa parva da Florinda. — E, approximando o mocho da interlocutora, á puridade, mão curvada ao canto da bocca: — O africano de Villar, rico como era, e é, morria por ella; mas a ingrata, cheia de purezas e melindres, sacudiu-o, e ainda por cima se zangou commigo!

Vê-se bellamente, que o despeitosinho da sra. Carolina açulou a mentira. Mas não importa: ella o que quiz foi contar, á sua guisa, a parte desgraçada dos amores de Florinda.

A historia de Florinda... Toda a boa gente da terra a sabia com tristeza, de cór, e sem adulterações.

Armando, depois de uma ausencia longa, voltara á quinta havia dois annos. O pae, em epoca longinqua remediado lavrador e fraco politico, mas um tudo-nada intellectual, e hoje com o alto diploma de conselheiro, grande influencia na Politica, moeda em solidos bancos, terra feraz espalmando-se por duas leguas em derredor, e gado nedio em amplas córtes, mandara-o primeiro para Coimbra, afim de o metter na Universidade logo que fizesse os preparatorios do Lyceo. Breve porem lhe ordenou que regressasse, pois o *bicho* deu em cahir frequentemente em patuscadas infrenes, com guitarradas até horas d'alva, e em atirar «p'r'os quintos!» os livros.

Depois mandou-o para Lisbôa a ver se, com o trabalho, o emendava d'aquellas estroinices, cuja repercussão se fazia sentir ainda com maior estrondo na terra onde o grave conselheiro tinha parentes pudicos por todos os angulos. O rapaz, ao tempo nos seus desoito annos, portou-se bem, a não aldravar, com virtude d'asceta, na casa commercial, d'atacado, em que o arrumara um tio, grande capitalista e summo carola. Aquelle regimen claustral, da ordem do olympico rei dos ladrões, condensado nos conselhos bentos do tartufo, não deixou comtudo de lhe fazer os seus nervos; mas supportou-o por fim, resignadamente, visto não ter lá ninguem por si, nem receber um carinho compassivo do lar, nem, ainda peor, ter dinheiro.

Porem, de certo tempo em deante, fizeram-lhe ordenado; e o pae, sciente do bonito comportamento do filho, deu em lhe escrever a miudo, sempre com saudades e abraços de todos.

Aquillo confortou-o, fez renascer-lhe o antigo fervor pela bórğa. E, passado tempo, disse ao pae, por carta lacrimosa e bem lan-

çada, que estava crescido, feito um homem, e que, por isso, tendo sempre o mesmo numerario, que mal lhe dava para botins, necessitava de mais dinheiro.

O pedido era rasoavel, o papá estabeleceu-lhe mesada.

As esturdias do antigo estudante levaram, de roldão, o caixeiro a faltar ao serviço. O primeiro alarma partiu dos companheiros, que illucidaram os patrões «que o sr. Armando não estava em casa do tio, doente, como elles cuidavam, e sim a larear pelos theatros e conventillos». Um dos socios notificou ao tio. Este, as bochechas apipadas de raiva, foi logo procural-o.

Depois de espionar bairros e bairros, e já exausto, encontrou-o ás portas da cidade num trem aberto, enterrado no meio de duas raparigas attrahentes, bellas rosas da Perdição nos seus vestidos e chapeos d'escandalo. Mas o trem rolava, fugia por uma parelha ardente; e o tio só poudo brandir a sua bengala de canna amarellada, numa ameaça terrivel, por entre a nuvem de poeira que, qual sarcasmo, levantavam os pegasos d'alt'guer.

O pae soube logo, quiz o bedelho da policia; mas, como unico remedio, suspendeu a mesada ao vadio.

Este voltou ao trabalho, todavia, muito de-finhado, um molho d'ossos. Aguentou alguns mezes, ainda assim; e depois, a cahir, o pae... — sempre era pae — fez recolhel-o á quinta para lhe tufar as pellancas, esconder a carcassa, e lhe dar juizo.

Os primeiros tempos foram de tristeza, palavras asperas do pae, lagrimas da mamã e olhares esconsos dos parentes. Mas Armando melhorou de physico, a pelle retezou e coloriu-se. E então teve «bons dias» agradaveis do conselheiro, caricias fugidias da mãe e perguntas sympathicas, sobre a sua saude, da intérima parentela.

Porfim, era querido de todos; e o conselheiro, para mostrar que tudo estava esquecido, disse-lhe que desejava fazel-o homem... E, como prova d'ouro, batendo-lhe na omoplata:

— Conheces a casa de Rendufinho? Rica, muito rica. Tem as suas celebradas 365 janelas...

O sr. conselheiro, por instantes alheio a Lavoira e Politica, refere-se depois, com arrebiques d'arte, ao grande luxo interior. Quadros de cotação: os entendidos, por de traz dos seus oculos maravilhados, citavam, até, um pequenino Crepusculo, — o seu moinho de vento cravando as pás no céu triste, de Potter, e um motivo mystico, de Goya. Mas o que, lá, saltava mais aos olhos, como uma flôr vermelha numa mouta verdejante, era a disposição encantadora dos trastes. E, então, as jarras, de collo elegante, poisadas sobre toalhinhas bordadas, com que doçura não offereciam, eternamente, ramos frescos! E, então, as trepadeiras, de rastejos caprichosos, com que verdor deleitoso não coroavam as janellas para livrar as salas dos raios crestadores do sol!...

E conclue:

—Sabes quem se deve tudo isso? A' Georgina, filha mais velha do sr. morgado, uma joia sem preço do relicario dos de Rendufinho. Ah! como é ditoso aquelle pae... e como o será o rapaz que conseguir a mão da morgadinha! Monta e vae até lá, Armando; nós somos amigos velhos...

Armando foi.

A morgadinha, muito loira, olhos transparentes como porcellana, cintura quebradiça e voz modelada em gorgeios, fel-o vibrar. E ao voltar pela estrada velha—toda enfileirada de carvalheiras de um verde lindo d'esperança, em cujos galhos colossaes se desmanchava a ultima peneirada do sol—Armando devotou todos os sentidos a Georgina. Como era extraordinaria a detença de uma rapariga assim galante numa aldêola cujos de mais habitantes eram pategos d'alta crosta e fidalgotes trementes tresandando a codices e chronicas de soporiferos freires!

O conselheiro, ao vel-o entrar em casa, uma doçura apprehensiva nos olhos, augurou que «Amor tecia a sua rede em torno d'aquelle coração». E, affectando despreendimento:

—Então, gostaste? Bello passeio... Excelente fidalguia.

Não tardou o ajuste do casamento. O bodo, a pedido do conselheiro, seria na sua quinta, pois, então, já estaria prompta a capellinha que ia mandar construir por encommenda da mystica esposa.

Entanto, Armando, festivamente, vae desencadeando os dias, ou em Rendufinho, ao pé da noiva, ou na sua aldeia, em batidas aos coelhos, pelos montes trescalantes de joina e rosmano, seguido de um moço com furão e da canzoada atassalhadora da casa.

Por uma manhã cheia de luz e azul, em que toda a tela rustica parecia irradiar alegrias paradisiacas, elle dirige-se até ao monte do outro lado do rio: pois os montes de cá já estão sem peça—passados e repassados todos os seus estevas, farejadas todas as suas luras.

Antes da ponte, no meio da vereda que desce em torçicollos esburacados, enxerga um listrão de lavadeiras nas pedras do rio. Cantam; e os ouvidos do caçador delicias-se, sentem bella inspiração nos versos e na musica, bom chrystal nas vozes.

Mas, ao passar a ponte:

—Bons dias, sr. fidalgo! saudam, unisonas, as lavadeiras.—E uma, já fóra do concerto, acrescenta:—Seja feliz na caçada, senhor! Que esse moço não possa carregar, de tantas, as lebres e as perdizes.

Armando, ao corresponder ao magote e agradecer á que, tal a sua gentileza, lhe fazia derrear o empregado, aliás um latagão de respeito, notou que o rosto desta era forinoso, muito illuminado pelos olhos.

Da outra banda, encosta a riba, pergunta ao machacaz quem era aquella cachopa.

Que era uma afilhada do abegão do solar da Feitosa, vinda de Traz-os-Montes, e que estava a entrar para servir lá em casa do sr. fidalgo.

Uma semana depois Florinda era creada do sr. conselheiro Esteves Pinhão. Armando, aureolado de contentamento, trata-a com suavidade, joga-lhe ditos enleantes como amavios de brujo, falla-lhe, por fim, d'amor...

Ella, simples filha das serras, ouve-o aturdida e acha-o sincero; olha-o humildemente e acha-o escoreito, muito alto, bello—e não augmentava, ágora!—á maneira dos cavalleiros das lendas que ouviu de uma tiasinha da sua terra, muito velha, a cabeça em frocos de neve, a lingua perra...

E uma noite, apesar de tempestuosa,—vento a derrubar arvores, chuva a formar caudaes, e trovão a abalar casas—Florinda, consoante havia tratado de dia, leva-lhe o corpo ao palheiro retirado, perto do campo, a perder-se entre oliveiras gementes. Chega a escorrer agua, o coração em agonia.

E por isso, ao entrar, como a pedir desculpa:

—Estou toda alagada, a tremer... O melhor será voltar, já, meu senhor!...

—Não! Não voltes! Tens a camisa enxuta, é quanto basta!—regougou a voz de Armando. E logo os seus pulsos, como engates de ferro, a arrebataram para dentro, tombando a sobre a palha.

Durante mezes o filho do conselheiro se dedica áquelle corpo, e deixa em penumbra a morgadinha. Mas, naturalmente, vem o enfado; e elle descobre que a serrana é suja como uma larega, de curvas sem cadencia, e falla asperrima inundada de x.x. Ao tempo que a figura da morgadinha esplende na sonoridade das suas fórmias intangiveis, soletradas ao de travez do seu vestido justo, de casimira leve, e na galanteria do seu trato, e no encanto do seu olhar.

Porem, Florinda continua em casa de Esteves Pinhão: não se julga, a pobre, com forças de deixar de ver Armando, de lhe ouvir a voz, de o adorar, como a um deus, todos os dias, de o bajular com sentido de elle lhe jogar uma palavra menos brutal, que, para o seu coração tresloucado, é prenuncio do antigo amor a reviver!

Quizeram mandal-a embora, por via de fazer agora tudo desordenadamente, sem asseio, e de trajar com sujidade. O sr. Armandinho chegára a queixar-se á mamã que «aquillo não tinha geito, que qualquer dia o estafermo se apresentava a servir á mesa mais farruscada que os carvoeiros!» Mas a senhora disse que talvez se emendasse, que, por piedade, a deixassem mais algum tempo.

Veio o dia do casamento de Armando. A senhora, na vespera, chamou Florinda e recommendou-lhe, maternalmente, que se asseiasse bem, enfiasse a saia de panno que lhe dera naquelles dias, e que, ao servir, fosse

cuidadosa... Ella prometteu, apparencia muita tranquila, obediente. Mas assim que recolheu ao seu quarto e considerou, de fugida, nesse casamento, cuja noiva lhe roubava para sempre Armando, rolou no leito, escabujou, quebrou-se em soluços, arrancou mancheias de cabello, arranhou a cara; e sómente ao vir, ultimas horas da madrugada, a frouxidão de todos os seus membros martyrisados, é que adormeceu.

A's sete porem soou uma estrupiada frenetica, da senhora, na porta e teve de se levantar. Antes de sahir foi olhar-se ao pequeno espelho, redondo, com casca de estanho, para ver que tal tinha o rosto, das punhadas. Tinha-o muito esganhado, tinha... Quiz fugir, então,—fugir para onde ninguem a visse! com vergonha de se amostrar. Mas o coração pediu-lhe, constricto, novo sacrificio e ella apresentou-se para servir, para ser util a Armando...

la um movimento ensordecador, sem resfolego, por toda a quinta. O terreiro, embora espaçoso como um campo, estava coalhado de gente do lugar e de Rendufinho. De onde a onde estrugiam vivas aos nubentes: e a cachopada garrida, em grande roda, de mãos dadas, cantava e dançava como num arraial. A cerimonia estava marcada para as dez; depois haveria o almoço nupcial.

Florinda, até essa hora, esteve por duas vezes a querer fugir:—ao ver a noiva, que nunca tinha visto, e quando ella e Armando, muito risonhos, voltaram da capella, casados. Depois, no principio do festim, a pobre levou safanões da governanta, por haver entornado terrinas e deixar calir pratos. Por ultimo a dona pol-a aos ponta-pés da sala para fóra, porque «a labrega se lembrou de estacar de frente dos noivos, a ollhal-os, como a querer beber-lhes as palavras.»!

Então, humilhada deante de todos, principalmente dos noivos, não aguentou mais: desceu ao terreiro, fundiu-se no cadinho do povooleo estrepitoso e, como um veio imperceptivel, desapareceu ao largo das searas tisnadas.

Seria meio dia. Tempo toldado, frio. O sol, quasi sempre tapado, só uma vez ou outra carregava sobre as grimpas nevadas das serras d'alem.

Florinda, em soluços, seguia pelo carreiro da fonte do passal: tomando este rumo, tinha desejos de encontrar, na bica, uma alma bondosa que a consolasse e a quizesse ouvir. Mas esperou, tempo e tempo esquecido, sentada nas lagens frias, e não lhe appareceram uns olhos.

Como era infeliz!... pensou ao lhe sahir um suspiro fundo. Tudo estava perdido; não lhe restava uma esperanza sequer. Esperanças... E ella que as tivéra tão risonhas, promettedoras como milharaes viçosos!... E todas, todas desfeitas como o pó das estradas muito batidas! Ai! Mas a mais cara dessas esperanças é que lhe custára a perder. Era esta. Lembra-se como se fóra d'hoje.

Muitas vezes Armando lhe disséra, pela doudice da posse da sua carne a escaldar em peccado, que mais tarde calcaria aos pés a vontade dos paes, e fugiriam depois ambos, para longe, casando na primeira parochia.

Que felicidade, senhor Deus!... E, resignada, com o mandil a colher as lagrimas:

«Mas que pretensão a minha! Então elle, aquelle rapaz bonito, que ha pouco vi brilhar entre todos os que estavam á mesa, lá me podia q'rer?! Que cegueira... Elle só mesmo p'rá outra, a morgadinha... Aquella senhora tão pura no seu vestido com flores de laranjeira, tão rica nas suas joias, tão branca, tão linda... como a vi no bodo!... E eu? disse-me, ó aguas da fonte, ó lagens e arvores; e eu, o que sou? Uma mulher perdida, uma reles creada, suja e feia!»

De repente porem, como tocada por uma columna de fogo vivificador, Florinda ergue-se e, mãos em garras, olhos tumidos de colera:

«Oh! Mas, eu embora não tivesse vestidos caros e joias ricas, era candida, tinha belleza como ella, era alegre, tinha o socego do coração! E aquelle perjuro roubou-me tudo, tudo!...»
—E resoluta:—«Hei de vingar-me!»

Senta-se de novo. Desanuvia-se-lhe o rosto do odio. Estremece-lhe o ventre com um abalo do filho e, como recriminada por este, tem lagrimas de desanimo e esquece aquella jura.

Porem, d'ahi a pouco, fraca d'artelhos, mas firme de outro proposito, toma para a deveza de Donim.

Era tarde. A vespera não tardaria com a sua temperatura arrefecente, congeladora do sangue mais moço. Os trabalhadores dos campos e tapadas começavam a recolher, satisfeitos, a garganta a molhar-se-lhes em canções amorosas, de toada prolongada.

E Florinda, que ha pouco deixara a chã das searas, lá ia a riba, pela quebrada que cintava, á direita, o penhasco.

Está no coruto, emfim! Olha para a paisagem, lá baixo, e acha-a cariciosa: muito embora d'inverno, rapada, e melancholica como a sua alma. Olha para os lados, socalcos das montanhas rugidoras, mal as fustique o vento, e sente uma serenidade de primavera e que todas as cousas estão comsigo, bemdizendo o seu intento... Ajoelha-se agora, frente para o Occaso em purpura, e diz uma oração férvida, coberta de rogos ao Senhor; ao Senhor, para que lhe perdoasse!... E, ultima encommenda desfeita, rola pelo penhasco.

Ao meio deste o corpo queda-se num cerquinho: Florinda quer pegar a vida, ainda estava em tempo, umas pequenas escoriações no rosto, a roupa um pouco rasgada; mas, lembrando-se do repudio de Armando, mais do filho nas entranhas, desespera-se com aquelle empecilho da morte, desprende-se d'elle com um anathema raivoso, e continua a rolar, a rolar, sem gemidos, até baquear em baixo, na terra barrenta da deveza.

Adiário 家 事 家 簿

AGORA HOJE CONHECIDOS!

Prêmios honrosos em todas as exposições.

Exposição Internacional de Chimie de Paris
1889, 1893, 1895, 1897, 1904, 1906, 1909, 1914, 1921, 1925, 1931, 1934, 1937, 1939, 1947, 1954, 1958, 1963, 1967, 1970, 1974, 1978, 1982, 1985, 1989, 1993, 1997, 2000, 2003, 2007, 2010, 2014, 2017, 2020, 2023.

Exposição do Laboratório Municipal: Ch. Girard.

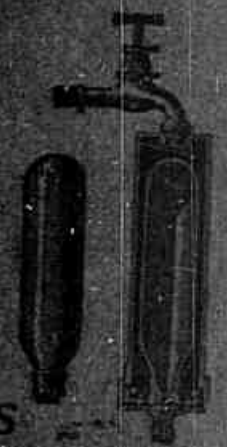
FERREZ & COMP.

Rua de S. José, 96

AMERICA E CHINA

FERREZ & COMP.

PEDIR AOS AGENTES



(Filtro de pressão)

MARC FERREZ

MATERIAL PHOTOGRAPHICO

Rua de S. José, 96

RUA DE JANEIRO

APERITIVO

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KÓSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**À VEDDA DA
RUA DA ALFANDEGA, 24**